

Monitorada no Brasil, febre do Nilo Ocidental se espalha também pela Europa

PAGINA 42



Filiado
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS
@jornal_agazeta
agazeta.ap@uol.com.br
Jornal a Gazeta



GAZETA
do Amapá

Noticiando a Verdade

Ano XXVII | Número 9.023

Macapá(AP), domingo e segunda
30 a 31 de agosto de 2026



Amor à primeira vista? Entenda o segredo da atração e por que nosso cérebro decide se 'gosta' de alguém em apenas 3 segundos

PAGINA 27



Paraná Pesquisa: Se a eleição fosse hoje, Dr. Furlan seria eleito no 1º turno e Rayssa Furlan e Lucas Barreto conquistariam vagas no Senado

Nova pesquisa do Paraná Pesquisas mostra Dr. Furlan com 60,3% para o Governo do Amapá e ampla vantagem sobre Clécio que está com 33.1%; Rayssa lidera corrida pelo Senado com 56% e Lucas Barreto aparece em segundo, com 38,1% **PAGINA 4**



Amapá pode abrigar a maior descoberta de petróleo do Brasil em 20 anos **PAGINA 5**

CEA Equatorial brinca de “esconde-esconde” com a energia no Marabaixo

PAGINA 3



COLUNISTAS

JOSÉ SARNEY
Página 2

ALEXANDRE GARCIA
Página 7

TITO GUIMARÃES
Página 12

ROGÉRIO DEVISATE
Página 25

CLAUDIO HUMBERTO
Página 2

JB CARVALHO
Página 10

ARACIARA MACEDO
Página 22

JOÃO DE DEUS LOBATO
Página 46

GAZETA
do Amapá

Noticiando a Verdade

[jornal_agazeta](#)

agazeta.ap@uol.com.br

[Jornal a Gazeta](#)

Presidente:
Sillas Assis Júnior

Diretora Geral:
Giordana Assis

Diretor Sucursal Brasília:
Silvio Assis

Diretor Comercial:
Manoel Picanço

Diretora de Jornalismo:
Araciara Macedo

Propriedade: GRUPO DE
COMUNICACAO GAZETA

AMAPÁ
CNPJ: 60.539.648/0001-62
Endereço no Amapá: Avenida
Raimundo Alvarez da Costa, 2685,
Cep 68.901-256

Sucursal Brasília: SHIS QL 06
Conjunto 05 Casa 12 - Lago Sul -
Brasília - DF, Cep: 71.620-055

Críticas e Sugestões
(96) 99963 8555
Email: araciara.macedo@gmail.com

ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNAIS

Nos bastidores Política e Poder

BY CLÁUDIO HUMBERTO

NA CÂMARA, DEPUTADOS NEM SE IMPORTAM COM JORNADA: ELES CUMPREM ESCALA ‘6 POR 44’
Deputados passariam apertado se a remuneração das excelências fosse com base em produtividade. A coluna levantou a quantidade de sessões deliberativas no Plenário da Câmara nos últimos três meses. Foram 50 entre 1º de junho e hoje. Deliberativas, aquelas nas quais há votação (portanto, as que importam), apenas 16, ou 32%. O restante foi apenas embromação, como sessões solenes ou homenagens a pessoas ou instituições anônimas fora do reduto eleitoral do deputado proponente.

SEM MUITO ESFORÇO
Como ninguém é de ferro, os deputados flexibilizaram a rotina e liberaram votações remotas, via aplicativo, no período analisado.

NA MOLEZA
As sessões semipresenciais dominaram nos últimos três meses. Só seis votações foram presenciais, as outras 10, todas à distância.

VAI E VOLTA
A última vez em que a Câmara obrigou os deputados a pisarem em Brasília foi há muito tempo, lá em 17 de junho. Depois disso, liberados.

AUSÊNCIA GARANTIDA
Mesmo o tal “esforço concentrado”, para inglês (ou eleitor) ver, não teve presença obrigatória. Todo mundo votando de onde bem entender.

MENTIRA DE LULA DESCREDIBILIZA TUDO O QUE ELE DISSE
Quem mente sobre o que está documentado em fotos descabeliza o resto do que diz na mesma conversa. Foi o que aconteceu na noite de quinta-feira (27) e, pior, na emissora de maior audiência, quando Lula mentiu dizendo que “nunca vi essa moça na minha vida”, referindo-se a Roberta Luchsinger, lobista sócia do seu filho Lulinha. Não só a viu como a recebeu até em festinha familiar, tipo aniversário. Mentiu também sobre o filho, as investigações, os dados da economia, sobre o seu governo.

VEXAME PRESIDENCIAL
Desta vez o arquivo visual estava à mão de qualquer um com acesso ao Instagram, e logo viralizaram os flagrantes de mentira, um vexame.

MENTIR É OPÇÃO RUIM
Diante da câmera da TV, Lula preferiu o risco da mentira óbvia ao ônus de admitir prox-

imidade com quem hoje está no centro de três inquéritos.

SUSPEITAS REFORÇADAS
Ao mentir, o presidente não protegeu Lulinha e nem desfez as suspeitas da Polícia Federal. Apenas as reforçou de modo que pode não ter volta.

É COMO ‘NÃO SABIA’
Ao escolher “nunca vi”, como artimanha para se descolar da lobista Roberta Luchsinger, Lula garante lugar reservado na história dos muito enrolados, na versão atualizada do “eu não sabia” do mensalão.

TODOS NA TORCIDA
O senador Carlos Viana (PSD-MG) reagiu à revelação que Maurício Camisotti fechou delação premiada com as autoridades no caso da roubo-heira aos aposentados do INSS: “Quem roubou quem mais precisava de proteção não vai sair ileso”.

MENTIRAS EM SÉRIE
Entre as muitas lorotas no Jornal Nacional, Lula disse haver “herdado” um déficit fiscal de 2,8%. Mentiu de novo. Na verdade, recebeu do governo Bolsonaro superávit de 0,5% do PIB e R\$54,1 bilhões em caixa.

NEM ‘FABRICANDO’
Outra lorota de Lula foi afirmar que o que “o orçamento desse ano” terá “superávit primário de 0,1%”. Com o déficit de R\$140 bilhões em 12 meses recém-divulgado pelo Tesouro Nacional, superávit, nem fabricado.

ALVO ERRADO
Projeto de Eduardo da Fonte (PP-PE) proíbe redes sociais para menores de 14 anos. O alvo deveria ser outro: os pais que expõem a meninada aos perigos da internet. Mas políticos não mexem em país, eles votam.

INTERESSE GRANDE
A plataforma Polymarket, que foi proibida no Brasil pelo governo Lula, movimentou mais de US\$2 milhões em apostas só na sexta-feira (28) sobre a eleição presidencial brasileira.

MANSPLAINING LULISTA
Bibo Nunes (PL-RS) estranhou mais um sumiço da barulhenta lacrolândia, que nada falou na “aula de mansplaining” de Lula durante sabatina na TV. Foi corte atrás de corte interrompendo a jornalista.

SILÊNCIO ENSURDECADOR
Eduardo Bolsonaro comprou o barulho da foto do sicário de Daniel Vorcaro, dono do Master, que disse ser montagem, com o farto registro de Lula em confortáveis poses ao lado da lobista Roberta Luchsinger.

PERGUNTA NA TV
Foi sabatina ou reprise de Pinóquio?

CLAUDIO HUMBERTO
Jornalista brasileiro, colunista e editor-chefe do Diário do Poder.

Temperança e Resiliência

JOSÉ SARNEY

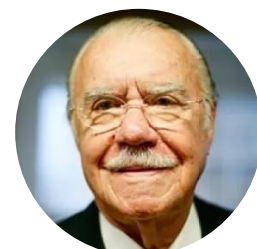
As palavras também sofrem os efeitos da moda. Entram e saem conforme os tempos, costumes e jeitos de se apresentarem. Há séculos a temperança ganhou um privilégio muito grande, desde que foi considerada por Aristóteles como uma virtude cardeal, ligada ao comportamento teológico, sinônimo de equilíbrio, moderação e sempre presente na maneira de viver. Também Jesus Cristo usou a palavra intemperança, quando quis expressar a ausência de temperança, como relata o Evangelho de São Mateus, ao condenar “os escribas e fariseus” que estavam “cheios de roubo e de intemperança. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o que está por fora fique limpo”. Ele, portanto, considerava a temperança, como Aristóteles, uma virtude ligada à limpeza de alma e de corpo, considerando os fariseus hipócritas “porque oravam de pé nas sinagogas para que fossem vistos”. E hoje a temperança está entre as virtudes do equilíbrio, do entendimento, de uma conduta sem violência e na busca de um temperamento tranquilo, para se encontrar sempre uma convivência

sadia e humana. Infelizmente, não é ela que está presente nos homens públicos do nosso país. O que vemos é um desencadeamento do ódio, da intolerância a presidir as relações humanas sem limites, o menor que seja, para o desencadeamento da irritação e da intolerância. Tudo isso o contrário da temperança. Uma vez, no Palácio do Planalto, conversando com a presidente Dilma, nas longas divagações que ao longo das audiências mantínhamos, falei da ausência da tolerância no trato da política. Naquele tempo ainda não tínhamos alcançado o nível de radicalização que temos hoje. A presidente concordou comigo e aceitou a nossa análise, mas acrescentou que a temperança tinha uma conotação religiosa. Concordei porque os exegetas dos textos canônicos a consideravam uma virtude, e como virtude era tida. Mas no relacionamento humano e na filosofia era tida como uma virtude de convivência, pois era uma conduta que no fundo era a conduta de equilíbrio, na qual era imprescindível o recurso à violência e à radicalização. No caminho de saber o sentido da palavra — “no princípio era o verbo” —, vamos agora seguir com outra que entrou em nossa

convivência e, sem ser convidada, passou a estar em todas as citações e depoimentos: resiliência, cuja origem vem do nosso latim, resilire, saltar para trás, voltar ao estado original — re, para trás, e salire, saltar — ou seja, voltar ao passado e neste recuperar-se. Na política, direita e esquerda não se enquadram nestas duas palavras: temperança e resiliência. A busca do equilíbrio, acalmador das divergências, não está se enquadrando nem num, o radicalismo, e nem noutro, bem parecido com o outro, o ódio, a raiva, considerando o inimigo, e não o adversário, que seria sempre o exercício da democracia madura. Agora, as palavras, mais do que todas as coisas, sobretudo a palavra escrita, têm a ambição de guardar sentimentos, julgamentos, amor, amizade, paisagens, momentos e lágrimas, sinônimo de tristeza, para a eternidade. A palavra escrita assim é a memória do tempo, da personalidade, da vida de quem deseja ser eterno. A palavra é neste patamar o tempo de pensar. A conclusão que nos invade é de que a democracia continua sendo, no Brasil, aquela definição do Otávio Mangabeira, “uma plantinha tenra, que precisa ser

irrigada, diariamente”. Quando comemoramos, no ano de 2025, os 40 anos de democracia, aniversário da Transição Democrática, tivemos a oportunidade de dizer que o lema da UDN, o partido que marcou minha formação política, de “o preço da liberdade é a eterna vigilância”, frase que Afonso Arinos dizia-me ser de Thomas Jefferson, significava o mesmo sentimento da “planta tenra” de Mangabeira, isto é, necessita de um permanente cuidado, pois liberdade é sinônimo de democracia, e o fato de que, no mundo de hoje, os países que são governados por regimes autoritários são em números representativos e, se formos somar o PIB desses países, chegaremos à conclusão de que esse número está num equilíbrio entre as democracias e as ditaduras. Sempre tive uma grande admiração pelos Estados Unidos. Pela sua missão histórica que o destino da humanidade lhe entregou de difundir no mundo os ideais democráticos, de defesa da liberdade e da implantação daquele regime que Abraham Lincoln definiu com “do povo, pelo povo, para o povo”. Os Estados Unidos cumpriram com seu destino de defensor da liberdade e lutador pela sua implantação e

para isso lutou em duas guerras e nos livrou de Hitler. Calculemos se em lugar dos Aliados tivéssemos a Alemanha daquele tirano, na missão de implantar o nazismo ao mundo? O que seria da humanidade se tivéssemos, em vez do Estado de Direito, o direito à prática do morticínio dos campos de concentração? Por isso é que criticamos o presidente Trump, que desenvolve uma política totalmente contrária aos ideais americanos, de Thomas Jefferson a Lincoln a Roosevelt a Washington e a Kennedy. Temperança, liberdade, resiliência são palavras para meditação, e elas fazem falta nas decisões e contra as guerras.



JOSÉ SARNEY – Advogado, político e escritor brasileiro, 31º Presidente do Brasil de 1985 a 1990, ex-presidente do senado por quatro mandatos e Membro da Academia Brasileira de Letras.



Gazetilha

agazeta.ap@uol.com.br

TJAP realiza seminário pelos 20 anos da Lei Maria da Penha nesta segunda-feira

O TJAP promove, nesta segunda-feira (31), a partir das 8h30, o Seminário 20 Anos da Lei Maria da Penha. O evento será realizado no Plenário do Tribunal e marca duas décadas da legislação criada para fortalecer a proteção às mulheres e combater a violência doméstica e familiar. Organizado pela CEVID/TJAP, o seminário também encerra a programação do Agosto Lilás, campanha voltada à conscientização, prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher. Durante o encontro, serão discutidos os avanços alcançados pela Lei Maria da Penha e os desafios que ainda precisam ser enfrentados para garantir maior proteção e segurança às mulheres.



Bady Curi será homenageado em prêmio internacional em Macapá

O advogado e colunista do jornal A Gazeta, Dr. Bady Curi, será homenageado no Prêmio Internacional Brasil e Guiana Francesa, que acontece em 26 de setembro, às 19h, no Teatro Municipal de Macapá. Com mais de 30 anos de advocacia, Bady Curi é ex-juiz do TRE-MG, professor, mestre em Direito e fundador da Bady Curi Advocacia Empresarial. Ele também atua como comentarista do programa Vias de Fato, da Gazeta Brasil.



Justiça Eleitoral tem até 14 de setembro para julgar candidaturas

A Justiça Eleitoral tem até 14 de setembro de 2026 para analisar e julgar os registros de candidaturas para as eleições deste ano, incluindo casos impugnados e recursos. Nos estados, os TREs são responsáveis pelos registros de governador, senador e deputados. Já as candidaturas à Presidência são analisadas pelo TSE.



PF apura suspeitas de corrupção e lavagem de dinheiro envolvendo filme sobre Jair Bolsonaro

A Polícia Federal investiga suspeitas de corrupção passiva e lavagem de dinheiro relacionadas ao financiamento do filme "Dark Horse", que aborda a trajetória do ex-presidente Jair Bolsonaro. As informações foram divulgadas pela jornalista Andréia Sadi, do g1. Segundo a apuração, o ex-banqueiro Daniel Vorcaro teria disponibilizado R\$ 61 milhões para financiar a produção. Os investigadores buscam esclarecer a origem dos recursos, os envolvidos na operação, o destino do dinheiro e se houve eventual vantagem indevida envolvendo agente público e agente privado. Um dos pontos analisados é a participação de Flávio Bolsonaro nas tratativas. Também é investigada a informação de que ele teria ido à residência de Vorcaro para buscar parte do dinheiro, declaração atribuída ao presidente do PL, Valdemar Costa Neto.



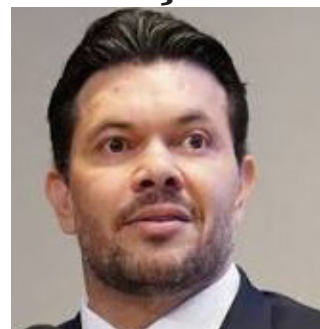
TJAP leva serviços de cidadania a catadores no Aterro Sanitário de Macapá

O TJAP realizou, nesta sexta-feira (28), a 5ª edição do Mutirão PopRuaJud no Aterro Sanitário de Macapá, localizado no km 14 da BR-210. A iniciativa levou atendimento diretamente aos catadores de materiais recicláveis e seus familiares. Durante a ação, foram oferecidos serviços de saúde, emissão de documentos, assistência social e orientação jurídica. De forma inédita no estado, o mutirão foi realizado no próprio local de trabalho dos catadores, facilitando o acesso a serviços básicos de cidadania.



Acácio Favacho destaca candidatura ao Senado e propostas para habitação

Em entrevista, o deputado federal Acácio Favacho (MDB) explicou a decisão de deixar a disputa pela Câmara para concorrer ao Senado. Segundo ele, após dois mandatos, chegou o momento de ampliar sua atuação em defesa do Amapá. Entre as propostas apresentadas, destacou ações para facilitar o acesso da população de baixa renda à casa própria, com financiamento e subsídios para reduzir as parcelas, além da expansão dos programas habitacionais para os municípios do estado.



TRE-AP designa Elayne Cantuária e Luciano Assis novos juízes eleitorais para a 2ª e 14ª Zonas

Os juízes José Luciano de Assis e Elayne da Silva Ramos Cantuária foram designados para exercer as funções de juízes eleitorais pelo período de dois anos no Amapá. Conforme portarias assinadas pelo desembargador Carmo Antônio de Souza, presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Amapá (TRE-AP), José Luciano de Assis ficará responsável pela 2ª Zona Eleitoral, enquanto Elayne Cantuária atuará na 14ª Zona Eleitoral.



Feira de Negócios Vale do Jari movimentará economia regional em setembro

A Praça do Terminal Rodoviário de Laranjal do Jari será palco da Feira de Negócios Vale do Jari, de 4 a 6 de setembro, das 17h às 23h. O evento terá cerca de 2.500 m² de estrutura, reunirá 40 expositores e deve receber aproximadamente 5 mil visitantes. A iniciativa busca fortalecer a economia local, divulgar produtos e serviços e ampliar as oportunidades de negócios para empreendedores da região.



CEA Equatorial brinca de "esconde-esconde" com a energia no Marabaixo

No Marabaixo, a brincadeira de "esconde-esconde" parece ter ganhado uma nova versão: quem está difícil de encontrar é a energia elétrica. Os moradores vêm enfrentando constantes faltas e quedas de energia, situação que tem deixado muita gente estressada e sem saber quando a luz vai voltar. O curioso é que, enquanto a energia insiste em desaparecer, a conta de luz não brinca de sumir. No fim do mês, ela chega pontualmente — e sem direito a atraso.



Paraná Pesquisa: Se a eleição fosse hoje, Dr. Furlan seria eleito no 1º turno e Rayssa Furlan e Lucas Barreto conquistariam vagas no Senado

Nova pesquisa do Paraná Pesquisas mostra Dr. Furlan com 60,3% para o Governo do Amapá e ampla vantagem sobre Clécio que está com 33,1%; Rayssa lidera corrida pelo Senado com 56% e Lucas Barreto aparece em segundo, com 38,1%

A corrida eleitoral no Amapá começa a ganhar contornos cada vez mais definidos, pelo menos de acordo com os números apresentados pelas pesquisas de intenção de voto. O levantamento mais recente do Instituto Paraná Pesquisas mostra o candidato Dr. Furlan novamente na liderança da disputa pelo Governo do Estado.

Os números apontam uma vantagem confortável sobre o segundo colocado, Clécio Luís. No cenário em que os nomes dos candidatos são apresentados aos eleitores, Dr. Furlan aparece com 59,4% das intenções de voto, enquanto Clécio registra 32,1%.

Com essa diferença, de mais de 27 pontos percentuais, o levantamento indica que, se a eleição fosse realizada hoje, Dr. Furlan estaria eleito governador do Amapá ainda no primeiro turno.

A pesquisa reforça uma tendência que vem aparecendo nos levantamentos eleitorais realizados ao longo de 2026: Dr. Furlan se mantém na liderança da corrida pelo Governo do Estado.

VANTAGEM PERMANECE NO CONFRONTO DIRETO

O desempenho de Dr. Furlan também se mantém forte quando a pesquisa considera apenas um confronto direto com Clécio Luís.

Nesse cenário, Dr. Furlan chega a 60,3% das intenções de voto, enquanto Clécio aparece com 33,1%.

Os números mostram uma diferença de 27,2 pontos percentuais entre os dois principais nomes da disputa. Brancos, nulos e eleitores que ainda não sabem ou não quiseram responder somam menos de 7%.

O resultado aponta para uma disputa na qual Dr. Furlan,



neste momento, aparece com uma vantagem significativa diante do principal adversário.

OUTROS CANDIDATOS APARECEM DISTANTES

No cenário completo apresentado pelo Paraná Pesquisas, os demais candidatos registram percentuais bem menores.

Delegado Marcos aparece com 0,6%, Carlos Cley tem 0,4% e Jairo Palheta registra 0,1%.

Além disso, 3,9% dos entrevistados afirmaram que pretendem votar em branco ou nulo, enquanto 3,5% não souberam ou não quiseram opinar.

A distância entre os primeiros colocados e os demais nomes mostra uma concentração da intenção de voto principalmente em Dr. Furlan.

RAYSSA FURLAN LIDERA DISPUTA PELO SENADO

A pesquisa também avaliou a corrida pelas duas vagas do

Amapá no Senado Federal e apresenta um cenário favorável para Rayssa Furlan e Lucas Barreto.

Rayssa Furlan aparece em primeiro lugar, com 56% das intenções de voto. O senador Lucas Barreto, que busca a reeleição, vem logo atrás, com 38,1%.

Como cada eleitor poderia escolher até dois nomes, os percentuais não precisam somar 100%.

Com os números atuais, caso a eleição fosse realizada hoje, Rayssa Furlan e Lucas Barreto estariam entre os dois candidatos mais votados e, portanto, seriam eleitos para representar o Amapá no Senado Federal.

RAYSSA APARECE NA FRENTE NOS DIFERENTES SEGMENTOS

O levantamento aponta que Rayssa Furlan mantém a liderança nos diferentes recortes analisados pela pesquisa.

Lucas Barreto também apresenta desempenho expressivo, principalmente entre os homens, segmento no qual alcança 42,7%, e entre os eleitores das faixas etárias mais altas.

Randolfe Rodrigues aparece tecnicamente próximo de Lucas Barreto no resultado geral. O senador apresenta desempenho superior entre as mulheres, com 37,4%, contra 33,8% de Lucas Barreto.

Alliny Serrão também apresenta desempenho mais elevado entre mulheres, com 22,8%, e entre eleitores com ensino superior, com 24,9%.

CENÁRIO ATUAL FAVORECE O GRUPO

Os números da pesquisa colocam Dr. Furlan, Rayssa Furlan e Lucas Barreto em posições de destaque na corrida eleitoral.

Para o Governo do Amapá, Dr. Furlan aparece com uma vantagem que, neste momento, seria suficiente para garantir a vitória já no primeiro turno.

Para o Senado, Rayssa Furlan lidera com 56%, enquanto Lucas Barreto ocupa a segunda colocação, com 38,1%. Dessa forma, se os números fossem transformados hoje em votos nas urnas, os dois conquistariam as vagas destinadas ao Amapá.

PESQUISA OUVIU ELEITORES DE 16 MUNICÍPIOS

O levantamento do Instituto Paraná Pesquisas foi realizado entre os dias 26 e 28 de agosto de 2026.

Foram ouvidos 1.080 eleitores em 16 municípios do Amapá.

A escolha dos entrevistados levou em consideração critérios como gênero, faixa etária, escolaridade e renda domiciliar, buscando reproduzir as características do eleitorado pesquisado.

Segundo as informações do levantamento, pelo menos 30% dos questionários, o equivalente a 324 entrevistas, foram auditados.

A pesquisa está registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sob o número AP-00062/2026 e foi realizada de acordo com as regras estabelecidas pela Resolução-TSE nº 23.600/2019.

O RETRATO DA ELEIÇÃO NESTE MOMENTO

O levantamento apresenta, portanto, um cenário de forte liderança para Dr. Furlan na disputa pelo Governo do Amapá e de vantagem para Rayssa Furlan e Lucas Barreto na corrida pelas duas vagas ao Senado.

Se a eleição fosse hoje, os números apontariam para Dr. Furlan eleito governador ainda no primeiro turno, enquanto Rayssa Furlan e Lucas Barreto seriam os dois candidatos mais votados para o Senado pelo Amapá.

Amapá pode abrigar a maior descoberta de petróleo do Brasil em 20 anos

Petrobras confirma presença de hidrocarbonetos no poço Morpho, em águas profundas do Amapá, e presidente da estatal afirma que agora o desafio é descobrir o tamanho da reserva

O anúncio feito pela Petrobras na última sexta-feira (14) reacendeu as expectativas sobre o futuro da Margem Equatorial brasileira e colocou o Amapá no centro das atenções do setor de energia. A estatal confirmou a presença de hidrocarbonetos no poço exploratório Morpho, localizado no bloco FZA-M-59, em águas profundas da costa amapaense, uma descoberta que, segundo especialistas, pode representar a maior reserva de petróleo encontrada no país desde o pré-sal, há cerca de duas décadas.

A confirmação, porém, ainda é apenas o primeiro passo de uma longa jornada. Nesta segunda-feira (17), a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, resumiu o momento vivido pela companhia com uma frase que rapidamente ganhou repercussão nacional: “Tem petróleo, a gente só não sabe quanto”.

A declaração traduz exatamente a fase em que a exploração se encontra. Os técnicos já identificaram a presença de hidrocarbonetos, mas ainda trabalham para descobrir a dimensão da reserva, a qualidade do óleo e o potencial econômico do campo. Segundo Chambriard, a perfuração e os estudos no poço Morpho devem ser concluídos dentro de aproximadamente 20 dias.

Além disso, a Petrobras já prevê a perfuração de outros três poços na mesma região e mais cinco em áreas adjacentes, ampliando a investigação geológica em um dos pontos mais promissores da Margem Equatorial.

A EXPECTATIVA CRESCE NO AMAPÁ

Para o Amapá, a notícia representa muito mais do que uma descoberta científica. Ela alimenta expectativas de desenvolvimento econômico, geração de empregos, novos investimentos em infraestrutura e aumento da arrecadação pública, caso as reservas sejam confirmadas como comercialmente viáveis.

É importante destacar, no entanto, que a presença de petróleo não significa automaticamente produção ou riqueza imediata. Entre a descoberta e a exploração comercial existe um longo processo técnico, ambiental, econômico e regulatório, que pode levar anos até uma eventual extração do óleo.

Mesmo assim, o anúncio da Petrobras fortalece a importância estratégica da costa amapaense dentro do mapa energético brasileiro.



GEÓLOGO DIZ QUE RESERVATÓRIOS PRINCIPAIS AINDA PODEM ESTAR ABAIXO

O geólogo Luciano Seixas Chagas, que analisou imagens sísmicas da região, afirmou que os dados indicam uma possibilidade ainda mais animadora. Segundo ele, a sonda exploratória ainda não teria alcançado os reservatórios principais, que, em sua avaliação, possuem dimensões impressionantes.

“As imagens sísmicas mostram estruturas enormes. Na minha opinião, nenhum reservatório do pós-sal tem porte igual. O conhecimento dos geólogos e geofísicos da Petrobras é incomum”, afirmou.

Chagas também elogiou o corpo técnico da estatal e a diretoria da empresa pela decisão de insistir na perfuração do poço exploratório, mesmo diante das dificuldades enfrentadas durante o processo de licenciamento ambiental junto ao Ibama.

A opinião do geólogo representa uma análise técnica baseada nas imagens sísmicas e reforça a expectativa existente em torno da região, mas o verdadeiro tamanho da reserva somente poderá ser confirmado após a conclusão dos trabalhos de exploração e avaliação realizados pela Petrobras.

PETROBRAS TEM 100% DO BLOCO EXPLORATÓRIO

O bloco FZA-M-59 pertence integralmente à Petrobras, que atua como operadora e possui 100% de participação na área. O bloco foi adquirido durante a

11ª Rodada de Licitações promovida pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em 2013, dentro do regime de concessão.

Esse detalhe também abriu espaço para o debate sobre como os recursos naturais poderão beneficiar o Brasil e, especialmente, a população amazônica caso uma grande reserva seja confirmada.

O vice-presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET), Fernando Siqueira, chamou atenção para o modelo de exploração adotado no bloco. Segundo ele, o regime de concessão garante ao Estado a arrecadação de royalties, enquanto no regime de partilha a União também recebe uma parcela do petróleo produzido.

Na avaliação de Siqueira, essa diferença merece ser discutida porque envolve diretamente o destino das riquezas que eventualmente possam ser produzidas na Margem Equatorial.

Ele também destacou que parte significativa das ações da Petrobras está nas mãos de investidores estrangeiros, o que, em sua visão, amplia o debate sobre a distribuição dos benefícios econômicos gerados por uma possível grande descoberta.

Apesar da crítica ao modelo de concessão, Fernando Siqueira fez questão de reconhecer a excelência dos profissionais da Petrobras.

“Assim como aconteceu no pré-sal, a possibilidade de uma enorme reserva na Margem Equatorial é resultado da com-

petência construída durante mais de 60 anos pelo corpo técnico da Petrobras”, destacou.

O NOME MORPHO VEM DE UMA BORBOLETA AMAZÔNICA

Além da importância econômica e científica, o poço exploratório também chama atenção pelo nome escolhido. Morpho é o nome de um gênero de borboletas predominantemente azuis, conhecidas por sua beleza e por habitarem florestas tropicais da América Central e da América do Sul.

Essas borboletas são encontradas em países como Brasil, Guiana, Venezuela e Costa Rica, tornando o nome uma referência simbólica à biodiversidade amazônica e à região onde o poço está localizado.

Enquanto os equipamentos seguem trabalhando em águas profundas da costa do Amapá, cresce a expectativa de que os próximos dias tragam respostas sobre uma pergunta que hoje movimenta o setor petrolífero e desperta o interesse de todo o país: afinal, quanto petróleo existe sob o fundo do mar da Margem Equatorial?

Por enquanto, a única certeza confirmada pela Petrobras é a presença de hidrocarbonetos. O tamanho da riqueza existente naquela região ainda está sendo descoberto, e os próximos resultados da exploração poderão definir um novo capítulo na história energética do Brasil.

Defender a medicina é defender a sociedade

Assumir a presidência da Associação Médica do Amapá (AMB-AP), ao lado dos colegas que integram nossa nova diretoria, representa mais do que ocupar uma função institucional. Significa assumir o compromisso de defender a boa medicina, valorizar o médico e, principalmente, contribuir para que a população tenha acesso a uma assistência segura e de qualidade.

A AMB-AP é federada da Associação Médica Brasileira (AMB) e integra uma estrutura nacional historicamente comprometida com a valorização da medicina e a qualidade da formação médica. Nossa atuação estará alinhada às grandes pautas defendidas nacionalmente pela AMB e pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). São instituições com atribuições distintas: a AMB atua na representação e defesa dos médicos e da medicina, enquanto o CFM, juntamente com os Conselhos Regionais, possui atribuições de normatização, fiscalização e disciplina ética do exercício profissional.

Entre as pautas que nos unem estão a qualidade da formação médica, o enfrentamento à abertura indiscriminada de escolas e vagas de Medicina sem estrutura adequada, critérios rigorosos para a revalidação de diplomas obtidos no exterior, o debate sobre um exame nacional de proficiência e a valorização do exercício profissional.

Sou médico radicado no Amapá desde 2009. Minha trajetória nos Conselhos de Medicina, inclusive representando nosso Estado em Brasília, e minha atuação em entidades médicas reforçaram uma convicção: não existe defesa do médico separada da defesa do paciente.

O Brasil precisa de médicos – mas de médicos bem formados

O Brasil viveu uma rápida expansão do número de escolas e vagas de Medicina. Aumentar a oferta



de profissionais pode ser necessário, especialmente em regiões desassistidas, mas quantidade jamais poderá substituir qualidade.

Formar um médico exige muito mais do que abrir uma sala de aula. Uma escola médica necessita de hospitais e unidades de saúde para treinamento prático, estrutura acadêmica, professores qualificados, preceptores experientes e campos de estágio adequados.

Medicina se aprende nos livros, mas também à beira do leito, nos ambulatórios, nas enfermarias, nos centros cirúrgicos, nas emergências e, principalmente, no contato com pacientes e profissionais experientes.

Quando uma faculdade não oferece essas condições, todos perdem. Perde o estudante, que muitas vezes paga mensalidades elevadas e compromete o orçamento de sua família. Perde o jovem médico, que chegará ao mercado enfrentando as consequências de uma formação insuficiente. E perde, sobretudo, a população.

Defender critérios rigorosos para abertura e funcionamento das escolas médicas não significa criar reserva de mercado. Significa proteger estudantes e pacientes. Cursos com desempenho persistentemente insatisfatório precisam ser avaliados e fiscalizados, inclusive com restrição de novas vagas quando tecnicamente indicada, até que suas deficiências sejam corrigidas.

REVALIDAÇÃO E PROFICIÊNCIA

O mesmo princípio deve orientar a revalidação dos diplomas médicos obtidos no exterior. O Brasil pode e deve receber profissionais qualificados, brasileiros ou estrangeiros, independentemente de onde tenham estudado. A questão não é o país onde ocorreu a formação, mas se o profissional possui os conhecimentos e competências necessários para exercer a Medicina com segurança.

A revalidação precisa, portanto, obedecer a critérios técnicos, transparentes, objetivos e rigorosos.

Também consideramos importante o debate sobre um exame nacional de proficiência médica. Nenhuma prova isoladamente corrige uma formação deficiente, mas uma avaliação nacional pode representar uma proteção adicional à sociedade e servir como indicador da qualidade das próprias instituições de ensino.

Se sucessivas turmas de uma faculdade apresentam desempenho muito abaixo do esperado, é legítimo perguntar: o problema está apenas no aluno ou também na escola que o formou?

E O AMAPÁ?

As grandes discussões nacionais são fundamentais, mas uma Associação Médica estadual precisa olhar também para sua própria realidade. E no Amapá temos um desafio histórico: interiorizar a Medicina de maneira sustentável.

DR. MARCO TÚLIO

Precisamos de médicos em Macapá e Santana, mas também em Oiapoque, Laranjal do Jari, Calçoene, Ferreira Gomes e nos demais municípios.

Não basta dizer ao médico: “vá para o interior”. É preciso oferecer condições para que ele vá e, principalmente, permaneça.

Contratos temporários, vínculos frágeis, insegurança profissional e dificuldades estruturais não estimulam um médico a construir sua vida no interior. Por isso, uma das principais bandeiras da nova gestão da AMB-AP será a defesa de concursos públicos para médicos no Estado e nos municípios.

O concurso não resolve sozinho o problema, mas oferece estabilidade institucional e deve estar associado a remuneração compatível, estrutura de trabalho, disponibilidade de exames, medicamentos, equipamentos e condições adequadas para encaminhamento dos casos de maior complexidade.

Interiorizar não é simplesmente contratar. É fixar.

Precisamos substituir a política de preencher escalas por uma verdadeira política de fixação de médicos no interior. Isso exige participação das prefeituras, Governo do Estado, União, universidades, hospitais e entidades médicas. Cada ente precisa assumir suas responsabilidades para garantir assistência adequada à população.

A saúde é essencialmente multiprofissional. Enfermeiros, fisioterapeutas, farmacêuticos, psicólogos, nutricionistas e inúmeros outros profissionais são fundamentais para uma assistência moderna e de qualidade. Nesse conjunto, porém, o médico bem formado e integrado à comunidade exerce papel central na assistência, no diagnóstico, na definição de condutas e na coordenação do cuidado. Garantir a presença e a fixação de bons médicos nos municípios é, portanto, peça-chave para uma rede de saúde resolutiva e segura.

UMA ASSOCIAÇÃO PRESENTE

É essa Associação Médica que pretendemos construir: aberta ao diálogo, mas sem receio de se posicionar.

Como federada da AMB, queremos trazer para o Amapá as grandes discussões nacionais da medicina e também levar ao debate nacional as particularidades da nossa realidade amazônica.

Vamos dialogar com Governo do Estado, prefeituras, secretarias de Saúde, universidades, hospitais, Conselho Regional de Medicina, sindicatos e sociedades de especialidades.

Vamos defender formação médica de qualidade, critérios rigorosos para revalidação de diplomas, proficiência médica, melhores condições de trabalho, valorização profissional, concursos públicos e a interiorização da Medicina.

Não buscamos privilégios. Queremos que o estudante receba formação adequada; que o médico tenha condições dignas para trabalhar; que todo profissional demonstre qualificação para exercer a Medicina; e que o cidadão, esteja em Macapá ou no município mais distante do Amapá, possa confiar na assistência que recebe.

Todas essas bandeiras convergem para um mesmo objetivo:

Defender a boa Medicina é defender o médico.

Defender o médico é defender o paciente.

E defender o paciente é defender a sociedade.



DR. MARCO TÚLIO FRANCO

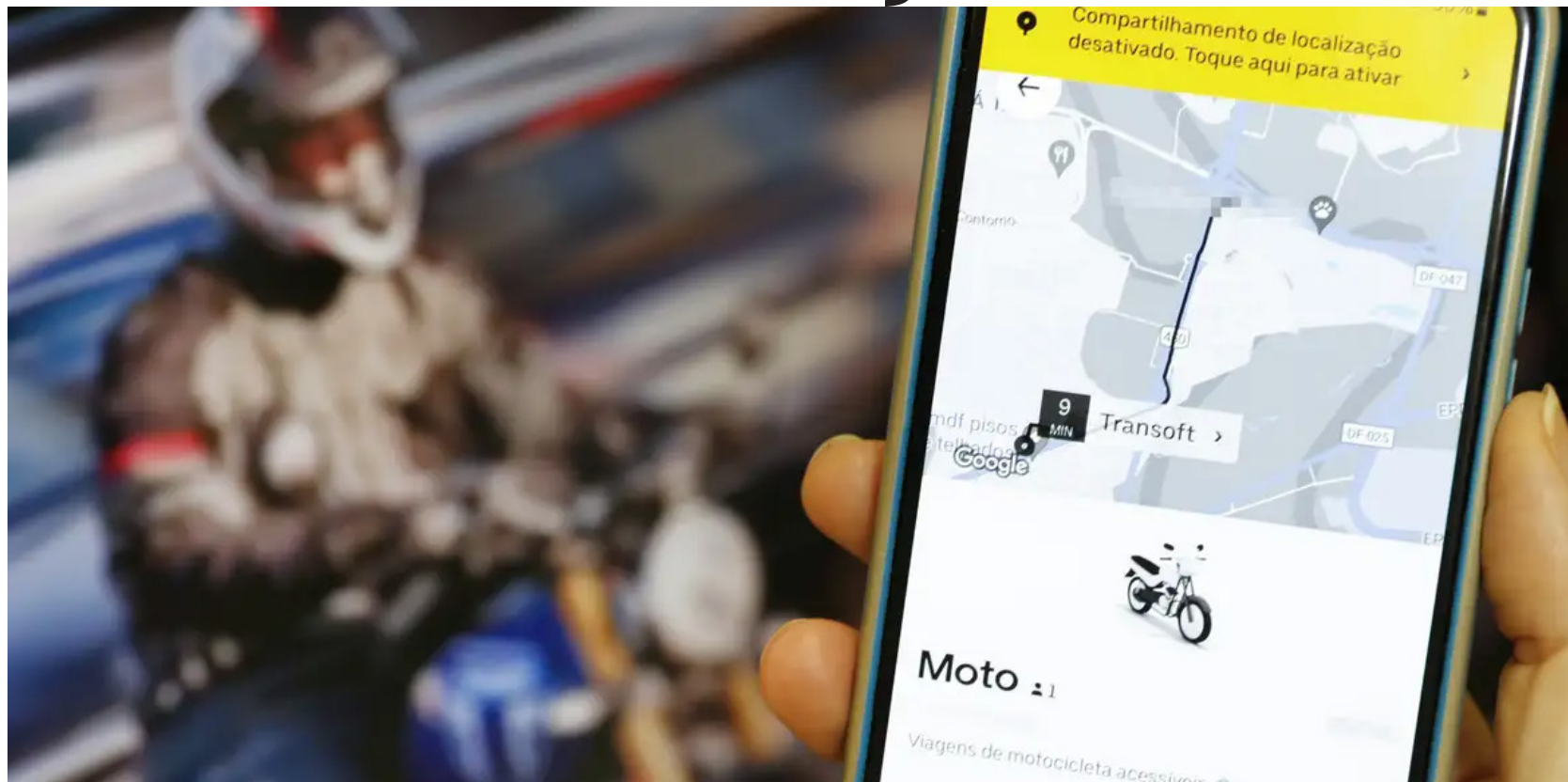
é médico reumatologista, especialista em Reumatologia pela Sociedade Brasileira de Reumatologia/Associação Médica Brasileira, com áreas de atuação em Reumatologia Pediátrica e Dor. É presidente eleito da Associação Médica do Amapá (AMB-AP). CRM-AP 994 | RQE 204, 521 e 689.

STF adia retomada do julgamento sobre uberização

O Supremo Tribunal Federal (STF) adiou nesta quinta-feira (27) a retomada do julgamento sobre a validade das ações da Justiça do Trabalho que reconheceram vínculo de emprego na relação entre motoristas de aplicativos e as plataformas digitais, a chamada uberização. A nova data do julgamento ainda não foi definida.

O caso estava pautado para a sessão de hoje, mas não foi analisado porque o plenário deu prioridade para iniciar o julgamento que envolve a regra do Marco Civil da Internet (Lei 12.965 de 2014) que determina que os provedores de internet só podem entregar dados de tráfego dos usuários para investigações mediante decisão judicial.

A uberização será julgada em duas ações relatadas pelos ministros Edson Fachin e Alexandre de Moraes e que chegaram ao Supremo a partir de recursos protocolados pelas plataformas Rappi e Uber. As empresas contestam decisões



da Justiça do Trabalho que reconheceram o vínculo empregatício com os motoristas e entregadores.

TRAMITAÇÃO

Durante a tramitação do processo, a Rappi alegou que

as decisões trabalhistas que reconheceram o vínculo de emprego com a empresa desrespeitaram decisões da própria Corte, que entende não haver relação de emprego formal com os entregadores.

A Uber sustentou que é uma

empresa de tecnologia, e não do ramo de transportes, e que o reconhecimento de vínculo trabalhista altera a finalidade do negócio da plataforma, violando o princípio constitucional da livre iniciativa de atividade econômica.

Antes do início do julgamento, a Procuradoria-Geral da República (PGR) enviou Supremo parecer contrário ao reconhecimento de vínculo trabalhista entre motoristas de aplicativos e as plataformas digitais.

NOS BASTIDORES

A EXAUSTÃO CHEGOU

ALEXANDRE GARCIA

O Ministro do Supremo, Alexandre de Moraes, ainda não desencarnou do Tribunal Superior Eleitoral. Falando no Tribunal de Contas do Município de São Paulo, afirmou que nosso modelo eleitoral já se esgotou. Mostrou, com toda razão, que os partidos já não representam as aspirações do povo e melhor seria tornar os representantes eleitos mais próximos da fonte do poder, adotando o voto distrital.

Na verdade, não é apenas o modelo eleitoral que se esgotou. O próprio Judiciário vive uma exaustão, principalmente em seu topo. Congestionamento de ações, inconstitucionalidade de remunerações, arbítrio, injustiças, invasão em atribuições de outros poderes, e leitura infiel da Constituição. O tribunal constitucional sofreu metamorfose e transfigurou-se em tribunal político. Virou resistência à democracia direta da ágora digital. Mas é entusiasta do mundo digital para contagem de votos. Por isso, no modelo eleitoral que Moraes diz ter-se esgotado, falta confiança por carecer de transparência e que o eleitor compreenda como seu voto é apurado.

Já não há separação entre poderes; há uma relação promíscua entre o Senado e o Supremo, em que um não julga o outro. Mudar essa interdependência é essencial para purificar um e outro. Se há o "rabo preso" recíproco, também

há o do atual Presidente da República, cuja ficha suja ganhou o alvejante do Supremo. A credibilidade do STF nunca esteve tão baixa, atingida pelo contrato de 129 milhões de Votcaro e pelos aportes de milhões no Tayayá.

O General Golbery, um dos pensadores do regime militar, me disse nos anos 80 que era urgente devolver o poder aos civis, porque todo regime tem o seu tempo e seus sinais de desgaste, deterioração, exaustão, pois o próprio sistema gera em si os germes da

própria degradação. Estão já presentes os sinais do desgaste, da exaustão do atual modelo de arbítrio que tem por objetivo manter o status quo de

que desfruta uma certa nomenclatura estatal/política e seus protegidos. Poder pelo poder, nos três poderes, sem prestar contas a ninguém.

O poder já não é do povo.

O Legislativo e o Executivo foram atingidos pelo roubo cruel de 6 bilhões de 4 milhões de idosos da Previdência. O filho do Chefe do Executivo, o Lulinha, está em todos os jornais, que mostram abundantes indícios de tráfico de influência. E o desgaste nas contas públicas, provocado por gastos descontrolados do governo,

tem consequências na dívida pública de mais de 10 tril-

hões que gera juros anuais de 1 trilhão, que mantêm os juros altos que, por sua vez, provocam inadimplência em pessoas jurídicas e físicas e abalam o instrumento do crédito, essencial para financiar o crescimento. O PIB se enfraquece em todos os setores da economia; o sistema financeiro se acautela. A recuperação judicial dispara, empresas fogem para o Paraguai ou voltam para seus países. A mídia que ficou omissa ou apoiou os desvios institucionais também foi atingida pelo descrédito. Todos os sinais de abalo estão presentes. Será que o eleitor percebe?



ALEXANDRE GARCIA
Jornalista com décadas de atuação na TV e rádio, como apresentador, repórter, comentarista e diretor de jornalismo

TRIBUNA CRISTÃ

email: besaliel,ap@bol.com,br

Senado pelo Amapá: duas candidatas conquistam a comunidade evangélica

1. A NECESSIDADE DE MUDANÇA.

O Amapá vive um paradoxo político e uma crise crônica de representatividade, sobretudo no Congresso Nacional, onde a maioria dos parlamentares federais não vem correspondendo às expectativas do eleitorado nem às demandas do estado. A título de ilustração, a bancada federal não consegue sequer, há décadas, concluir o asfaltamento das rodovias que ligam os principais municípios do interior, como Oiapoque, Laranjal do Jari, Calçoene (Distrito do Lourenço) e Serra do Navio, exatamente as regiões capazes de gerar as maiores riquezas para a população, com petróleo, ouro, minério e o acesso terrestre ao restante do país. Essa situação tem sido alvo de críticas recorrentes na mídia nacional.

Assim, nas eleições do próximo mês de outubro, renova-se a esperança de mudança e a possibilidade de novos nomes alcançarem esses mandatos e fazerem a diferença. Destacamos hoje uma movimentação eleitoral no campo das candidaturas femininas, especialmente no âmbito do segmento evangélico. Duas candidatas, uma médica e uma juíza, chamam a atenção do eleitorado amapaense. A percepção de que a mulher é mais segura e zelosa com seus compromissos e possui maior empatia, tem levado o eleitorado evangélico a vê-las como a melhor opção.

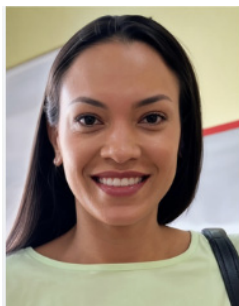


2. A FAVORITA. A PRIMEIRA É INQUESTIONAVELMENTE A MÉDICA RAYSSA FURLAN, QUE LIDERA AS PESQUISAS DE INTENÇÃO DE VOTO.

Um episódio inusitado marcou sua pré-campanha: ao visitar uma festa da Assembleia de Deus A Pioneira, a maior igreja evangélica do estado, a candidata, acompanhada do marido, o também médico Dr. Furlan, foi ovacionada de pé com uma longa salva de palmas unânime ao entrar na catedral, demonstração clara de que é a preferida da comunidade evangélica amapaense.

Ex-primeira-dama de Macapá, Rayssa Furlan nasceu em Brasília (DF), em 8 de fevereiro de 1987, tem 39 anos, é casada, mãe de quatro filhos e médica dermatologista. Concorre pelo Podemos.

Em 2022, tornou-se a mulher mais votada da história do Amapá, com 174.128 votos, 42,52% do eleitorado, na disputa ao Senado.



3. A INDEPENDENTE.

A segunda é a magistrada Joenilda Lenzi, conhecida como Juíza Jô, famosa por conduzir casamentos comunitários por todo o estado. Filha de Renilda, dona de casa, e de José, pescador, passou a primeira infância na Ilha de Santana. Estudou em instituições públicas e formou-se no curso técnico de Contabilidade. Depois, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Amapá (Unifap), foi escrivã da Polícia Civil e servidora do Tribunal de Justiça do Amapá, onde ingressou na magistratura em 2003. Foram 23 anos como magistrada, afirma a candidata. Encerrada essa trajetória, decidiu colocar a experiência à disposição do eleitorado e concorre a uma das duas vagas ao Senado, para as quais o eleitor amapaense terá dois votos em outubro.

Pastora evangélica, Juíza Jô é candidata pelo Democracia Cristã (DC), partido pelo qual registrou a candidatura e, se eleita, exercerá o mandato. Para ela, a democracia cristã é uma filosofia alicerçada no princípio da dignidade humana, que coloca o ser humano no centro do processo político e social e une, pela solidariedade, os valores de Justiça e Liberdade, marcas humanistas do cristianismo. Suas bandeiras principais são a defesa incondicional da família, a defesa do contribuinte, a transformação da realidade social, o desenvolvimento econômico e



a geração de emprego.

Indagada sobre os motivos para disputar uma das duas vagas, respondeu que há dois. Primeiro, porque em 2026 o eleitor vota duas vezes para o Senado, já que há duas vagas por estado, e ela quer estar entre as escolhas. Segundo, porque o Amapá precisa de uma bancada mais atuante, e ela oferece 23 anos de magistratura, imparcialidade e compromisso com o interesse público.

É verdade que Juíza Jô é novata na política e ainda desconhecida de boa parte do eleitorado. Mas, se o eleitorado evangélico abraçar sua candidatura durante a campanha, ainda que como segunda opção, a magistrada poderá surpreender e conquistar uma vaga em lugar de candidatos tradicionais que, há décadas, não conseguem atender às expectativas políticas da população amapaense.

Na opinião do presidente do Conselho Estadual de Pastores do Amapá, Pastor Besaliel Rodrigues, “o eleitorado amapaense está exausto; os anos têm passado e nada de novo de verdade tem acontecido no Amapá. Parece que o Estado parou no tempo: as estradas continuam inacabadas, o preço da energia está horrível, o valor das passagens aéreas é humilhante, faltam indústrias, geração de renda e de emprego de verdade e sobram escândalos de corrupção por todo lado etc. Acredito que, pelo menos para o Senado, está na hora de o eleitor dar oportunidade para as mulheres. Quem sabe, com isso, Deus muda a nossa sorte”, arrematou o presidente do Conselho.

DESTAQUES DA SEMANA

1- SOMENTE UM PROCESSO DE MUDANÇA DE PERSONAGENS POLÍTICOS PODERÁ TIRAR O AMAPÁ DO ATRASO.

2- A MÉDICA RAYSSA FURLAN LIDERA COM FOLGA A CORRIDA PARA SE ELEGER A UMA DAS DUAS VAGAS PARA O SENADO.

3- A JUÍZA JÔ ESTÁ NA EXPECTATIVA DE QUE O ELEITORADO A VEJA COMO A 2ª MELHOR OPÇÃO PARA O SENADO.

GESTÃO

CONVITE ESPECIAL.

Participe do encerramento do 3º Congresso de Missões: Tema: Tempo de Colheita. AD - Congregação Shalom.

É hoje, domingo, 30.08.2026, a partir das 18 horas.

Sob a coordenação geral das pastoras Bernadete Soares, Rosalba Souza e Maria Soares, a Igreja Assembleia de Deus Jeovah Shalom convida a todos para participar do seu 3º Congresso de Missões. Detalhes do Evento: 1. Tema: Tempo de Colheita (João 4.35); 2. Endereço: Rua Antônio Vidal Madureira, 2297, Novo Horizonte, Zona Norte de Macapá/AP; 5. Contato: (96) 98131-1434. Sua presença é muito



importante.

Disse Jesus: Marcos 16.15-18 (NTLH): “15- Então ele disse: - Vão pelo mundo inteiro e anunciem o evangelho a todas as pessoas. 16- Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. 17- Aos que crerem será dado o poder de fazer estes milagres: expulsar demônios pelo poder do meu nome e falar novas línguas; 18- se pegarem em cobras ou beberem algum veneno, não sofrerão nenhum mal; e, quando puserem as mãos sobre os doentes, estes ficarão curados.”.

ESPECIAL

LIVRO “O MUNDO DO TRABALHO COLONIAL E A CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ”.

Autor: Leonardo Raiol Junior, Brasília: Senado Federal, Série nº 317, 2024, 232p.

Podemos compreender, no decorrer desta obra, aspectos da dinâmica que estava envolta na construção de uma robusta, senão a mais robusta, fortificação amazônica. À proporção que tal empreendimento ultrapassou as fronteiras da localidade de Macapá, ele esteve conectado com as transformações promovidas pelo projeto modernizante da Coroa, na segunda meta-



de do século XVI-II. Mas, em consonância com essas transformações, vislumbramos uma dimensão crucial - a do trabalho, dos diversos operários e dos diferentes espaços que fizeram parte desse grandioso projeto que foi a construção da Fortaleza de São José de Macapá. No início, uma intrincada rede foi se formando e, em certos ambientes, reuniu-se uma mão de obra ainda pouco qualificada. Mas, paulatinamente, tais operários foram aprendendo as tarefas, os ofícios e a rotina de cada canteiro de obra. É nesta toada que esta obra nos conta dos bastidores da construção da Fortaleza mais preservada do Brasil.

REFLEXÃO

EXEMPLOS DE ORAÇÕES NOTÁVEIS DA BÍBLIA:

A oração respondida de Ló. Gn 19.19-21 (NTLH): “□ O senhor me fez um grande favor e teve pena de mim, salvando a minha vida [de Sodoma/Gomorra]. Mas a montanha fica muito longe daqui, e a destruição vai me alcançar e acabar comigo antes que eu chegue lá. □ Está vendo aquela cidadezinha ali [Zoar]? Ela fica perto. Deixe que eu fuja para lá a fim de salvar a minha vida. Veja que é uma cidade bem pequena. □ Então o anjo disse: — Está bem; concordo. Eu não destruirei aquela cidade.”.

Esta oração de Ló possui profundas verdades, com três em destaque: 1º) Deus respondeu porque Ló pediu com medo genuíno e humildade, reconhecendo sua fraqueza e dependência total de Deus; 2º) A resposta revela a misericórdia e a graça de Deus, que acolhe a súplica de quem está em desespero, mesmo com fé imperfeita; e 3º) A passagem bíblica mostra o princípio de que Deus poupa os justos dentro do juízo, preservando Ló e até a pequena cidade de Zoar por causa dele. Então, faça da oração o segredo de sua vida. Tenha uma vida genuína de oração perante Deus (1 Ts 5.17) e Ele lhe concederá uma vida de vitórias. Amém!

FICA A DICA

LEGISLAÇÃO DO PETRÓLEO.

O Microssistema Jurídico Conexo: Legislação Transversal e Diálogo das Fontes no Direito do Petróleo - Parte IV.

Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012 (Código Florestal): Normatiza a tutela da vegetação nativa, das Áreas de Preservação Permanente (APP) e de Reserva Legal, condicionando juridicamente a implantação de infraestruturas logísticas em terra (onshore), tais como oleodutos, gasodutos e bases de apoio

portuário associadas à produção do Amapá.

Lei nº 14.993, de 2024 (Lei do Combustível do Futuro): Recente inovação legislativa que promoveu o adensamento da transição energética no Brasil. O diploma alterou dispositivos da Lei do Petróleo para expandir a competência regulatória da ANP sobre os combustíveis sustentáveis de aviação, o diesel verde e a captura e estocagem geológica de dióxido de carbono (CO2).

Continuaremos na próxima oportunidade.

OS CASOS TAGLIAFERRO E FELIPE MARTINS: CRIMES IMPOSSÍVEIS E OMISSÕES CONVENIENTES

BADCURI

Em princípio, os casos são distintos e não guardam correlação fática direta entre si, a não ser pelo fato de que a ambos os envolvidos foram imputadas condutas relacionadas a supostos crimes contra o Estado Democrático de Direito.

Sem pretender adentrar a totalidade do mérito das acusações formuladas pela Procuradoria-Geral da República — notadamente quanto à tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito e ao golpe de Estado, tipos cujas elementares, a meu ver, não se amoldam às condutas efetivamente praticadas —, cumpre fazer alguns esclarecimentos.

Faço-o porque, na esteira do entendimento manifestado por expressivo segmento da doutrina, as teses acusatórias, as prisões preventivas e as condenações impostas sob a rubrica desses tipos penais não encontram respaldo dogmático no ordenamento jurídico pátrio.

Para a configuração da tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, são elementares indispensáveis a violência ou a grave ameaça — esta última entendida como ameaça grave e injusta, dotada de idoneidade para constranger. No caso em tela, não se vislumbrou associação estruturada voltada à tomada do poder, tampouco comando ou suporte das Forças Armadas ou de grupos paramilitares. Os atos executórios devem ostentar idoneidade lesiva mínima para produzir o resultado visado. Não se consuma nem se tenta abo-



lir a ordem constitucional por meio de bíblias, batons, manifestações desarmadas, posturas opinativas ou mesmo atos isolados de vandalismo. O que se viu, sob a ótica penal, foi uma atipicidade contornada por malabarismos hermenêuticos, para punir conduta que se aproxima, em essência, da figura do crime impossível por absoluta ineficácia do meio.

Contudo, é na inércia e na omissão seletiva do poder estatal que reside a principal similitude entre os dois casos.

Eduardo Tagliaferro foi alvo de medidas coercitivas e de imputações penais — entre elas as de violação de sigilo funcional e de coação no curso do processo — após a revelação de mensagens dos grupos de trabalho da Assessoria Especial de Enfrentamento à Desinformação, à época em que prestava serviços ao Tribunal Superior Eleitoral, sob a gestão do Ministro

Alexandre de Moraes. As mensagens divulgadas pela imprensa apontavam atuação enviesada, de monitoramento e produção oficiosa de relatórios contra jornalistas, influenciadores e cidadãos de oposição — caso que ficou conhecido publicamente como “Vaza Toga”.

Felipe Martins, por sua vez, teve sua prisão preventiva decretada sob o fundamento de que teria viajado aos Estados Unidos, a bordo do avião presidencial, para se furtar à aplicação da lei penal. A medida extrema apoiou-se fundamentalmente em um suposto registro de entrada no sistema de imigração norte-americano. Não obstante a defesa técnica haver comprovado que Martins permaneceu no Brasil — mediante faturas de consumo local e bilhetes de voos domésticos pela Latam —, ele seguiu encarcerado por cerca de seis meses.

Em agosto de 2026, apurou-se que o referido registro migratório era inve-

rídico, circunstância confirmada pelas próprias autoridades dos Estados Unidos, o que motivou determinação judicial estrangeira para a apuração da fraude. Considerando que Martins era figura anônima para a burocracia norte-americana, a manipulação de tais dados aponta para o envolvimento de agentes com interesse direto em sua incriminação no Brasil. A que autoridade ou funcionário brasileiro interessava fabricar uma evasão fictícia para lastrear uma prisão cautelar? E a quem aproveitava a fragilização de Felipe Martins?

Essas perguntas permanecem sem a devida resposta institucional.

A convergência entre os casos Tagliaferro e Felipe Martins repousa justamente na ausência de persecução penal simétrica. Pelo que se observa, não houve o mesmo ímpeto investigativo para apurar as denúncias de parcialidade no uso do aparato eleitoral contra

opositores, tampouco para identificar e responsabilizar quem forneceu ou forjou os dados que lastrearam uma prisão preventiva indevida.

O poder-dever estatal de investigar, denunciar, processar e julgar não pode ser exercido de forma seletiva, sob pena de reduzir as garantias constitucionais a um regime de justicamento sumário, em direta afronta ao próprio Estado Democrático de Direito.

Tenho Dito!!!



BADY CURTI:
Sócio fundador da Bady Curi
Graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1993). Professor da Fundação Nacional de Mediação e Conciliação. Membro da comissão de relacionamento institucional da OAB/MG com os Tribunais. Membro da comissão de mediação da OAB/MG. Juiz do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (período). Articulista. Palestrante. Mestre em direito pela FUMEC.



Vamos tomar um café?

JB CARVALHO

Todos os dias, mais de 2 bilhões de xícaras de café são consumidas no mundo.

Isso se tornou um fenômeno civilizacional.

O café não é só uma bebida. É um catalisador histórico. Um pequeno fruto que saiu das montanhas da Etiópia e foi parar na mesa onde o mundo moderno foi pensado.

A tradição conta que tudo começou com um pastor e suas cabras inquietas. Essa anedota rural se transformou, ao longo dos séculos, em um dos motores silenciosos da história humana. O café despertou eras.

Durante séculos, uma parte da Europa viveu sob uma cultura marcada pelo consumo de bebidas alcoólicas. O álcool fazia parte das refeições, dos encontros e da rotina.

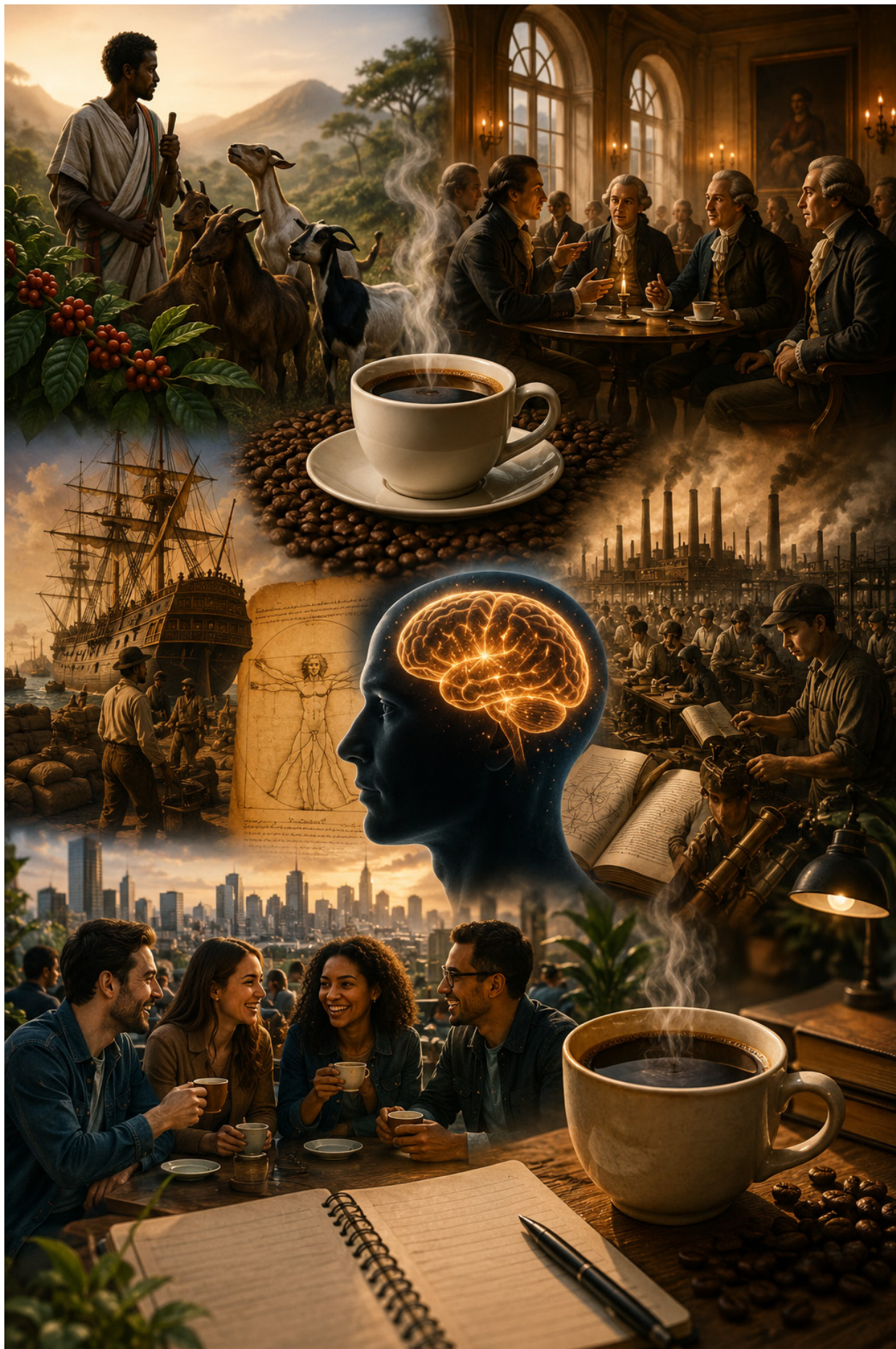
Com a chegada do café, a humanidade trocou o torpor provocado pelo álcool pela lucidez e clareza mental. Essa mudança química produziu uma mudança social.

As cafeterias surgiram como novos centros de encontro. Espaços para pensar, onde ideias são testadas, argumentos são refinados e visões de mundo são confrontadas.

Jürgen Habermas identificou nesses ambientes espaços fundamentais para o surgimento da esfera pública moderna. Era ali que a opinião ganhava forma.

O pensamento passou a circular entre pessoas comuns. É nesse ambiente que o Iluminismo encontra terreno fértil. A chamada "Era das Luzes" surge de mentes acordadas. Literalmente. A observação da realidade ganha mais rigor, as conversas atravessam horas e o debate fica mais intenso.

Ideias ligadas à razão, ao empirismo, à ciência e ao progresso floresceram nesse ambiente histórico.



O café não criou o Iluminismo. Mas ajudou a sustentar o tipo de mente que o Iluminismo exigia. E, junto com ele, outra força se expandiu: o capitalismo.

A bebida que alimentava discussões filosóficas nas cafeterias europeias também entrou no mundo do trabalho. Trabalhadores mais alertas conseguiam sustentar a atenção e a produtividade por mais tempo.

O café entrou na engrenagem da produtivi-

dade. Ele estimulou ideias e acelerou sistemas. Enquanto pensadores discutiam liberdade, mercados se expandiam. Porém, existe outro lado dessa história.

A expansão da produção cafeeira também está ligada à exploração de trabalhadores e de povos nos países produtores. O mesmo grão que estava sobre a mesa do filósofo também estava nas mãos do trabalhador invisível. Mas o impacto do café entra ainda mais profundamente: entra no corpo.

No corpo, a cafeína bloqueia os receptores de adenosina no cérebro, reduz temporariamente a sensação de sonolência e aumenta o estado de alerta, a atenção e a capacidade de concentração.

O cansaço é adiado. A atenção é prolongada. O corpo recebe um empurrão temporário contra sua própria limitação. E isso talvez revele algo profundamente humano: não queremos apenas viver. Queremos viver despertos.

Hoje, o café se tornou um ritual social. Ele é consumido e compartilhado. Marca encontros. Sustenta conversas. Começa novos relacionamentos. Cria pausas e nos coloca juntos à mesa. Talvez seja essa uma das grandes ironias do café: a bebida que ajudou a acelerar a civilização também nos deu um motivo para parar. Porém, o café acordou a mente. Mas não o espírito.

O Iluminismo, que exaltou a razão, também se perdeu na arrogância de sua independência de Deus. A expansão capitalista, que aumentou extraordinariamente a capacidade humana de produzir, também carregou consigo histórias de exploração. A lucidez não tornou necessariamente o homem mais sábio. A produtividade não tornou necessariamente o homem mais livre. E talvez esse seja o paradoxo que permanece diante de nós.

Temos mais estímulos para permanecer acordados, mais ferramentas para produzir, mais informações para processar e mais velocidade para viver. Mas estar acordado não significa necessariamente estar consciente. Podemos ter os olhos abertos e continuar dormindo. Podemos correr mais rápido sem saber para onde estamos indo. E nós, muitas vezes, não estamos mais despidos, apenas mais acelerados. Porém, poderíamos discutir tudo isso tomando um café.

O que você acha?



JB CARVALHO é

teólogo, conferencista, professor, compositor, jornalista e autor de 20 livros. É presidente da Comunidade das Nações no Brasil e nos Estados Unidos, e lidera também a Editora Chara, a Academia das Nações, a Faculdade das Nações e o Instituto Filhos do Brasil.

LULA NA GLOBO: ENTRE A MEMÓRIA SELETIVA, AS “ILAÇÕES” E A FIDELIDADE AOS AMIGOS

ABELARDO DA S. OLIVEIRA JR

A entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva à TV Globo deixou uma impressão que vai muito além do desempenho de um candidato diante das câmeras: quando as perguntas chegam ao território espinhoso das investigações envolvendo aliados, amigos e pessoas próximas ao poder, a realidade parece ganhar diferentes interpretações.

Lula foi à Globo preparado para falar de governo, economia e propostas. Mas encontrou perguntas sobre corrupção, investigações e personagens que orbitam seu entorno político. E foi justamente nesse terreno que surgiram algumas das respostas mais controversas da entrevista.

A mais emblemática talvez tenha sido a respeito de Roberta Luchsinger.

Questionado sobre a lobista, Lula afirmou que não a conhecia e chegou a dizer que nunca havia conversado com ela. O problema é que existem registros públicos que mostram o presidente ao lado de Roberta. Checagem publicada pelo Aos Fatos identificou pelo menos dois registros públicos dos dois juntos.

É perfeitamente possível que um presidente tire fotografia com alguém que não faça parte de seu círculo pessoal. Políticos, celebridades e autoridades são fotografados diariamente com inúmeras pessoas.

Mas existe uma diferença entre dizer “não tenho relação com essa pessoa” e afirmar que nunca a viu.

Quando a fotografia existe, a explicação passa a ser necessária.

E é justamente aí que a política brasileira frequentemente tenta substituir a realidade pela narrativa.

Quando a “ilação” vira argumento para tudo

Outro momento revelador ocorreu quando Lula foi questionado sobre as investigações que atingem seu filho, Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha.

O presidente classificou determinadas acusações como “ilações” e defendeu o filho, embora tenha afirmado que as investigações devem prosseguir.

Defender um filho é compreensível. O que não pode ser compreendido como regra republicana é a tentativa de desqualificar antecipadamente qualquer investigação que alcance pessoas próximas ao poder.

Investigação não é condenação.

Mas também não é “ilação” simplesmente porque incomoda.

Se há indícios, investigue-se. Se houver provas, responsabilize-se quem tiver cometido ilícitos. Se não houver provas suficientes, archive-se o procedimento. Esse é o funcionamento normal do Estado Democrático de Direito.

O problema começa quando a presunção de inocência é utilizada seletivamente: como escudo para aliados e como exigência que só deve valer para os adversários.

Jaques Wagner: a régua muda quando o investigado é amigo?

E então chegamos a outro momento especialmente significativo da entrevista: Jaques Wagner.

O senador baiano, antigo aliado e amigo de Lula há décadas, foi questionado sobre sua situação no contexto das investigações relacionadas ao Banco Master.

A resposta presidencial foi previsível para quem acompanha a política brasileira: Lula declarou acreditar na inocência de Wagner e afirmou que não poderia colocar em dúvida sua relação com o senador por causa de uma “ilação”. Também invocou o princípio de que todos são inocentes até prova em contrário.

Aqui é preciso fazer uma distinção importante.

Jaques Wagner não está condenado. E qualquer cidadão tem direito à presunção de inocência, ao contraditório e à ampla defesa.

Mas uma investigação da Polícia Federal não deixa de ser relevante porque o investigado é amigo do presidente.

Segundo informações divulgadas pela própria imprensa, Wagner foi alvo de busca e apreensão no contexto das investigações envolvendo o Banco Master. O caso está sob apuração, e as suspeitas ainda precisam ser esclarecidas pelas autoridades.

Portanto, a pergunta que deveria ser feita não é se Lula tem o direito de acreditar na inocência de Wagner.

É claro que tem.

A pergunta é outra: por que a confiança pessoal do presidente deveria ter qualquer peso na apuração dos fatos?



Se Wagner é inocente, ótimo. Que a investigação demonstre isso.

Se não é, que as provas apareçam e que a Justiça faça seu trabalho.

A amizade de 45 anos entre Lula e Wagner não pode ser critério jurídico para absolver ninguém — assim como uma fotografia com Roberta Luchsinger não pode, sozinha, provar crime algum.

O problema é a seletividade. E talvez essa seja a grande questão que ficou exposta na entrevista.

Quando se trata de adversários, a política brasileira costuma exigir respostas definitivas.

Quando a investigação chega aos aliados, surgem expressões como “ilação”, “perseguição”, “vazamento”, “narrativa” e “não há provas”.

É uma lógica perigosa.

Porque o mesmo princípio que protege Lula deve proteger seus adversários. A mesma presunção de inocência que beneficia Jaques Wagner deve beneficiar qualquer cidadão investigado. E a mesma exigência de provas feita contra opositores deve ser aplicada aos aliados.

Democracia não funciona com dois códigos de conduta.

E os números?

A entrevista também apresentou outras afirmações que foram contestadas por checagens independentes.

O Aos Fatos, por exemplo, apontou declarações de Lula consideradas falsas ou enganosas, inclusive relacionadas à fome e ao crescimento econômico.

Isso importa porque o problema de uma informação equivocada dita por um cidadão comum é uma coisa.

Quando a informação é apresentada pelo presidente da República, candidato à reeleição, diante de milhões de brasileiros, a responsabilidade é incomparavelmente maior.

Presidente não pode ter o privilégio de uma “memória política”.

Os fatos precisam permanecer fatos independentemente de quem os conte.

O eleitor precisa desconfiar de todos — inclusive de quem admira

Talvez a principal lição da entrevista de Lula seja justamente esta: o eleitor precisa aprender a desconfiar de todos os políticos.

Não importa se é Lula, Bolsonaro, Tarcísio, Ciro ou qualquer outro.

Não devemos acreditar por que gostamos.

Não devemos desacreditar por que não gostamos.

Devemos verificar.

Uma fotografia pode ser verificada.

Um dado econômico pode ser verificado.

Uma declaração pode ser confrontada com documentos.

Uma investigação pode ser acompanhada.

Uma acusação pode ser provada ou descartada.

Essa é a essência de uma democracia madura.

O problema brasileiro não é apenas a existência de corrupção. É também a capacidade que a política desenvolveu

de transformar suspeitas em condenações quando interessam ao adversário e em “ilações” quando atingem os próprios companheiros.

Lula tem todo o direito de acreditar na inocência de Jaques Wagner.

Wagner tem todo o direito de se defender.

Roberta Luchsinger tem direito à ampla defesa.

Lulinha também.

E qualquer adversário político de Lula tem exatamente os mesmos direitos.

Mas ninguém — absolutamente ninguém — deveria ter o direito de exigir que a sociedade abandone as perguntas simplesmente porque as respostas são desconfortáveis.

Afinal, uma fotografia não desaparece porque alguém diz que não conhece a pessoa fotografada.

Uma investigação não deixa de existir porque o presidente confia no investigado.

E uma pergunta não deixa de ser legítima porque a resposta politicamente conveniente é chamar tudo de “ilação”.

No fim das contas, a democracia não precisa de versões convenientes. Precisa de fatos.

E, quando o poder começa a escolher quais fatos devem ser lembrados e quais devem ser esquecidos, cabe ao jornalismo, às instituições e, sobretudo, ao eleitor fazer exatamente aquilo que o poder muitas vezes não quer: perguntar, conferir e cobrar respostas.

Porque, em uma República, amigo não é sinônimo de inocente.

Aliado não é sinônimo de culpado.

E fotografia não é sinônimo de crime.

Mas nenhum desses fatos pode ser apagado simplesmente por uma narrativa política.

Os fatos continuam existindo — mesmo quando a memória de um político parece não os acompanhar.



ABELARDO DA SILVA OLIVEIRA JUNIOR
ADVOGADO – OAB/AP 3155
E-MAIL: ADVOGADO.
ABELARDOJUNIOR@GMAIL.COM



O que faz uma mulher feliz é ser livre para amar

TITO GUIMARÃES FILHO



Ele olha a revista, onde uma mulher está sentada, em um monte, sobre a grama baixa, um longo tapete verde, recortado pelo azul do céu claro que sem nuvens. Perfeito jogo de contraste.

- Ela foi uma mulher feliz.

A senhora Lurdes Alberta, mais de 90 anos, amparada por um neto gigantesco. Ele repetia a frase:

- Ela foi muito feliz. Uma mulher muito feliz.

Não era a verdade. Eu a conheci, profundamente, vivi com sua enorme infelicidade e insatisfação com a vida, com os pais, com as irmãs, com os filhos.

Ela não viveu a vida que quis, muito menos a que sonhou. Não foi nunca, em nenhum momento, uma mulher feliz.

Terrivelmente amargurada esteve, muitas vezes, mais na loucura, destilando um ódio incomensurável a pessoas, povos e àqueles mais próximos, em quem seu marcante desprezo carimbava frases demolidoras.

- Hoje, eu não tenho mais opções, dizia dona Lurdes. Se eu tivesse a oportunidade de viver de novo jamais seria uma mulher honrada.

Dona Lurdes Alberta pronunciava as sílabas, sem vacilações e com firmeza:

“Mil vezes eu seria uma prostituta. Sonho em como minha vida teria sido mais bela, mais alegre, mais verdadeira, se eu tivesse sido uma prostituta.”

Dona Lurdes é ouvida apenas pelo jovem Nestor, “meu menino” ela dizia do seu médico cardiologista, responsável pelo acompanhamento diário, há quatro anos, da sua melhor “surpresa”.

- Ela morreria dentro de algumas horas. Isto ouvi há quatro anos. Ela ainda está aí. Firme, serena e também audaciosa.

- Eu posso falar o que penso. Caso queira ou seja necessário, posso reescrever minha porca história. Por que a opção pela prostituição como mulher? Não apenas a prostituição como profissão ou como prazer ou como depravação. Tudo isto, mas como

a melhor oportunidade que uma mulher tem quando busca autenticidade, felicidade, não submissão a pessoas queridas, amantes, filhos, filhas. Por quê? Porque não teria, aqui, esta vida falsa, esta vida vivida e não vivida. Não usufruída, onde fui, todos os dias e todas as noites, apenas uma peça insignificante.

Ela está diante do seu gigante. Ele a levanta. Ela põe as mãos sobre um bordado na mesa. O bordado envolve sua bela mão.

Olha em meus olhos.

- Falo isto a você e falo isto pela primeira vez. Não falo diante dos meus filhos. Você que é um grande amante sabe porque eu gostaria de ter sido uma grande amante. Perdi meu tempo, joguei fora toda uma vida.

Outro dia, olhando a paisagem da costa brasileira, na Bahia, ela me pediu para acompanhar sua filha mais nova.

-Vá, ela ainda tem uma oportunidade. Ela merece.

Duas semanas depois, morria também dona Lurdes Alberta, aos 94 anos. Não

mais acordou. Seu rosto parecia sereno.

Morrera, com certeza, com ódio da morte. Ela queria viver e Zorba, O Grego, era seu filme preferido. Principalmente, a última cena em que, agarrado à janela, Zorba resiste à morte. Inutilmente.

Fui ao seu lado, com Ada ao meu lado, o marido ao lado de Ada, os filhos do casal com suas mulheres. Caminhávamos como é possível caminhar uma imensa hipocrisia onde não havia nenhuma tristeza.

Um vento espalhava, sacana, os cheiros suados dos nossos corpos, alguns num imenso tesão de cio. O calor aumentava a cada passo e o suor escorria das roupas dos que faziam mais força no caminhar. A camisa azul colava em diversos músculos, no peito, nos braços, do homem amante.

- Ela foi uma mulher feliz.

Olhei para trás e era a mesma voz. Era o mesmo erro. A mesma visão amiga e sonhadora.

- Por quê?

Entardecia, o calor firme. Agora, sem vento. Caminhávamos. Ada e o marido na frente. Eu atrás.

- Ada também não era uma mulher feliz.

Os dois olharam para trás, como a confirmar o que eu falava. Talvez eles não tivessem ouvido. Ela limpou o nariz com um lenço e ele puxou seu braço mais para perto. Olharam de novo para a frente e continuaram.

O céu estava azul, sem nuvens. Escurecia. Nas nossas costas, o poente explodia em milhares de tons de vermelho.

Mas eu não iria olhá-lo, hoje.



TITO GUIMARÃES FILHO - é jornalista, diretor de Redação do Diário de Minas e um escritor que insiste, pirraça e, aos poucos, inventa linhas parecidas com letras de páginas já lidas — pelo menos por ele.

O DESTINO DOS QUE GOVERNAM

YURI ALESI



Deixa eu te contar uma história.

Ela tem mais de dois mil anos e foi contada pela primeira vez numa época em que os gregos ainda acreditavam que os deuses habitavam as montanhas e que o destino dos homens era tecido por mãos que nenhum mortal conseguia ver. Mas não se deixa enganar pela idade. Essa história poderia ter sido escrita ontem. Poderia estar sendo escrita agora.

Havia um ser chamado Prometeu. Ele era um titã, uma das criaturas antigas que existiram antes dos próprios deuses do Olimpo. Seu nome, em grego, significa “o que pensa antes”. “O providente”. “O que enxerga o que os outros ainda não viram”. E ele enxergava, de fato. Tinha uma inteligência tão afiada, uma visão tão longa, que os próprios deuses o respeitavam e temiam ao mesmo tempo.

Mas o que Prometeu sentia quando olhava para os seres humanos não era respeito nem temor. Era uma coisa mais íntima e mais dolorosa do que isso. Era compaixão.

Ele via criaturas que tremiam de frio nas cavernas. Que comiam carne crua e adoeciam. Que morriam de feridas que poderiam ser tratadas, de invernos que poderiam ser suportados, de escuridões que

poderiam ser iluminadas. Via seres com um potencial imenso, presos numa existência miserável, como se houvesse dentro de cada um deles algo grandioso esperando por uma chave que nunca chegava. Prometeu sabia onde estava essa chave.

No Olimpo, os deuses guardavam o fogo. Não era apenas calor e luz, era tudo o que o calor e a luz tornam possível. Era a diferença entre o animal e o civilizado, entre o barro bruto e o tijolo, entre o minério e a ferramenta, entre a erva e o remédio. Era a possibilidade de transformar o mundo em vez de apenas sobreviver nele. E Zeus, o senhor do Olimpo, o retinha deliberadamente. Havia uma ordem entre o divino e o humano, uma fronteira que separava os dois mundos, e o fogo estava do lado de cima dessa fronteira. Por decisão. Por desígnio. Porque certas coisas, na cosmologia grega, pertenciam aos deuses e não aos homens.

Prometeu olhou para essa fronteira. Olhou para os homens sofrendo. Tornou a olhar para a fronteira. E a cruzou. Escondeu uma brasa viva dentro de um talo de funcho oco, uma planta comum, discreta, que ninguém olharia duas vezes e desceu do Olimpo com o fogo escondido ali dentro. Chegou ao mundo dos homens. Entregou a chama.

O que aconteceu depois foi tudo o que ele imaginara. Os homens aprenderam a cozinhar, a aquecer suas casas, a fundir metais, a navegar com maior segurança, a tratar feridas, a construir cidades. Floresceram. A civilização humana, em seu sentido mais fundamental, nasceu daquele gesto.

E Prometeu observou tudo isso. Viu os homens florescendo com o que ele lhes dera. E imagino, porque a história não diz, mas eu imagino que naquele momento ele sentiu algo que só quem agiu por amor e viu o amor frutificar consegue sentir. Uma completude. Uma certeza de que valeu a pena. O que ele não viu, ou não quis ver, foi a tirania, as armas, as guerras, a destruição do homem pelo homem.

Zeus não esperou muito. A transgressão era grave demais, a fronteira cruzada séria demais, para que passasse sem resposta. Prometeu foi capturado e acorrentado a uma rocha no fim do mundo, no Cáucaso, um lugar tão remoto que nenhum socorro poderia chegar. E Zeus mandou uma águia. Todos os dias, sem exceção, ela descia e devorava o fígado de Prometeu. E como ele era imortal, o fígado se regenerava durante a noite. Para que a águia voltasse no dia seguinte. E no seguinte. E no seguinte. Para sempre.

Imóvel. Acorrentado. Consumido todos os dias pelo resultado de sua própria escolha.

Mas agora preciso que você fique com uma pergunta que essa história deixa no ar, uma pergunta pequena, quase discreta, como o talo de funcho. Antes de descer ao mundo com o fogo escondido, Prometeu foi até os homens e perguntou se eles o queriam? Se estavam dispostos a assumir os riscos que vinham junto com a dádiva, os incêndios, as guerras com armas de ferro, o poder de destruição que o domínio do fogo carrega dentro de si, junto com tudo o que tem de luminoso?

Não. Ele foi. Sozinho, decidiu o que era melhor para a humanidade. Sem perguntar. Sem consultar. Porque ele enxergava o que os homens não enxergavam, e essa visão, na sua cabeça, era suficiente para agir por eles sem precisar ouvi-los.

É aqui que a história deixa de ser sobre um titã e começa a ser sobre algo que reconhecemos. Porque esse movimento, o do líder que enxerga mais longe, que ama genuinamente, que age em nome dos outros sem consultá-los, que cruza fronteiras porque sua causa é grande demais para ser limitada pelas regras que valem para os demais. Esse movimento não ficou na mitologia grega. Ele está em todo lugar onde há poder e alguém que o exerce.

Não estou falando de hipocrisia. Estou falando de algo mais sutil e mais difícil de nomear. Estou falando do momento em que um governante, com uma causa real e um amor genuíno pelo que representa, começa a confundir duas coisas que precisariam permanecer separadas, qual seja, a causa que serve e a pessoa que serve à causa. Quando o que era “estou a serviço de algo maior do que eu” se transforma, devagar e quase sem que ninguém perceba, em “eu sou esse algo maior”. Quando a fronteira entre o líder e o projeto some.

A partir desse momento, qualquer crítica à política vira ataque à pessoa. Qualquer ataque à pessoa vira traição ao projeto. E as regras que existem para proteger a todos.

As fronteiras que Prometeu cruzou com tão boa consciência passam a ser vistas como obstáculos à missão, não como os limites que definem o que a missão pode e não pode fazer.

O suplício de Prometeu não é apenas punição. É imagem. É a imagem do que acontece com quem, ao colocar-se acima das regras em nome de uma causa, perde a mobilidade. Deixa de conseguir se mover, se adaptar, corrigir o rumo. Está preso à rocha de suas próprias certezas, sendo consumido todos os dias por elas, sem conseguir avançar, enquanto o mundo que ele transformou segue em frente sem ele.

Os homens ficaram com o fogo. Prometeu ficou com a rocha.

O fogo não desceu do Olimpo em chamas abertas, com fanfarra e proclamação. Desceu escondido, disfarçado, dentro de algo que parecia inócuo. E é assim que quase tudo que muda o mundo chega e é assim que quase tudo que destrói os que governam começa. Não com um gesto enorme e declarado. Com algo pequeno que parece razoável. Uma exceção que parece justificada. Uma fronteira que parece menos importante do que a causa que está do outro lado dela.

Relembro essa história a você, muito embora tenha sido contada há mais de dois milênios, porque ela continua atual e cheia de significados, pois eu como um jovem político, devo me manter vacinado contra essa vontade de sentir-se superior em ideias e ações. O Nazismo, o Fascismo e tantos outros governos tiranos, com outros nomes, outras bandeiras, nasceram dessa visão. O grandioso que se torna prisioneiro de si mesmo. A causa que começa servindo às pessoas e termina servindo a si mesma.

Será esse o destino de todos os que governam?



YURI ALESI - Advogado Sênior, do Escritório de Advocacia Alesi, Guerreiro & Teles, especialista em Direito Tributário e Administração Pública. Ex-Assessor Especial da Procuradoria Geral da Assembleia Legislativa do Estado do Amapá, Ex-Vereador de Oiapoque-AP.

Luto

DENISE MORELLI

Luto é pesado demais. É aquela dor que não tem onde colocar. Uma hora vem em onda forte, outra hora fica em silêncio, mas está ali.

Você não precisa passar pelo luto sozinho.

Algumas coisas que costumam ajudar um pouco quando o luto aperta:

- Deixe a dor existir do jeito dela. Não tem jeito certo de viver o luto, não tem prazo. Chorar, não chorar, sentir raiva, culpa, alívio, tudo pode fazer parte.

- Corpo também sente. Tente beber água, comer algo leve, respirar fundo por alguns minutos. Se conseguir, uma caminhada curta ajuda a não ficar só na cabeça.

- Rituais pequenos ajudam. Escrever uma carta, separar fotos, acender uma vela, ouvir uma música que lembra a pessoa. É uma forma de homenagear e dar um lugar pra saudade.

- Não se isole por muito tempo. Chama alguém que você confia, mesmo que seja só para ficar junto em silêncio. Falar "hoje está difícil" já é suficiente.

Se a dor ficar muito sufocante, por favor não fica sozinho com ela. Aqui no Brasil você pode falar a qualquer hora com o CVV, ligando para 188 ou no site <http://cvv.org.br>. Eles acolhem com muito carinho. Se for um luto muito recente e intenso, conversar com um psicólogo também pode dar um suporte importante.

Luto infantil

É uma das dores mais difíceis.

Vou dar aqui as duas orientações, que são diferentes:

Se é uma criança que perdeu alguém:

A criança sente a perda tão fundo quanto um adulto, só que ela ainda não tem palavras para isso. O que mais ajuda:

1. Fale a verdade de forma simples, sem metáforas.



Evite dizer "foi dormir", "virou estrelinha" ou "foi viajar" — isso pode gerar muito medo. Use palavras reais e curtas: "o vovô morreu. Isso quer dizer que o corpo dele parou de funcionar e ele não vai mais voltar. É muito triste e a gente pode sentir saudade juntos."

2. Deixe perguntar muitas vezes.

É normal ela perguntar a mesma coisa 10 vezes. "Por quê? Onde está? Volta quando?". Responda sempre com calma e da mesma forma. Repetir é o jeito dela de entender.

3. Mantenha a rotina.

Escola, hora de comer, hora de brincar. Rotina traz segurança quando tudo parece ter desabado.

4. Deixe o sentimento sair como der.

Às vezes vai ser choro, às vezes raiva, às vezes brincando de "enterro" com bonecos. Brincar é como a criança elabora o luto. Não precisa corrigir, só estar perto: "eu vi que você ficou bravo/triste. Quer um abraço?"

5. Inclua nos rituais.

Se ela quiser ir ao velório, desenhar uma carta, escolher uma flor, deixe. Excluir "para proteger" costuma deixar mais confuso.

O que não ajuda: dizer "não chora", "você tem que

ser forte", "agora você é o homenzinho da casa".

Se é o luto pela perda de uma criança:

Não existem palavras que deem conta. É um luto que rompe a ordem natural da vida e costuma vir com muita culpa, revolta e um vazio imenso.

Por favor, não se cobre para "superar" ou ser forte rápido. Algumas coisas que outras famílias relatam que trouxeram um pouco de amparo:

- Dar nome e história para o que viveu. Falar dela, guardar objetos, fazer uma homenagem quando sentir vontade.

- Não viver isso sozinho. O luto de um casal, de avós, de irmãos, é diferente para cada um — tentem se contar como estão, sem julgamento.

- Cuidado com frases que as pessoas dizem tentando ajudar mas que machucam, tipo "você é jovem, vai ter outro". Você tem o direito de se afastar se algo dói.

- Procure apoio especializado. O luto infantil deixa marcas muito profundas. Um psicólogo com experiência em luto pode ajudar muito. Grupos de apoio para pais enlutados também acolhem de um jeito que só quem passou entende.

Se a dor estiver muito forte, fique perto de alguém

que você ama. E se sentir que não está aguentando, ligue para o CVV 188 — 24h, gratuito, eles atendem pais e familiares enlutados também.

Para saber mais:

Filmes sobre luto ajudam porque colocam em imagens aquilo que a gente não consegue colocar em palavras.

Para chorar, acolher e se sentir menos sozinho:

- Viva - A Vida é Uma Festa (Coco) - O melhor sobre luto para ver com criança. Fala de saudade, memória e como manter quem partiu vivo dentro da gente. Lindo e leve.

- Up - Altas Aventuras - Os primeiros 10 minutos resumem uma vida inteira de amor e luto. Depois fala sobre recomeçar.

- Manchester à Beira-Mar - Um luto cru, sem romantizar. Sobre culpa e sobre como a gente continua vivendo mesmo quebrado. Bem pesado.

- Aftersun - Sobre uma filha adulta tentando entender o pai que ela perdeu. Silencioso e muito tocante.

Sobre perder alguém muito próximo:

- Meu Pai (The Father) - Para quem está vivendo o luto de alguém que ainda está vivo, como no Alzheimer. Ajuda a entender a confusão.

- A Chegada (Arrival) - Não parece ser sobre luto, mas é. Sobre amar sabendo que vamos perder.

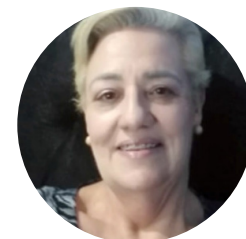
- Questão de Tempo (About Time) - Um filme gostoso que fala sobre valorizar cada dia comum com quem a gente ama.

Para ver COM uma criança enlutada:

- Divertida Mente 1 e 2 - Explica para a criança que tristeza é necessária e tem seu lugar.

- Meu Amigo Totoro - Duas irmãs lidando com o medo de perder a mãe doente. Muito delicado, sem falar de morte diretamente.

- O Rei Leão - O clássico sobre explicar a morte e a continuidade da vida para os pequenos.



DENISE MORELLI
Psicóloga Jurídica na POLITEC Coordenadora Nacional da Especialização em Criminologia e em Psicologia Jurídica e Iligência Forense do INFOR, Professora de diversas Univeridades em cursos de graduação em Direito e Psicologia, Especializações e Mestrados, Palestrante Nacional e Internacional, Tutora da Secretaria Nacional de Segurança Pública -SENASP.
denisemorelli@hotmail.com

Igor Paixão acerta com Sunderland e aguarda acordo com o Marselha para jogar na Premier League

O atacante brasileiro Igor Paixão está perto de trocar o Olympique de Marselha pelo Sunderland, da Inglaterra. Revelado pelo Coritiba, o jogador de 26 anos já chegou a um acordo com o clube inglês para assinar contrato de cinco anos e agora aguarda a conclusão das negociações entre as duas equipes.

A definição precisa acontecer até a noite de segunda-feira, quando termina a janela de transferências. Existe otimismo para que o negócio seja concretizado, mas o Marselha não pretende facilitar a saída de um de seus principais jogadores.

O clube francês busca uma valorização em relação aos 35 milhões de euros pagos ao Feyenoord, da Holanda, há cerca de um ano, entre valores fixos e bônus.

Igor Paixão teve uma boa primeira temporada na França. Em 42 partidas, participou diretamente de 20 gols. Na pré-temporada, também chamou atenção ao marcar um golão em amistoso contra o Atlético de Madrid. Na estreia do Campeonato Francês, foi titular na vitória por 4 a 0 sobre o Strasbourg.

Mesmo com as negociações em andamento, o brasileiro segue à disposição do técnico

co Bruno Genésio e pode ser utilizado no clássico contra o Monaco, no próximo domingo, fora de casa.

Paixão deixou o Coritiba em 2022, quando foi negociado com o Feyenoord. No futebol holandês, acumulou 63 participações em gols em 129 jogos e conquistou três títulos: Campeonato Holandês, Copa da Holanda e Supertaça.

Agora, o atacante aguarda o desfecho das tratativas para realizar o desejo de atuar na Premier League e defender o Sunderland, que também disputará a Europa League nesta temporada.



Unifap vence e avança à semifinal do basquete feminino nos JUBs 2026

A equipe feminina de basquete da Universidade Federal do Amapá (Unifap) está entre as quatro melhores da competição nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) 2026. O time amapaense derrotou a Universidade Tiradentes (Unit), de Sergipe, por 50 a 44, e garantiu vaga na semifinal da 3ª Divisão.

A próxima partida será contra o Instituto Federal do Tocantins (IFTO), nesta sexta-feira (28), às 9h. Se vencer, a Unifap avança à final e garante, no mínimo, uma medalha para o

Amapá na competição nacional.

A campanha começou com uma vitória convincente sobre a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Na estreia, as amapaenses venceram por 69 a 32, mostrando força desde o início do torneio.

Na sequência, a Unifap voltou à quadra e confirmou a classificação ao superar a Unit por 50 a 44. Com o resultado, a equipe segue na disputa pelo título e mantém vivo o sonho de colocar o Amapá no lugar mais alto do pódio.



Jose Caxias

Lula

Na abertura da campanha eleitoral pelo rádio e televisão. Quem apareceu pedindo voto para o senador Randolfe Rodrigues (PT) foi o presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. Isso mostra a amizade que as duas autoridades selaram ao longo dos anos.

Perdi meia hora

Com o horário eleitoral no rádio e na televisão o meu programa de rádio “Tarumã Notí-

cias” 104,3 FM perdeu meia hora. Sempre começamos ao meio-dia, justamente é o horário da Justiça Eleitoral. Ninguém pode fazer absolutamente nada. Apenas cumprir a regra como um bom cidadão.

Jaime Nunes

Empresário Jaime Nunes estava viajando cuidando de assuntos relacionados as suas empresas. Retornou na última sexta-feira 28, mas já se engajou na campanha da candidata

Alinne Serrão (União). Como todo mundo é sabedor ele é o primeiro suplente da chapa da deputada.

Debate

A direção de jornalismo da TV Amapá irá realizar no mês de setembro, o esperado debate com os candidatos ao governo do estado. pelo andar da carruagem protagonistas apenas os nomes do médico Antônio Furlan (PSD) e o atual governador Clécio Luís (União). Também a

direção da emissora programou debate entre os candidatos ao senado federal. Esse evento será inédito. Eles nunca fizeram esse tipo de debate.

As cortinhas

Uma das lojas da Super Kennedy foi roubada em plena luz do dia. Agora a pergunta que não quer calar. Cadê os seguranças da loja, ou o proprietário não usa esse serviço. Olha, eu vou te contar! XXXX Empresário Felipe vem levan-



do a sério sua candidatura para deputado federal. Tudo leva a crer que deve tirar o lugar de alguém que estar no poder. XXXX Ex-prefeito de Mazagão Dudão. Se tornou apto com a Justiça Eleitoral. Agora ele pode disputar o pleito sem problema nenhum. XXXX Segundo analistas de plantão da política tucuju. Dos 24 deputados estaduais, 10 não vão conseguir se reeleger. Ou seja, então não mostraram serviço no seu mandato. XXXX Gente, por hoje é o que há, fiquem com Deus e a minha Padroeira Virgem de Nazaré e São Judas Tadeu. Um belíssimo domingo. Tchau!



**A BELA
POLYANA
LUANE NA
NOSSA SOCIAL**



**A PROMOTORA
CLARISSE
ALCANTARA
LAX COAUTORA
DA OBRA VOZES
FEMININAS
NO SISTEMA
JUDICIÁRIO**



**PARABÉNS
À DELEGADA
LUIZA MAIA PELO
ANIVERSÁRIO! QUE
ESTA NOVA FASE
SEJA MARCADA
POR MUITA SAÚDE,
FELICIDADE E
CONQUISTAS**



**PARABÉNS, RICARDO
FALCÃO, PELA REELEIÇÃO
COMO VICE-PRESIDENTE
DA INTERNATIONAL
MARITIME PILOTS'
ASSOCIATION (IMPA) PARA
O MANDATO 2026-2030! A
CONQUISTA RECONHECE
SUA COMPETÊNCIA,
LIDERANÇA E DEDICAÇÃO,
FORTALECENDO A
PRESENÇA DO BRASIL
NA PRATICAGEM
INTERNACIONAL.
UM IMPORTANTE
RECONHECIMENTO AO
SEU TRABALHO E À SUA
TRAJETÓRIA**



**PARABÉNS, CLEUMA
DUARTE! QUE ESTA NOVA
IDADE SEJA REPLETA
DE SAÚDE, ALEGRIAS,
REALIZAÇÕES E
MOMENTOS ESPECIAIS
AO LADO DE QUEM AMA**



**A BELEZA
DE MAYANNA
DIAS, QUE
MUDOU
DE IDADE,
FELICIDADES
E PARABÉNS**

Coleta de DNA amplia chances de identificar desaparecidos no Amapá; veja como participar

Familiares de pessoas desaparecidas podem realizar coleta de DNA para ajudar na localização e identificação de parentes. A Polícia Científica do Estado do Amapá (PCA) oferece o serviço de forma permanente nas unidades de Macapá e Santana.

O material genético coletado nas unidades da Polícia Científica é encaminhado ao Banco Nacional de Perfis Genéticos. O sistema cruza os perfis com amostras biológicas de pessoas desaparecidas de diferentes partes do país.

A iniciativa busca contribuir para a redução dos casos de desaparecimento no estado. Segundo o 20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o Amapá registrou 410 ocorrências em 2025, uma redução de 8,9% em comparação com o ano anterior, quando foram contabilizados 448 casos.

Mesmo com a queda, o estado apresentou taxa de 50,8 desaparecimentos para cada 100 mil habitantes em 2025, acima da média nacional, que foi de 39,5 casos.

QUEM PODE FAZER A COLETA?

A coleta é indicada principalmente para parentes de primeiro grau, como pais, filhos e irmãos biológicos. O vínculo familiar aumenta as chances de obtenção de um perfil genético compatível e pode contribuir para a identificação da pessoa desaparecida.

Na ausência de parentes diretos, outros familiares também podem realizar o procedimento. O serviço atende ainda casos antigos, desde que o desaparecimento tenha sido oficialmente registrado.

Segundo a coordenadora da ação e odontologista Sarah Araújo, não existe limite de idade para participar da coleta.

“Pode ser idoso, criança ou adulto. Se você tem um familiar que está desaparecido há anos ou recentemente, é só procurar a delegacia, trazer o boletim e procurar uma unidade da Polícia Científica”, explicou.

DOCUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Para realizar a coleta, o familiar deve apresentar o boletim de ocorrência referente ao desaparecimento e um documento de identificação com

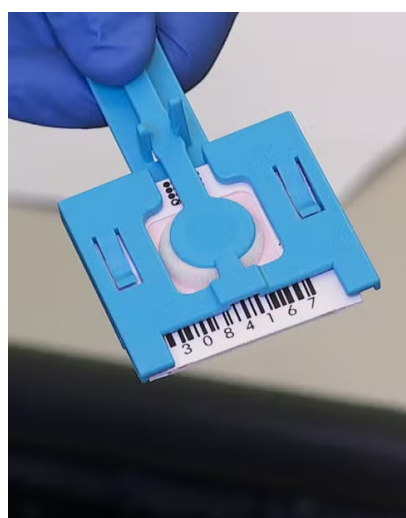


foto.

Antes do procedimento, a equipe realiza uma entrevista para reunir informações que possam auxiliar na identificação, como características físicas, roupas utilizadas no momento do desaparecimento, marcas, cicatrizes, tatuagens e histórico médico.

Depois, os profissionais retiram uma amostra de saliva da parte interna da bochecha com uma haste flexível. O procedimento é rápido, indolor e não exige jejum, repouso ou preparação prévia.

COMO FUNCIONA A

IDENTIFICAÇÃO

Após a coleta, o laboratório de genética forense extrai o perfil genético da amostra. Em seguida, os peritos inserem os dados nos bancos estadual e nacional.

O gerente técnico do laboratório em Santana, Pablo Francez, explica que o sistema cruza as informações dos familiares com três grupos: cadáveres sem identificação, pessoas desaparecidas e pessoas vivas que não conseguem informar a própria identidade.

“Depois de extraído o material, ele passa por uma série de equipamentos até gerar um

perfil genético, que é um código único de cada pessoa”.

Quando o sistema encontra compatibilidade entre os perfis genéticos, a instituição responsável pela investigação emite um laudo e entra em contato com o familiar que forneceu a amostra.

Esse é o caso da santanense Zuleide Costa, que realizou o procedimento após o desaparecimento do pai e ainda aguarda informações sobre ele.

“Meu pai estava em uma clínica para tratamento de alcoolismo e desapareceu dois dias após a internação. É bom participar porque, se surgir qualquer corpo ou pessoa, a família vai ser avisada”, contou.

Após a confirmação da identificação, o cadastro do familiar é excluído e o perfil genético é retirado dos bancos estadual e nacional.

ONDE FAZER A COLETA NO AMAPÁ

Macapá: Polícia Científica - Rua Floriano Waldeck, nº 1469, bairro São Lázaro.

Santana: Polícia Científica - Avenida Lucena de Azevedo, s/n, bairro Daniel.

Aos 80 anos, João Bosco ganha a Medalha UBC e compartilha a honraria com o imortal parceiro Aldir Blanc

Na próxima quarta-feira, 2 de setembro, Aldir Blanc (1946 - 2020) faria 80 anos. Na véspera, 1º de setembro, João Bosco - com quem Aldir construiu obra fundamental em parceria que atingiu o auge na década de 1970 - será laureado com a Medalha UBC, conferida ao compositor, cantor e violonista mineiro pela União Brasileira de Compositores.

É sintomático que João Bosco, também ele já um octogenário desde 13 de julho, receba a honraria tão perto do aniversário de Aldir Blanc. É que a dupla Bosco & Aldir se manteve inseparável e imortalizada no panteão da música brasileira, por mais que Bosco tenha mantido a relevância da obra autoral após a dissolução gradual da parceria - apresentada em 1972 e diluída na primeira metade dos anos 1980 - através da feitura de músicas com poetas como Antonio Cicero (1945 - 2024),

Francisco Bosco, José Carlos Capinan e Waly Salomão (1943 - 2003). Sem falar nas várias composições que fez e assinou sozinho, caso de “Jade” (1989).

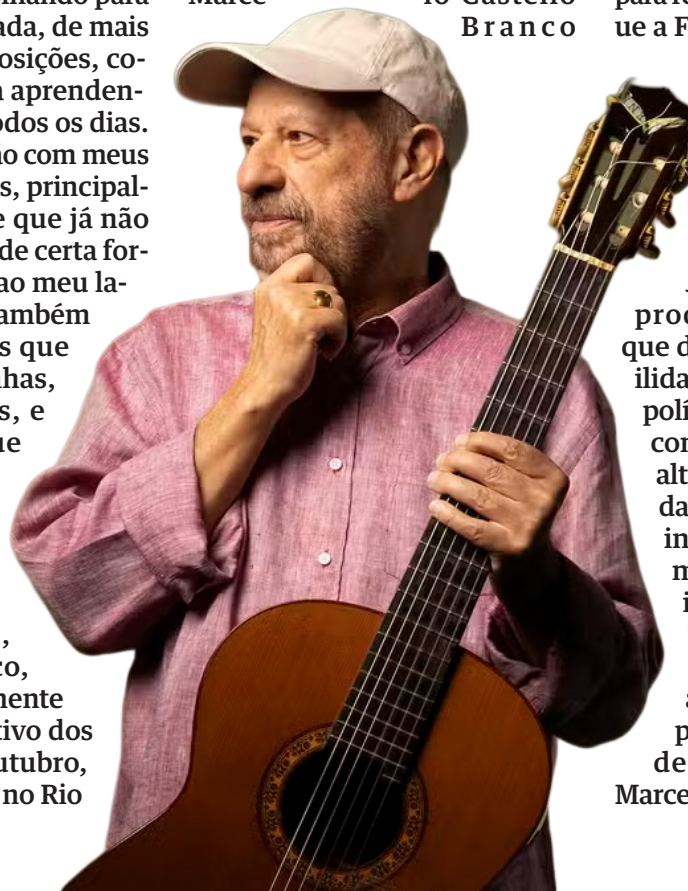
É difícil falar de Aldir Blanc sem mencionar João Bosco. E vice-versa. Eleger João Bosco como o homenageado da quarta edição da Medalha UBC - em cerimônia que terá um pocket show para convidados que reunirá nomes como Badi Assad, Joyce Alane, Juliana Linhares, Laura de Castro e Pedro Luís no palco da Casa UBC, no Rio de Janeiro (RJ), sob direção musical de Julinho Teixeira - é também celebrar Aldir Blanc na semana dos 80 anos do bardo carioca.

O próprio João Bosco entende a homenagem ao parceiro falecido há seis anos, vítima de covid-19. “Toda homenagem ao compositor é, antes de tudo, uma homenagem à própria canção. É dela que nasce o encontro entre quem escreve,

quem interpreta e quem escuta. Recebo a Medalha UBC com alegria e gratidão, olhando para essa longa caminhada, de mais de trezentas composições, como quem continua aprendendo com a música todos os dias. Divido essa distinção com meus estimados parceiros, principalmente com aquele que já não está aqui, mas que de certa forma esteve sempre ao meu lado, Aldir Blanc, e também com os intérpretes que deram vida às minhas, às nossas canções, e com o público, que é quem completa o sentido de cada uma delas. Seguimos. Ser compositor é um ofício do qual me orgulho”, celebra João Bosco, que estreia oficialmente o show comemorativo dos 80 anos em 2 de outubro, na casa Qualistage, no Rio

de Janeiro (RJ).

Diretor executivo da UBC, Marcelo Castello Branco



também menciona Aldir Blanc ao justificar a escolha de Bosco para receber a medalha já entregue a Fausto Nilo, Luiz Caldas e Guilherme Arantes. “João

Bosco é um patrimônio da música brasileira, como testemunha musical de nossas perplexidades, desventuras e amores. A parceria de João com Aldir Blanc produziu canções eternas que descreveram com sensibilidade o nosso tempo social, político e afetivo, com nossas contradições, pequenezas e altruísmos. A dupla foi fundamental na construção das infinitas possibilidades da música brasileira. Como instrumentista, João é um virtuoso, um artesão de um som particular, que alia simplicidade e complexidade com genialidade despretensiosa”, resume Marcelo Castello Branco.

O truque biológico para frear o relógio: Como a ciência descobriu o 'botão de pausa' do envelhecimento (e por que você não precisará passar fome)

PATRÍCIO ALMEIDA

Existe uma verdade incômoda na biologia que os cientistas conhecem há décadas. Se você pegar um grupo de camundongos, macacos rhesus ou até mesmo moscas-das-frutas e cortar drasticamente a quantidade de comida que eles ingerem, algo quase mágico acontece. Eles vivem mais. Muito mais. E não apenas sobrevivem se arrastando; eles permanecem saudáveis, ágeis e com uma biologia de dar inveja aos seus pares bem alimentados. A restrição calórica severa é, até hoje, uma das intervenções mais robustas já descobertas para retardar o envelhecimento na natureza.

Mas há um pequeno problema. Nós não somos moscas-das-frutas. Para um ser humano, cortar 40% das calorias diárias e manter isso por décadas não é apenas um teste de força de vontade hercúleo. É uma receita para a miséria. Animais submetidos a essas dietas extremas tornam-se letárgicos. Sentem frio constantemente. Sua capacidade de reprodução despencou e o sistema imunológico, ironicamente, fica mais vulnerável a infecções agudas. O crescimento é prejudicado. É o clássico dilema do coberto curto: você ganha anos de vida, mas sacrifica brutalmente a qualidade do seu dia a dia.

Isso sempre deixou a comunidade científica em um beco sem saída. Será que estamos condenados a escolher entre uma vida longa e miserável ou uma vida mais curta e prazerosa?

Um estudo recente, publicado na prestigiada revista *Nature Aging* por pesquisadores da Escola de Medicina de Yale, sugere que talvez possamos ter o melhor dos dois mundos. A resposta não está em fechar a boca para sempre, mas em enganar o corpo para que ele pense que você fez isso. E o segredo por trás desse truque atende pelo nome de uma proteína específica: o componente do complemento 3, ou simplesmente C3.

O ESTUDO QUE MUDOU AS REGRAS DO JOGO

Para entender como chegamos a essa proteína, precisamos olhar para um experimento fascinante chamado CALERIE (Avaliação Abrangente dos Efeitos a Longo Prazo da Redução da Ingestão de Energia, financiado pelos Institutos Nacionais de Saúde dos EUA). Esqueça os camundongos trancados em gaiolas. Este foi um ensaio clínico rigoroso feito com seres humanos reais, vivendo suas vidas normais.

Durante dois anos, 42 voluntários toparam o desafio de reduzir sua ingestão calórica. Mas não foi uma dieta de fome. Eles cortaram apenas cerca de 11% a 14% das calorias diárias. É o equivalente a pular aquela sobremesa pesada ou diminuir um pouco as porções nas refeições principais. Nada de privações extremas. O objetivo era descobrir se uma restrição moderada e sustentável traria os mesmos benefícios biológicos observados nos animais de laboratório.

E trouxe. Vishwa Deep Dixit, professor de patologia e diretor do Centro de Pesquisa sobre Envelhecimento de Yale, liderou a equipe que analisou o sangue desses participantes. O que eles viram foi que o sistema imunológico dessas pessoas ficou mais resiliente, sem os efeitos colaterais negativos na reprodução ou no crescimento que dietas radicais costumam causar.



Mas a verdadeira caça ao tesouro começou quando a equipe decidiu olhar mais de perto. Eles rastrearam mais de 7.000 proteínas diferentes circulando no plasma sanguíneo dos voluntários ao longo do tempo. Analisar 7.000 proteínas é como tentar ouvir uma única conversa específica no meio de um estádio de futebol lotado. Exige paciência, tecnologia de ponta e um olhar treinado para anomalias.

Foi então que o C3 saltou aos olhos.

Após a restrição calórica moderada, os níveis dessa proteína despencaram de forma consistente. Não foi uma flutuação aleatória. Foi uma queda brusca e sustentada que acendeu um alerta vermelho de excitação no laboratório de Yale.

A FACA DE DOIS GUMES DO NOSSO SISTEMA IMUNOLÓGICO

Por que o C3 é tão importante? Para responder a isso, precisamos fazer um breve desvio para entender como o nosso corpo lida com ameaças.

O C3 faz parte do que os imunologistas chamam de "sistema complemento". Imagine esse sistema como uma rede de alarmes e armadilhas espalhadas pelo seu corpo. Quando uma bactéria ou vírus invade, o sistema complemento é ativado em cascata, marcando o invasor para destruição e chamando as células de defesa para o local. É um mecanismo brilhante, primitivo e absolutamente essencial para a nossa sobrevivência diária.

O problema é que, à medida que envelhecemos, esse sistema de alarme começa a dar defeito. Ele se torna hipersensível. Em vez de disparar apenas quando há um ladrão na casa, ele começa a tocar a sirene de madrugada porque o vento bateu na janela.

Essa ativação constante e desnecessária do C3 gera um estado de inflamação crônica de baixo grau. No jargão científico, isso foi apelidado de "inflammaging" (uma mistura de inflamação com envelhecimento). É como se o corpo estivesse constantemente em pé de guerra, o que desgasta os tecidos e cria o ambiente perfeito para o surgimento de doenças como Alzheimer, problemas cardiovasculares, diabetes tipo 2 e até câncer.

Até a publicação deste estudo, a relação de causa e efeito não estava totalmente clara. Sabíamos que a inflamação e o envelhecimento andavam de mãos dadas, mas quem puxava quem? Hee-Hoon Kim, coautor do estudo, relatou a empolgação da equipe ao perceber que eles finalmente haviam encontrado uma peça central desse quebra-cabeça. O C3 não era apenas um espectador inocente no processo de envelhecimento; ele era um dos motoristas.

A ARMADILHA EVOLUTIVA

Essa mudança de comportamento do C3 ilustra perfeitamente um conceito biológico fascinante chamado pleiotropia antagônica. Proposto na década de 1950 pelo biólogo Peter Medawar, o conceito sugere que a evolução favorece genes e mecanismos que nos mantêm vivos e fortes durante a juventude, quando precisamos nos reproduzir e garantir a sobrevivência da espécie.

No entanto, a evolução não dá a mínima para o que acontece conosco depois dos 50 ou 60 anos, porque, historicamente, a maioria dos nossos ancestrais não vivia tanto tempo.

O hormônio do crescimento é um exemplo clássico. Na infância, você precisa dele desesperadamente para formar ossos e músculos. Mas, na velhice, o excesso desse mesmo hormônio pode alimentar o crescimento de tumores. O C3 segue a mesma lógica. Ele evoluiu para nos proteger de infecções mortais na juventude. Mas, como hoje vivemos o dobro do tempo que nossos antepassados caçadores-coletores, esse mecanismo de proteção acaba tendo tempo suficiente para se virar contra nós, danificando os tecidos através da inflamação crônica.

O ESCONDERIJO INESPERADO: A GORDURA CORPORAL

Ao investigar de onde vinha todo esse C3 que inundava o sangue humano com o passar dos anos, os cientistas tiveram outra surpresa gigantesca.

A maioria das proteínas do sistema complemento é fabricada no fígado. É o polo industrial padrão do corpo para esse tipo de material. Mas quando a equipe de Dixit comparou os níveis de proteína antes e depois dos dois anos de restrição calórica, os dados apontaram para uma direção completamente diferente: o tecido adiposo branco.

Sim, a gordura.

Durante muito tempo, a medicina viu a gordura corporal como um tecido inerte. Apenas um estoque de energia passivo, como uma despensa de calorias. Hoje, sabemos que a gordura é, na verdade, um órgão endócrino e imunológico altamente ativo e falante.

Para confirmar a suspeita, os pesquisadores voltaram aos modelos animais. Eles observaram que, à medida que os camundongos envelheciam, a produção de C3 disparava. E a fonte principal desse aumento não era o fígado, mas a gordura visceral — aquela gordura perigosa que se acumula ao redor dos órgãos internos.

Usando uma tecnologia avançadíssima chamada sequenciamento de RNA de célula única, que permite aos cientistas olhar para a atividade genética de uma única célula por vez, eles conseguiram

isolar os verdadeiros culpados. Não eram as células de gordura em si que estavam produzindo o C3. Eram os macrófagos.

Macrófagos são células brancas do sangue, os "líquidos" e primeiros socorristas do sistema imunológico. Eles vivem dentro do tecido adiposo para manter a ordem, limpando restos celulares e garantindo que o tecido funcione bem. Mas, com a idade, esses macrófagos específicos da gordura mudam de personalidade. Eles se tornam rabugentos, disfuncionais e começam a cuspir C3 no sistema.

Manish Mishra, outro pesquisador chave do estudo, confessou que todo esse processo era completamente desconhecido. Rastrear a origem da inflamação até um subtipo específico de célula imune escondida dentro da gordura abdominal foi um trabalho de detetive exaustivo, mas que abriu uma porta gigantesca para a medicina moderna.

A ILUSÃO DA BALANÇA

Neste ponto, você pode estar pensando o óbvio: "Bom, se a gordura é a fábrica de C3, e as pessoas no estudo CALERIE comeram menos e perderam peso, o C3 caiu simplesmente porque elas emagreceram, certo?"

Essa era a hipótese inicial dos próprios cientistas. Afinal, os participantes perderam, em média, cerca de 8 quilos ao longo dos dois anos. Menos gordura, menos macrófagos, menos C3. A matemática parecia simples.

Mas a biologia adora derrubar matemáticas simples.

Quando os pesquisadores cruzaram os dados da perda de peso (o Índice de Massa Corporal) com a queda nos níveis de C3, eles não encontraram nenhuma relação. Nenhuma. Zero.

Participantes que perderam muito peso tiveram quedas de C3 semelhantes aos que perderam quase nada. Isso é uma descoberta monumental. Significa que o benefício da restrição calórica na redução da inflamação não depende do emagrecimento. A mudança ocorre na qualidade metabólica do tecido adiposo, na forma como as células se comportam, e não na quantidade de gordura que você carrega na barriga.

Essa desconexão entre peso e inflamação sugere que os benefícios antienvhecimento da dieta estão enraizados em caminhos moleculares muito específicos, que respondem à falta de energia de forma imediata, independentemente do que a balança diz no banheiro.

ENGANANDO O RELÓGIO BIOLÓGICO

Se a redução do C3 não depende da perda de peso, a pergunta de um milhão de dólares se forma rapidamente: podemos simplesmente bloquear o C3 com um remédio e obter os mesmos benefícios de uma vida inteira de restrição calórica, sem precisar pular o jantar?

Para testar essa teoria provocativa, a equipe de Yale pegou um grupo de camundongos e usou uma droga específica para inibir a ativação do C3. Eles não colocaram os animais em dieta. Eles apenas desligaram quimicamente a via da proteína.

O resultado foi um sucesso estrondoso. Os animais desenvolveram significativamente menos inflamação relacionada à idade. Em termos celulares, eles estavam exibindo os mesmos marcadores de juventude

prolongada que os camundongos que haviam passado fome.

Isso abre um campo de possibilidades terapêuticas que beira a ficção científica. A equipe de pesquisadores já está explorando bibliotecas de medicamentos aprovados pela FDA (a agência reguladora de saúde dos EUA) em busca de inibidores de C3 que sejam seguros para uso humano a longo prazo.

O objetivo final da gerociência — o estudo das bases biológicas do envelhecimento — nunca foi criar imortalidade. A meta é prolongar o que chamamos de "healthspan", ou seja, o tempo de vida saudável. De que adianta viver até os 100 anos se os últimos 20 forem marcados por fragilidade, demência e dor crônica? Ao silenciar os mecanismos que promovem a inflamação de baixo grau, a esperança é que possamos comprimir a morbidade. Ficaríamos saudáveis e ativos por décadas a fio, até que o fim da vida chegasse de forma rápida e natural.

O EQUILÍBRIO DELICADO DA NATUREZA

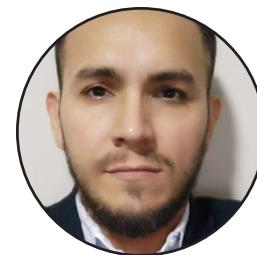
Claro, a biologia exige respeito e cautela. Não podemos simplesmente varrer o C3 do mapa.

Como Dixit faz questão de enfatizar, o sistema complemento ainda é a nossa primeira linha de defesa contra bactérias letais. Se você desligar completamente a produção de C3 de um ser humano, ele pode até não sofrer com a inflamação do envelhecimento, mas morrerá de pneumonia na primeira infecção que pegar.

A chave não é a eliminação, mas a modulação. O desafio farmacológico dos próximos anos será encontrar a dose exata, o "botão de volume" perfeito. A ideia é diminuir a música alta da inflamação crônica que danifica nossas células, trazendo os níveis de C3 de volta para o padrão de um jovem de 25 anos, sem desligar o alarme de incêndio que nos mantém vivos.

Até que essa pílula mágica chegue às prateleiras das farmácias, o estudo de Yale nos deixa com uma lição empoderadora. O envelhecimento não é um processo de desgaste inevitável, como a ferrugem tomando conta de um carro velho. Ele é maleável. É um sistema dinâmico de sinais químicos, interruptores genéticos e respostas celulares.

E, embora a ciência busque um atalho em forma de comprimido, a sabedoria de comer um pouco menos, de não se empanturrar até o limite em todas as refeições, acaba de ganhar a validação molecular mais profunda já registrada. O segredo da longevidade, ao que tudo indica, estava escondido o tempo todo dentro da nossa própria gordura, esperando a ciência aprender a escutar o que nossas células tinham a dizer.



PATRÍCIO LMEIDA
Epidemiologista

XI Corrida da OAB/AMAPÁ.

PARABÊNS, CAMPEÕES!

CELEBRAR A GARRA, A DEDICAÇÃO E A SUPERAÇÃO DOS NOSSOS ATLETAS! CADA PASSADA, CADA ESFORÇO E CADA SEGUNDO FIZERAM A DIFERENÇA PARA CONQUISTAR O TÃO SONHADO PÓDIO. FOTO: MAYCON ABREU.



CAROL LOPES:
Jornalista, empresária e
Bacharel em Direito



CLÁUSULAS RESTRITIVAS PROTEGEM O PATRIMÔNIO, MAS EXIGEM CUIDADO NA FAMÍLIA, NA SUCESSÃO E NOS NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

PAULO SÉRGIO S. FIGUEIRA

Na transmissão de um imóvel dentro da família, nem sempre a preocupação está apenas em definir quem será o proprietário.

Muitas vezes, o objetivo também é evitar que o patrimônio seja dividido com cônjuge ou companheiro, protegê-lo contra credores ou impedir que seja livremente vendido pelo beneficiário. É nesse contexto que ganham importância as cláusulas de incomunicabilidade, de impenhorabilidade e de inalienabilidade, instrumentos que podem acompanhar o imóvel por muitos anos e produzir efeitos relevantes no Direito de Família, das Sucessões e no Direito Imobiliário.

A lógica é simples: a incomunicabilidade busca impedir que o bem se comunique com o cônjuge ou companheiro; a impenhorabilidade procura protegê-lo contra a constrição judicial por dívidas do beneficiário; e a inalienabilidade restringe o poder de disposição, impedindo que o proprietário possa aliená-lo livremente. O Código Civil, em seu artigo 1.911, estabelece a relação entre essas restrições, fazendo da inalienabilidade a mais abrangente delas.

É fundamental não confundir as três cláusulas: incomunicável é o bem que não entra na comunhão; impenhorável é aquele que, em regra, não se sujeita à penhora; e inalienável é aquele cuja circulação voluntária fica restringida. Essas restrições surgem, normalmente, de atos de liberalidade, especialmente doação e testamento. A preocupação familiar é bastante comum. Um pai pode doar um apartamento à filha e desejar que o imóvel permaneça exclusivamente em seu patrimônio, sem integrar eventual patrimônio comum do casal. Da mesma forma, pode pretender protegê-la contra credores ou evitar que o beneficiário venda o bem sem qualquer limitação. A cláusula, portanto, não retira a propriedade do beneficiário, mas condiciona o exercício de determinados poderes sobre ela.

A incomunicabilidade tem especial importância nos regimes de bens. Na comunhão universal, por exemplo, os bens doados ou herdados com essa restrição ficam excluídos da comunhão, conforme a disciplina do Código Civil. Na comunhão parcial, por outro lado, os bens recebidos por doação ou sucessão já são, em regra, excluídos da comunhão, o que pode tornar a cláusula desnecessária para essa finalidade específica.

Há, porém, um ponto que costuma gerar confusão: incomunicabilidade não significa exclusão da sucessão. Meação e herança são institutos diferentes. Um bem pode não integrar a meação e, ainda assim, produzir efeitos sucessórios em favor do cônjuge ou companheiro, conforme as regras aplicáveis ao caso.

A impenhorabilidade, por sua vez, está relacionada à proteção patrimonial contra credores. Um imóvel recebido por doação com essa restrição pode, em regra, ficar protegido contra a execução de dívidas do beneficiário, observadas as exceções previstas na legislação.

Vale um alerta: a impenhorabilidade voluntária não se confunde com o bem de família disciplinado pela Lei n.º



8.009/1990. São institutos diferentes, com fundamentos e regimes jurídicos próprios. Enquanto o bem de família é uma proteção legal automática para a residência da família, a cláusula de impenhorabilidade é uma restrição voluntária imposta por quem transmite o bem.

Já a inalienabilidade representa uma restrição mais intensa. O beneficiário continua sendo proprietário, podendo usar e fruir do imóvel dentro dos limites jurídicos aplicáveis, mas fica limitado quanto ao poder de disposição. Uma casa doada por um pai à filha, por exemplo, pode permanecer em seu patrimônio, mas não poderá ser livremente vendida ou doada enquanto subsistir o gravame. Por essa razão, a existência de inalienabilidade muda completamente a análise de uma futura operação imobiliária.

No campo das sucessões, a cautela precisa ser ainda maior. Quando a restrição incide sobre a legítima dos herdeiros necessários, a vontade do testador encontra os limites estabelecidos pelo Código Civil. O artigo 1.848 exige justa causa declarada no testamento para a imposição de cláusulas restritivas sobre os bens da legítima. Não basta, portanto, uma manifestação genérica de vontade. A razão da restrição deve ser juridicamente adequada e expressamente declarada.

Os efeitos dessas cláusulas também aparecem no inventário. A incomunicabilidade não impede que o bem seja transmitido aos herdeiros. A inalienabilidade, entretanto, pode criar obstáculos para a disposição do imóvel durante ou depois da sucessão, especialmente quando se pretende vender o bem ou reorganizar o patrimônio. Por isso, quando o doador ou testador pretende que a restrição desapareça diante de determinado acontecimento, como sua própria morte, essa previsão deve ser examinada e, quando cabível, expressamente estabelecida no título.

No divórcio ou na dissolução de uma união estável, a matrícula do imóvel também ganha importância. A existência de uma cláusula de incomunicabilidade pode afastar o bem da partilha, mas a conclusão depende da origem da aquisição, do regime de bens e das circunstâncias concretas. A simples existência do gravame não autoriza uma análise isolada. É necessário verificar quando o imóvel foi adquirido, quem realizou os pagamentos, qual foi a origem dos recursos e qual regime patrimonial rege a relação.

É justamente nesse ponto que o Direito de Família se encontra com o Direito Imobiliário. As cláusulas restritivas não permanecem apenas no documento que

deu origem à transmissão. Quando recaem sobre imóvel, devem ser levadas ao registro e refletidas na matrícula, permitindo que terceiros conheçam a existência do gravame. A Lei de Registros Públicos prevê a averbação das cláusulas de inalienabilidade, impenhorabilidade e incomunicabilidade impostas sobre imóveis.

Aqui reside um alerta crucial para compradores e negociantes: uma cláusula que não está averbada na matrícula do imóvel não produz efeitos contra terceiros. Ou seja, se o comprador não consultar a matrícula atualizada, pode adquirir um imóvel e, depois, descobrir que o vendedor não tinha plenos poderes de disposição. Por isso, a consulta ao registro imobiliário não é mera formalidade - é o primeiro e mais importante passo de qualquer negociação segura.

Para quem pretende comprar um imóvel gravado, a cautela deve ser redobrada. Não basta consultar a matrícula e verificar quem aparece como proprietário. É necessário identificar qual cláusula existe, localizar o título que instituiu o gravame, descobrir quem a impôs, sobre quem recai, qual foi sua causa, se existe prazo ou condição, se há previsão de sub-rogação e se o beneficiário continua vivo. A análise deve envolver matrícula atualizada, títulos anteriores, certidões e a qualificação registral do negócio.

A presença de uma inalienabilidade vigente deve ser tratada como verdadeiro sinal de alerta em qualquer negociação. Não é prudente assinar uma compra e venda e deixar para solucionar a restrição posteriormente. Conforme a situação concreta, será necessário verificar a possibilidade de cancelamento, extinção, autorização judicial ou outra solução juridicamente segura antes da concretização do negócio. Já a incomunicabilidade ou a impenhorabilidade, quando existentes isoladamente, não tornam automaticamente o imóvel inalienável, embora continuem exigindo análise cuidadosa. O entendimento jurisprudencial reforça essa distinção entre as cláusulas.

Outro aspecto relevante é que a inalienabilidade não significa necessariamente que o imóvel jamais poderá ser objeto de qualquer reorganização patrimonial. Em situações admitidas pelo ordenamento, pode haver sub-rogação da restrição sobre o produto da alienação, de modo que a proteção seja deslocada para outro bem ou valor. Na prática, isso significa que, em alguns casos, o juiz pode autorizar a venda do imóvel inalienável desde que o dinheiro apurado seja aplicado na compra de outro imóvel, que herdará a mesma restrição. Essa solução preserva a finalidade da cláusula e, ao mesmo tempo, atende a uma necessidade concreta do beneficiário.

Também existem hipóteses excepcionais em que o Judiciário pode admitir o abrandamento ou cancelamento de gravames quando a manutenção da restrição passa a causar mais prejuízo do que benefício ao próprio beneficiário. Existem precedentes do Superior Tribunal de Justiça nessa direção.

A situação se torna ainda mais sensível quando o proprietário é incapaz. Se o imóvel possui inalienabilidade e pertence a pessoa submetida à curatela, a eventual venda exige a superação de duas camadas

de proteção: a incapacidade e a restrição incidente sobre o bem. Em situações de necessidade concreta, como despesas de moradia, cuidados, saúde ou subsistência, pode haver solução judicial, desde que demonstrados a necessidade, o benefício para o titular, a adequação do preço e a destinação do produto da venda.

A principal conclusão é que cláusula restritiva não deve ser inserida em uma doação, testamento ou outro negócio patrimonial como simples fórmula de proteção. Seu alcance precisa ser pensado de acordo com a finalidade pretendida. Quem deseja impedir a comunicação patrimonial precisa compreender a incomunicabilidade; quem pretende proteger contra credores deve analisar a impenhorabilidade e suas exceções; e quem deseja impedir a livre circulação do bem deve compreender a extensão da inalienabilidade.

Na prática imobiliária, a segurança está em antecipar o problema. Uma cláusula mal redigida, sem prazo, condição, evento de extinção ou previsão adequada de sub-rogação, pode transformar uma proteção familiar em obstáculo para uma futura venda, partilha, garantia ou reorganização patrimonial. O imóvel protegido continua sendo patrimônio, mas passa a carregar uma condição jurídica que precisa ser conhecida por todos os envolvidos.

Por isso, antes de comprar, vender, partilhar ou registrar um imóvel com cláusula restritiva, é indispensável olhar além do nome do proprietário. É preciso saber quais poderes jurídicos ele efetivamente possui sobre aquele bem. Na relação entre família, sucessão e propriedade, a matrícula deixa de ser apenas um retrato da titularidade e passa a revelar também os limites de circulação do patrimônio. A melhor proteção, nesse cenário, não é apenas criar a restrição, mas redigi-la corretamente, registrá-la de forma adequada e compreender, desde o início, como ela poderá repercutir no futuro.



PAULO SÉRGIO SAMPAIO FIGUEIRA
Pós graduação em Direito Imobiliário extrajudicial, pós graduação em Direito Notarial e Registral.

JUROS ALTOS. UM FARDO MAIOR.

GIL REIS



Os juros altos são um fator que todos nós enfrentamos no dia a dia, não apenas quem parcela o cartão de crédito como também as pessoas que fazem compras parceladas, afinal o dinheiro se alimenta de mais dinheiro. A análise apresentada pela equipe econômica do C6 Bank na edição #226, de 24/8/2026, nos dá a verdadeira dimensão do que ocorre na economia do Brasil e que transcrevo integralmente.

“Olá! Os juros altos são um dos grandes problemas enfrentados por famílias e empresas - e isso não é uma novidade. Mas a Selic elevada também tem sido uma dor de cabeça para a dívida pública.

Até uma década atrás, boa parte da dívida brasileira era atrelada a uma taxa prefixada, definida no momento da emissão. Agora, quase metade do valor financiado tem como fator de correção a evolução da taxa Selic.

Assim, quando os juros alcançam um patamar elevado, o custo da dívida do governo acompanha - como tem acontecido.

Por que o perfil da dívida pública mudou? E o que isso significa para a economia como um todo?

UM FARDO MAIOR

Assim como uma família ou empresa, o governo brasileiro tem um orçamento composto por receitas e despesas. Quando as despesas são maiores do que as receitas, é preciso cobrir a diferença emitindo dívida.

O mesmo acontece quando uma dívida antiga do governo chega ao vencimento e é preciso fazer um novo financiamento para pagar o compromisso do passado - é um processo comum, chamado de rolamento da dívida.

É como se o Estado dissesse aos investidores: ‘Preciso de dinheiro emprestado para pagar minhas obrigações. Quem concordar em me emprestar vai receber o dinheiro em prazo determinado e com juros’.

Até uma década atrás, o principal fator que determinava a parcela dos juros era uma taxa prefixada, definida no momento que a dívida era emitida.

Esse valor também tinha como referência a taxa de juros praticada naquele momento, mas ele não mudava ao longo do tempo caso os juros subissem ou caíssem.

Mas a dinâmica mudou. Nos últimos anos, a dívida do governo deixou de ser em maior parte prefixada para ser principalmente pós-fixada.

Isso significa que, ao pedir dinheiro emprestado, o governo se compromete a pagar juros que vão evoluir junto com a própria taxa Selic. Portanto, o custo desses juros ficou mais imprevisível.

Quase metade da dívida pública federal brasileira está atrelada à Selic agora. O problema é que, como se sabe, os juros brasileiros têm vivido um longo período de aperto.

A Selic está em 14% ao ano, esteve em 15% (no maior patamar em quase 20 anos) até pouco tempo atrás e deve continuar em dois dígitos até, pelo menos, 2029, segundo as projeções de analistas de mercado do Boletim Focus.

Como a Selic tem sido cada vez mais importante para a dívida, há um impacto direto. De acordo com o Tesouro Nacional, o custo médio do estoque da dívida interna passou de 10,9% no começo de 2025 para 13,2% em junho de 2026.

No caso das emissões novas (ou seja, dos novos ‘empréstimos’ feitos pelo governo), a conta está ainda mais alta, em 14,2%.

Para o orçamento do governo, isso significa, na prática, a necessidade de dedicar mais recursos para o pagamento de juros. Nos 12 meses até junho, o setor

público como um todo dedicou quase 9% do PIB para essa frente.

E aqui, começa um efeito de bola de neve: os juros são altos e o ‘cobertor’ do orçamento público está curto, então o governo passa a emitir mais dívida para honrar suas despesas. E quanto maior a dívida, maior o pagamento de juros... e assim sucessivamente.

Então, como evitar que a bola de neve continue a crescer?

Há quem diga que é preciso recorrer à solução mais óbvia: reduzir a taxa de juros. Afinal, se a dívida está ‘amarrada’ à Selic, na medida que o juro cair, o custo da dívida também deve ficar menor.

O ponto é que a Selic elevada é consequência do problema, e não a causa. Reduzir os juros simplesmente não resolve.

O Banco Central tem mantido a Selic em patamar elevado para cumprir seu compromisso de levar a inflação para a meta. Os juros altos têm o papel de ‘esfriar’ a economia, de forma que os preços parem de subir em ritmo acelerado.

A dose de juros necessária tem sido maior, pois o PIB tem se mostrado aquecido, em parte, inclusive, por causa dos

estímulos que o governo tem concedido ao crédito e ao consumo.

Logo, parte desse trabalho passa também pelo equilíbrio das contas públicas. Já fizemos isso no passado: durante boa parte dos anos 2000, o setor público manteve superávits primários relevantes - ou seja, o governo arrecadava mais do que gastava.

Com a contribuição desse equilíbrio do orçamento e do crescimento da economia, a dívida líquida caiu de cerca de 57% do PIB em 2002 para 34% em 2013.

Assim, encontrar a saída para o problema do custo dos juros pode ter como ponto de partida uma solução que o Brasil já adotou no passado.”

Não sou economista porem a obviedade dos argumentos é gritante.

“Quando uma empresa gasta mais do que arrecada ela vai à falência; quando o governo faz o mesmo, ele te manda a conta”.



GIL REIS
Consultor em Agronegócio.



O dia em que minha filha descobriu a vitamina de banana

ARACIARA MACEDO

Quando minha filha Anna tinha perto de sete meses, eu e meu então marido estávamos vivendo um verdadeiro drama doméstico: as cólicas.

E não eram cólicas comuns, dessas que a criança reclama um pouco, a mãe dá uma massagenzinha e todo mundo volta a dormir. Não. As cólicas da Anna pareciam ter sido enviadas diretamente para testar os limites psicológicos de dois seres humanos.

À noite, ela chorava, gritava, se retorcia e fazia uma expressão de sofrimento que partia nosso coração. Nós tentávamos de tudo: massagens com óleos, compressas de água morna, movimentos com as perninhas, oração, promessa e, se alguém tivesse sugerido uma dança da chuva às três da manhã, provavelmente nós teríamos feito.

Nada resolvia.

Passávamos a noite inteira acordados. E muitas vezes chorávamos junto com ela. No dia seguinte, tínhamos que trabalhar. Curiosamente, durante o dia, justamente quando nós precisávamos estar acordados e produtivos, Anna conseguia dormir um pouco melhor.

Resultado: nós dois andávamos pela casa e pelo trabalho parecendo figurantes de filme de zumbi.

Eu tinha 30 anos e aquela certeza absoluta que só uma mãe de primeira viagem consegue ter: ninguém sabia cuidar da minha filha melhor do que eu.

Minha mãe e minha sogra, duas mulheres experientes, insistiam:

— Essa fórmula pode estar dando cólica nessa menina.

E eu, com meus gloriosos 30 anos e meu diploma imaginário de especialista em tudo, respondia, em pensamento:

— Claro que não. A fórmula é própria para a idade dela. Como poderia fazer mal?

Hoje, olhando para trás, tenho a humildade de reconhecer: eu estava a um passo de descobrir que experiência de mãe e de sogra não se compra em farmácia.

Certo dia, minha mãe foi nos visitar e encontrou a cena de sempre: eu com Anna no colo, a menina aos berros e nós dois praticamente em estado de calamidade pública.



Mamãe pegou Anna nos braços, aqueceu um pouco de azeite de andiroba e começou a massagear a barriguinha dela.

Em poucos minutos, o milagre aconteceu.

Anna se acalmou.

E dormiu.

Eu olhei para minha mãe como quem tinha acabado de presenciar um fenômeno sobrenatural.

— Tá vendo? — ela parecia dizer com os olhos.

Depois de algum tempo, ela perguntou se precisávamos sair para resolver alguma coisa. Eu disse que sim.

— Então vão. Eu fico com a minha neta.

E nós fomos.

Confesso que demorei mais do que o necessário.

Quer dizer... depois de meses sem dormir direito, qualquer oportunidade de sair de casa sem carregar uma criança chorando parecia férias em Cancún.

Quando voltamos, encontramos uma cena digna de comercial de fraldas: Anna dormindo pesadamente, tranquila, serena, parecendo um anjinho.

Na minha cabeça, não havia dúvida.

Era o azeite de andiroba.

Aquela mulher tinha descoberto o segredo da humanidade.

Mas então olhei para o sofá.

Ao lado da minha mãe estava a mamadeira.

Estranhei.

Anna é adotiva e eu só consegui amamentá-la durante dois meses. Depois, precisei recorrer à fórmula infantil. Então conhecia muito bem a cor do leite que ela tomava.

Aquele líquido na mamadeira não era da mesma cor.

Cheguei mais perto.

Abri.

Cheirei.

Banana.

Meu coração quase parou.

Olhei para minha mãe, desesperada:

— Mãe... a senhora deu vitamina de banana para a Anna?

Ela respondeu com a tranquilidade de quem tinha acabado de servir água:

— Dei.

— VITAMINA DE BANANA?

— Sim. Com leite Ninho.

Naquele momento, minha sogra, que também havia

chegado, resolveu entrar na conversa.

E foi aí que recebi um sermão.

Um sermão completo.

Daqueles com introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas.

Ela praticamente me explicou que eu precisava aprender a ouvir mulheres mais experientes, porque nem tudo que está escrito na embalagem de uma fórmula resolve os problemas de uma criança.

Eu, porém, não estava ouvindo absolutamente nada.

Meu pensamento era apenas um:

“Meu Deus, ela deu vitamina de banana para uma criança de sete meses!”

Passei os minutos seguintes esperando alguma reação.

Uma cólica.

Um choro.

Uma reviravolta.

Talvez uma ligação da pediatra perguntando o que eu tinha feito.

Mas nada aconteceu.

Anna continuou dormindo.

Dormiu como um anjo.

Aliás, acho que dormiu melhor do que todos nós havíamos dormido nos últimos meses.

E foi naquele dia que começou o vício.

Minha filha simplesmente se apaixonou por vitamina de banana.

A partir de então, bastava sentir o cheiro de banana sendo descascada que ela já parecia saber que algo maravilhoso estava prestes a acontecer.

E eu, que durante meses tinha feito massagens, compressas, movimentos com as perninhas e praticamente uma pós-graduação em cólicas infantis, descobri que talvez a paz da minha casa estivesse escondida dentro de uma mamadeira.

Até hoje, quando lembro daquela cena, imagino minha mãe no sofá, tranquila, com a neta dormindo profundamente no colo e a mamadeira de vitamina de banana ao lado.

Enquanto isso, eu entrava em pânico achando que tinha acabado de cometer um crime gastronômico.

Minha mãe apenas me olhava com aquela expressão clássica de mãe experiente, que não precisa dizer muita coisa.

Mas, se fosse colocar em palavras, provavelmente seria:

— Um dia, minha filha, você ainda vai descobrir que mãe e sogra sabem de muitas coisas.

E descobri.

Principalmente que, naquela casa, entre azeite de andiroba, noites sem dormir e dois pais transformados em zumbis, a verdadeira heroína tinha sido uma simples vitamina de banana com leite Ninho.

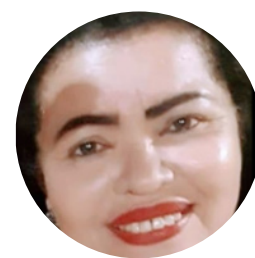
E Anna?

Bom, Anna não teve reação nenhuma.

Pelo contrário.

Dormiu como um anjo.

E acordou oficialmente viciada em vitamina de banana.



ARACIARA MACEDO:
Diretora de Jornalismo Grupo de Comunicação A Gazeta

Ex-Malhação conta por que voltou a CLT: "Não consegui trabalhar como atriz"

Alice Milagres, ex-Malhação: Vidas Brasileiras, exibida entre 2018 e 2019, chocou os internautas ao revelar como trabalha hoje em dia. Segundo a mulher, ela precisou voltar a trabalhar no regime CLT - modelo de contratação formal de trabalho mais tradicional do Brasil, regulamentado por um conjunto de leis criado em 1943 - após não conseguir mais papéis como atriz.

Em um vídeo bem-humorado no TikTok, ela brincou: "Nunca mais consegui trabalhar como atriz. Voltei para o CLT e isso paga as minhas contas até hoje".

Milagres também contou que o emprego atual paga

as contas, além de fornecer bônus, plano de saúde, Wellhub, salário e vale alimentação. "A vida é um sopro", disse.

Formada em publicidade, Alice trabalha, hoje em dia, como estrategista criativa em uma empresa, segundo um comentário dela na publicação.

A jovem é filha da atriz Gorete Milagre, nacionalmente conhecida por interpretar a doméstica mineira Filô nos programas A Praça é Nossa e Ô... Coitado! a partir da década de 1990. Ela interpretou a personagem Maria Alice em Malhação.



Vencedor do Grammy Latino é detido por agentes do ICE nos EUA

O percussionista cubano Dagnis Nelson Bofill Miranda, vencedor de um Grammy Latino, está sob custódia das autoridades de imigração dos Estados Unidos. O músico, de 39 anos, foi detido no Aeroporto Internacional de Miami, na Flórida, após retornar de uma apresentação em Nova York.

A abordagem ocorreu em 19 de agosto. Segundo a esposa do artista, Mara Delgado, agentes do Serviço de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos (ICE) já aguardavam Bofill no aeroporto. Depois da detenção, ele foi encaminhado ao Centro de Detenção de Krome, no condado de Miami-Dade.

Mara afirmou à CBS News

Miami que teme que o marido seja retirado dos Estados Unidos enquanto o caso migratório ainda está em andamento: "Estou preocupada com a possibilidade de ele ser deportado, porque não sei quando poderei vê-lo novamente".

Bofill entrou legalmente nos Estados Unidos em abril de 2023, de acordo com o próprio ICE. A agência, no entanto, sustenta que o percussionista violou posteriormente as condições que permitiram sua entrada no país e passou a permanecer de maneira irregular.

Em posicionamento en-

viado à CBS News Miami, um porta-voz do órgão infor-



mou que a prisão ocorreu durante uma ação de fiscalização migratória e classificou o cubano como um imigrante em situação irregular. "Ele terá direito a um processo justo", disse o representante.

A versão apresentada pela família é diferente. Mara afirma que Bofill possui um pedido de asilo ainda pendente e defende que ele possa acompanhar o andamento do processo em liberdade, fora do centro de detenção.

O músico e Mara se conheceram em Cuba e oficializaram o casamento em 2023,

mesmo ano em que ele chegou aos Estados Unidos. Diante da prisão, ela iniciou uma campanha de arrecadação para ajudar a pagar os custos da defesa jurídica do marido. A meta estabelecida é de US\$ 60 mil.

VENCEDOR DO GRAMMY LATINO

Bofill ganhou projeção internacional em 2022, quando recebeu o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Folk por Ancestros Sinfônico.

O percussionista também integra a cena musical de Miami e, segundo a esposa, tornou-se membro votante da Academia Latina da Gravação em janeiro de 2025.

Viúva de Silvio Santos está na Forbes com patrimônio de R\$ 3,4 bilhões

Iris Abravanel, viúva do apresentador Silvio Santos, está entre os 255 nomes na lista dos Bilionários Brasileiros 2026, divulgada pela Forbes Brasil nesta sexta-feira (28/8). O patrimônio da matriarca da família Abravanel é avaliado em R\$ 3,4 bilhões.

Segundo os dados divulgados, a veterana de 78 anos está em 63º lugar no ranking geral, mas elenca o quinto

lugar na lista de Bilionários Brasileiros da Comunicação.

A Forbes diz que o patrimônio bilionário se dá pela herança deixada por Silvio Santos, que morreu em agosto de 2024, para a esposa e as seis filhas. "Inclui atividades no varejo, hotelaria e cosméticos, além do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)", afirma.



Horóscopo Semanal

ÁRIES: 21 de março a 19 de abril

A semana favorece um mergulho mais profundo em suas emoções. O Eclipse Lunar ilumina assuntos internos e pode trazer à tona sentimentos, lembranças ou situações que estavam guardadas há algum tempo. O momento favorece encerramentos emocionais e a libertação de padrões que já não contribuem para seu bem-estar. Sol e Mercúrio ajudam a reorganizar sua rotina e a identificar hábitos que precisam ser ajustados. Menos cobrança e mais autocuidado podem fazer toda a diferença.

TOURO: 20 de abril a 20 de maio

Projetos, amizades e expectativas para o futuro passam por um processo de revisão. O Eclipse Lunar pode mostrar com mais clareza quais conexões permanecem alinhadas aos seus objetivos e quais já não acompanham sua evolução. Algumas mudanças podem acontecer em grupos ou círculos sociais. Sol e Mercúrio ajudam você a valorizar mais aquilo que traz prazer, criatividade e realização pessoal. O momento favorece escolhas mais autênticas.

GÊMEOS: 21 de maio a 21 de junho

Questões ligadas à carreira e aos objetivos profissionais ganham destaque. O Eclipse Lunar pode trazer resultados importantes ou fazer você perceber que determinadas metas precisam ser redefinidas. Mudanças inesperadas podem alterar planos, mas também abrir caminhos mais coerentes com seus propósitos atuais. Sol e Mercúrio direcionam atenção para assuntos familiares e emocionais, ajudando você a encontrar estabilidade em meio às transformações.

CÂNCER: 22 de junho a 22 de julho

O Eclipse Lunar amplia sua visão sobre o futuro e convida a abandonar crenças ou expectativas que já não fazem sentido. Assuntos relacionados a estudos, viagens, desenvolvimento pessoal e projetos de expansão podem passar por revisões importantes. Sol e Mercúrio favorecem diálogos, aprendizados e novas perspectivas. A semana pede abertura para enxergar possibilidades que antes estavam fora do seu campo de visão.

LEÃO: 23 de julho a 22 de agosto

Transformações profundas marcam este período. O Eclipse Lunar ilumina questões ligadas à intimidade, aos recursos compartilhados e aos processos emocionais mais intensos. O momento favorece encerramentos necessários e uma compreensão mais profunda sobre o que realmente merece continuar em sua vida. Sol e Mercúrio ajudam você a organizar questões financeiras e fortalecer sua relação com segurança e estabilidade.

VIRGEM: 23 de agosto a 22 de setembro

Os relacionamentos passam por uma fase importante de avaliação. O Eclipse Lunar pode trazer definições, esclarecimentos ou mudanças em vínculos significativos. Algumas relações se fortalecem, enquanto outras mostram claramente o que precisa ser ajustado. Sol e Mercúrio em seu signo ajudam você a compreender suas necessidades com mais clareza e a tomar decisões alinhadas com seus valores. Honestidade consigo mesmo e com os outros será fundamental.

LIBRA: 23 setembro a 22 de outubro

A rotina pede renovação. O Eclipse Lunar favorece mudanças em hábitos, compromissos e responsabilidades do dia a dia. Talvez fique evidente que certas tarefas, comportamentos ou padrões já não funcionam da mesma forma. Sol e Mercúrio estimulam reflexões mais profundas e ajudam você a perceber o que precisa ser encerrado para que exista mais equilíbrio em sua vida. Cuide da sua energia com mais atenção.

ESCORPIÃO: 23 de outubro a 21 de novembro

A semana favorece encerramentos e transformações no campo afetivo. O Eclipse Lunar pode trazer definições importantes em romances, projetos criativos ou assuntos relacionados aos filhos. Emoções tendem a ficar mais intensas, mas também mais claras. Sol e Mercúrio favorecem amizades, conexões e projetos futuros, ajudando você a perceber quais caminhos continuam merecendo seu investimento emocional.

SAGITÁRIO: 22 de novembro a 21 de dezembro

Questões familiares e emocionais chegam ao centro das atenções. O Eclipse Lunar pode trazer mudanças importantes dentro de casa ou revelar situações que precisam ser compreendidas de forma mais madura. Algumas emoções antigas podem reaparecer para serem finalmente elaboradas. Sol e Mercúrio fortalecem sua atuação profissional e ajudam a manter foco nos objetivos, mesmo diante das movimentações emocionais.

CAPRICÓRNIO: 22 de dezembro a 19 de janeiro

O período favorece conversas importantes, mudanças de perspectiva e novas formas de enxergar situações que estavam em aberto. O Eclipse Lunar pode trazer informações relevantes ou ajudar você a compreender melhor determinadas relações e acontecimentos. Sol e Mercúrio ampliam sua visão de futuro e favorecem aprendizados importantes. O momento pede flexibilidade e disposição para rever ideias que já não refletem sua realidade atual.

AQUÁRIO: 20 de janeiro a 18 de fevereiro

Questões financeiras e materiais podem passar por mudanças significativas. O Eclipse Lunar ajuda a enxergar com mais clareza onde existe excesso, desperdício ou necessidade de reorganização. Algumas decisões relacionadas a dinheiro ou segurança podem exigir mais atenção. Sol e Mercúrio favorecem análises profundas e ajudam você a construir estratégias mais sólidas para os próximos meses. O momento favorece escolhas conscientes.

PEIXES: 19 de fevereiro a 20 de março

O Eclipse Lunar acontece em seu signo e marca um dos momentos mais importantes deste ciclo para você. Muitas emoções podem vir à tona, mas também existe uma oportunidade valiosa de libertação e renovação. Um capítulo importante chega ao fim para que outro possa começar. Sol e Mercúrio iluminam seus relacionamentos e ajudam você a perceber quem realmente contribui para sua evolução. O momento favorece novos posicionamentos, mais autenticidade e uma conexão mais profunda com sua própria essência.

RESUMO DE NOVELAS

Além do Tempo

CAPÍTULO 104 - SEGUNDA, 31 DE AGOSTO

Melissa se descontrola e invade o escritório de Emília para falar com Pedro. Melissa acusa Anita de seduzir Felipe. Livia acredita que deve se afastar de Felipe. Dorotéia repreende a atitude impulsiva de Melissa. Ariel promove um encontro entre Bernardo e Emília e o escritor acaba convidando a empresária para jantar. Raul se desculpa com Gema, que afirma que precisa ficar ao lado de Queiroz. Emília conversa com Livia sobre Pedro. Pedro diz a Felipe que deseja se desculpar com Melissa, que revela sobre sua discussão para o marido. Roberto propõe ter um filho com Anita. Bernardo leva Emília ao restaurante de Rosa e pede que ela e Vitória

selem a paz.

A Nobreza do Amor

CAPÍTULO 135 - SEGUNDA, 31 DE AGOSTO

Alika comemora a notícia do apoio da rainha Menemi e planeja seu retorno a Batanga, enquanto Tonho se preocupa. Chinua conta a Kênia que Dumi foi encontrado com vida. Tonho revela a Caetana a verdadeira história de Alika. Carrapato se insinua para Geralda. Omar conversa com Onildo sobre a importância do retorno de Niara e Alika a Batanga. Caetana questiona Tonho sobre seu compromisso com o povo de Barro Preto. Sebastião encontra a carta sobre Ritinha, e Marta acaba descobrindo que a menina é filha de Diógenes. Akin anuncia a Dumi que Kênia foi

obrigada a se casar com Pascoal.

Avenida Brasil

CAPÍTULO 099 - SEGUNDA, 31 DE AGOSTO

Com pose de madame, Nina se acomoda no sofá de Carminha. Durante uma brincadeira, Jorginho fala sobre Rita e Tufão conversa com o filho. Suelen reclama do vestido de noiva que Diógenes leva para ela. Max fala com Lucinda sobre Nina e Nilo os surpreende. Roni convida Leandro para ser seu padrinho de casamento. Max se desentende com Nilo, que se esconde no porta-malas do carro do filho. Monalisa diz que pensa em sair do Divino e se mudar para a Zona Sul e convence Iran a acompanhá-lo à festa de Débora. Nilo chega de surpresa no sítio e Max se irrita. Tufão flagra Leleco e Muricy na

despensa da cozinha. Verônica e Noêmia provocam Alexia. Verônica fica incomodada com os conselhos que Monalisa lhe dá sobre como fazer uma festa.

Quem Ama Cuida

CAPÍTULO 090 - SEGUNDA, 31 DE AGOSTO

Nancy aceita ajudar Adriana. Carla resolve disponibilizar para Pedro um arquivo que guardou de Dalto. Dora comenta com André que receia que Ademir descubra sobre seu relacionamento. Joel comenta emocionado para Nancy que sentiu a presença da mãe Francisca. Nancy deixa claro a Mirtes que não vai desistir de Camilo. Pilar aceita a volta de Brigitte para casa, a pedido de Ingrid e Rafael, sob algumas condições. Nicolau pede desculpas a Lyris. Pilar nota que Iuri está diferente. Pilar vai até a casa de Fábria pedir para Brigitte voltar para

casa, mas a filha não aceita. Elisa se sente mal. Adriana e Pedro comemoram quando Lyris os avisa que Ulisses decidiu vender sua parte da joalheria.

DEPOIS NÃO ADIANTA RECLAMAR

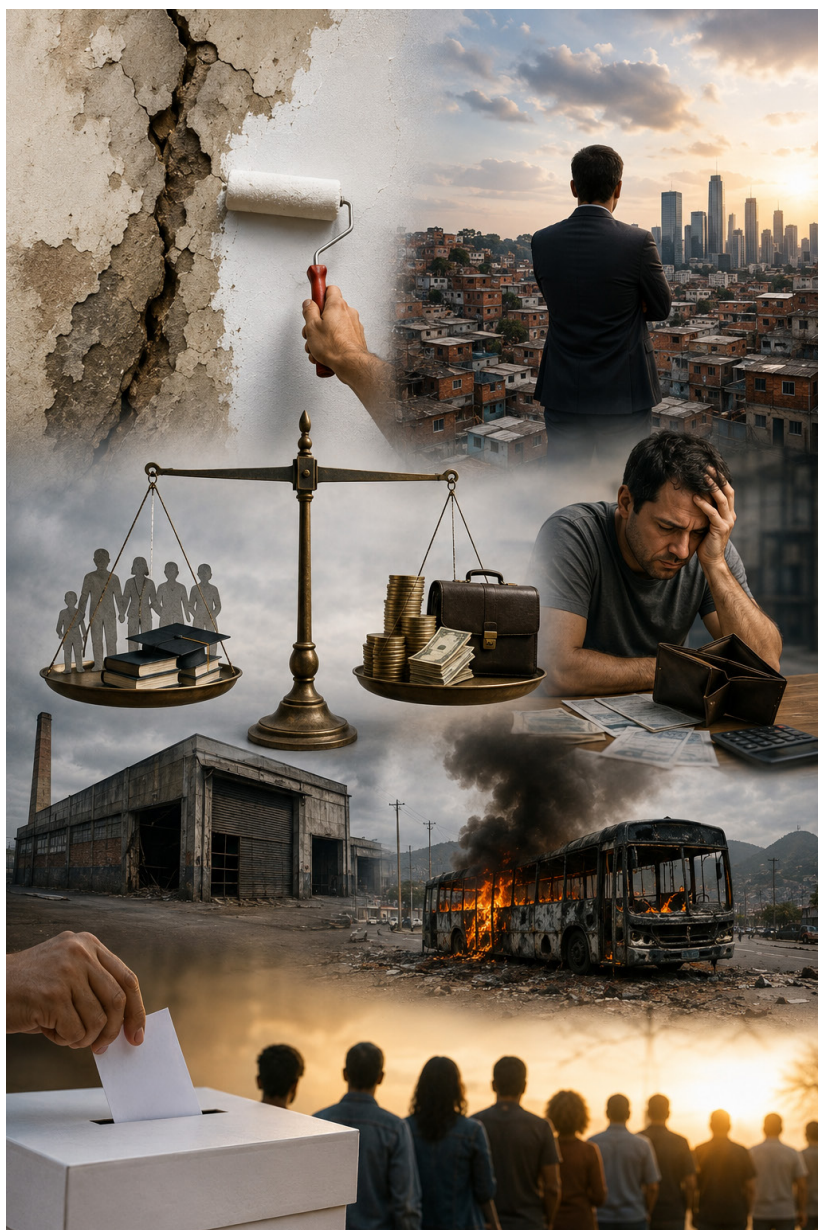
ROGÉRIO REIS DEVISATE

A realidade tem um defeito incômodo para as paixões políticas: ela não se filia. Não vota, não usa camiseta, não participa de passeatas e tampouco demonstra respeito pelas certezas que construímos ao redor de nós mesmos; simplesmente acontece, com aquela indiferença meio irritante e quase ofensiva dos fatos, e por isso talvez seja tão difícil olhá-la quando aquilo que ela nos mostra ameaça não apenas uma opinião, mas a identidade que formamos, os grupos aos quais pertencemos e até a imagem que fazemos de nós mesmos.

Pintar a parede de uma casa sem antes descobrir de onde vem a infiltração, retirar a umidade, corrigir a fissura e refazer aquilo que foi malfeito pode produzir, durante algum tempo, uma impressão agradável, porque a nova camada de tinta encobre as manchas e permite acreditar que o problema desapareceu, embora a água permaneça trabalhando silenciosamente por trás da superfície e, mais cedo ou mais tarde, volte a atravessá-la. Talvez façamos algo parecido com a política, sobretudo quando se aproximam as eleições e reaparecem promessas de reconstrução, prosperidade, segurança, emprego e desenvolvimento, palavras suficientemente amplas para que cada candidato nelas deposite aquilo que imagina que o eleitor deseja ouvir.

O problema não está na esperança, sem a qual nenhuma sociedade construiria aquilo que ainda não existe, mas naquele conteúdo que se descola da experiência e passa a funcionar como suspensão voluntária do que já sabemos. Discursos políticos deveriam, por isso, ser comparados com a realidade que os antecede, porque nenhum candidato chega ao eleitor sem passado, sem alianças, sem resultados, sem erros e sem consequências produzidas por decisões anteriores; a campanha pode falar do futuro, mas sua avaliação começa, inevitavelmente, pelo passado.

Se alguém promete criar empregos, por exemplo, não basta achar que surgirão do nada, porque emprego depende de uma economia capaz de crescer, de empresas que invistam, de crédito, confiança, produtividade, consumo, infraestrutura e segurança jurídica. Quando uma empresa quebra, entra em recuperação judicial, reduz suas atividades ou



deixa de investir, o episódio pode parecer isolado, embora seus efeitos raramente terminem ali. É nesse ponto que Niklas Luhmann ajuda a compreender o que a retórica eleitoral costuma simplificar, pois sociedades complexas não funcionam como compartimentos estanques, mas como sistemas diferenciados que se afetam e precisam reagir às perturbações que recebem. A recuperação judicial de uma indústria pode significar fornecedores recebendo menos, transportadoras com menos fretes, trabalhadores adiando compras, famílias revendo despesas, escolas perdendo matrículas, restaurantes vendendo menos, bancos recalculando riscos e empresas suspendendo investimentos; aquilo que começou como notícia econômica distante pode chegar ao mercado do bairro, ao verdureiro da esquina e, finalmente, à mesa de uma família que talvez jamais tenha ouvido falar daquela empresa.

Não há reações lineares de causa e efeito e a natureza não faz linhas retas. Por isso, precisamos compreender a complexidade das questões para perceber o alcance dos fatos. Isso significa que prometer crescimento, emprego e renda sem explicar como serão

produzidas as condições sistêmicas de que dependem é oferecer tinta nova para uma parede cuja infiltração permanece intocada. O endividamento imenso das famílias e empresas é sinal de que as coisas não vão bem e não melhorarão por desejo ou promessas; o mesmo se diga com questões ligadas à violência, juros, competitividade e meio ambiente. Aliás, nesta semana, ao menos 18 ônibus foram usados em barricadas no Rio de Janeiro; 18! Isso é normal? Basicamente, podemos dizer que há tempos estamos abandonados à própria sorte.

Conhecemos as trajetórias dos candidatos, sabemos com quem caminharam, observamos o que fizeram quando tiveram poder, ouvimos o que disseram e conhecemos as promessas que abandonaram; apesar disso, durante as campanhas parece surgir uma curiosa disponibilidade coletiva para imaginar que a eleição produz uma espécie de nascimento, como se os personagens chegassem às urnas sem história e pudessem ser avaliados apenas pelo que prometem ser. É nesse ponto que talvez se encontre uma das falsas esperanças mais persistentes da política: escolher o futuro esquecendo

deliberadamente aquilo que o passado já ensinou.

Depois reclamamos, e reclamar é legítimo, porque nenhum voto representa procuração irrevogável, nenhum governante adquire imunidade contra a crítica e nenhuma maioria eleitoral transforma decisões equivocadas em corretas; há, contudo, uma diferença importante entre reclamar porque fomos surpreendidos e reclamar fingindo que jamais tivemos condições de perceber aquilo que estava diante de nós.

Essa dificuldade não é apenas política, mas psicológica. Freud, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, mostrou como o indivíduo, quando integrado a uma massa, passa a agir sob forças de identificação, afeto e pertencimento que alteram sua relação consigo e com os demais. O grupo oferece segurança, reconhecimento e companhia, mas também produz fronteiras, e, se existem aqueles que pertencem, existem os que estão fora.

É aí que o medo do outro adquire força política, não necessariamente porque o outro represente perigo objetivo, mas porque pode ser apresentado como ameaça aos valores que julgamos defender e ao lugar simbólico que ocupamos no mundo. O adversário deixa então de ser apenas alguém que pensa de maneira diferente e passa, pouco a pouco, a parecer ameaça à nossa própria identidade, enquanto fenômenos complexos como inflação, desemprego, violência, crise fiscal ou perda de renda podem ser atribuídos a um “eles” facilmente reconhecível, porque o medo simplifica aquilo que a realidade complica.

Talvez exista, entretanto, um medo ainda mais silencioso: o medo de pensar por si próprio. Pensar verdadeiramente significa admitir a possibilidade de chegar a uma conclusão diferente daquela esperada pelos amigos, pela família, pelo grupo político ou pela comunidade virtual à qual pertencemos, e aceitar que uma investigação honesta pode nos levar a reconhecer que aquele em quem votamos errou, que o adversário acertou em determinado ponto ou que uma convicção defendida durante anos não resiste ao confronto com os fatos.

Há uma solidão potencial no pensamento autônomo, e talvez por isso tantas pessoas prefiram o erro compartilhado à

dúvida solitária; a inversão torna-se perceptível quando passamos a sustentar determinadas ideias porque pertencemos ao grupo. Nesse momento, já não perguntamos apenas se uma informação é verdadeira, mas o que a admissão dessa verdade fará com nossa posição diante dos nossos.

A realidade, porém, continua sem se filiar. Uma empresa que fecha não pergunta em quem votou o empregado que perde o trabalho; os juros não diminuem por afinidade partidária; a inflação não escolhe a mesa da família conforme sua orientação ideológica, e uma escola que perde alunos porque famílias tiveram queda de renda não pode pagar professores com discursos sobre quem deveria ser responsabilizado.

Nenhum presidente, governador, prefeito ou parlamentar pode, sozinho, resolver aquilo que uma sociedade levou décadas para construir ou destruir, e campanhas eleitorais raramente sobrevivem dizendo que problemas complexos exigem tempo, custo, escolhas difíceis e frustração de interesses, porque a complexidade não cabe facilmente num slogan, enquanto a esperança, o medo e a promessa de que bastará derrotar “os outros” cabem perfeitamente.

É por isso que a expressão “depois não adianta reclamar” está afeta ao fato de que as consequências não estão divorciadas do que já percebemos ou sabemos antes de votar, como se trajetórias não existissem, como se números não significassem nada, como se falências, recuperações judiciais, desemprego, endividamento e perda de renda fossem fatos isolados, ou como se o conforto de pertencer ao grupo nos dispensasse da tarefa incômoda de pensar por nós mesmos.



ROGERIO REIS DEVISATE

Advogado. Defensor Público/RJ junto ao STF, STJ e TJ/RJ. Palestrante. Escritor. Foto: Arquivo Pessoal.

SÓCRATES: QUANDO A LIBERDADE CALÇOU CHUTEIRAS

CARLOS LOBATO

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira foi um desses personagens que o futebol, sozinho, não consegue explicar. Médico, craque, boêmio, intelectual e militante da democracia, fez da própria vida uma sucessão de contradições. Conhecia como poucos os limites do corpo, mas viveu como se o seu não os tivesse.

Essa contradição acompanhou o Doutor até nas madrugadas. Sócrates bebia muito — e sabia exatamente o que isso significava. Amigos tentaram convencê-lo a reduzir o álcool. Por algum tempo, trocou a cerveja comum pela sem álcool; depois descobriu o vinho e passou a bebê-lo com a mesma desmedida com que atravessava as noites de conversa.

Não era apenas a bebida. Sócrates tinha uma paixão quase filosófica pela mesa, pela conversa, pelo encontro. Dizia que a cerveja era a bebida mais social do mundo porque permitia às pessoas permanecerem juntas durante horas.

É nesse Sócrates — boêmio, agregador, excessivo — que a história de Zeca Baleiro encontra seu verdadeiro lugar.

Depois de um show em Ribeirão Preto, Zeca entrou numa dessas rodas com o Doutor. A madrugada terminou às seis da manhã. O músico voltou carregado para o hotel, perdeu o voo e, incapaz de cumprir a agenda normalmente, precisou gastar o cachê alugando um helicóptero para chegar ao compromisso seguinte. Enquanto arrumava as malas, ligou a televisão.

Lá estava Sócrates.

Ao vivo, em São Paulo, falando de futebol com absoluta naturalidade.

Zeca perdera o avião. Sócrates parecia ter perdido apenas mais uma noite de sono.



A história provoca riso, mas contém também uma tragédia. O médico sabia que nenhum organismo é invencível. O boêmio insistia em viver como se o seu fosse. Sócrates conhecia a anatomia humana; talvez tenha sido incapaz de aceitar a anatomia dos próprios limites.

Mas seria pequeno lembrá-lo apenas pelo copo. Sócrates foi um dos raros

jogadores brasileiros que transformaram prestígio esportivo em intervenção política. Na Democracia Corinthiana, em plena ditadura, ajudou a levar para dentro de um clube uma palavra que ainda lutava para voltar plenamente às ruas: democracia.

Ali, o camisa 8 encontrou algo maior que o futebol. Como escreveu Marx, “a

emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”. No Corinthians de Sócrates, a ideia ganhava chuteiras: jogadores discutiam, votavam e decidiam coletivamente.

Quando o Brasil foi às ruas pelas Diretas Já, o Doutor também estava lá. Não aceitava que o jogador fosse apenas músculo, espetáculo e silêncio. Pensava, lia,

discutia política e tomava partido. Cabia nele a advertência de Brecht: “O pior analfabeto é o analfabeto político.”

Sócrates jamais foi um deles.

E talvez poucas palavras combinem tanto com sua inquietação quanto as atribuídas a Che Guevara: “Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros.”

Sócrates tremia.

Contra o autoritarismo. Contra a obediência cega. Contra a transformação do jogador em mercadoria muda.

Morreu em 4 de dezembro de 2011, aos 57 anos. No mesmo dia, o Corinthians conquistou o Campeonato Brasileiro. Parecia uma dessas ironias que somente a História ousaria escrever: enquanto o corpo do Doutor se despedia, a arquibancada que aprendera a amá-lo levantava uma taça.

Sócrates não foi revolucionário porque empunhou armas.

Foi revolucionário porque empunhou ideias.

Jogou de cabeça erguida quando o Brasil ainda reaprendia a levantá-la.

E deixou uma lição que ultrapassa qualquer estádio: a bola pode até ser redonda — mas, diante da injustiça, é preciso escolher um lado!

Carlos Lobato



CARLOS LOBATO
É Jornalista e amazônida, Sociólogo, Advogado e Psicólogo..

AMOR À PRIMEIRA VISTA?

Entenda o segredo da atração e por que nosso cérebro decide se 'gosta' de alguém em apenas 3 segundos

Atração instantânea por alguém pode surgir em questão de segundos, antes mesmo que se conheça a personalidade ou gostos. Um estudo publicado no *British Journal of Psychology*, em 2025, analisou rosto, movimento corporal, voz e odor, confirmando a participação dessas modalidades na percepção de atratividade.

Essa sensação, popularmente chamada de “química”, não é mágica. Ela resulta de uma complexa avaliação cerebral de diversas informações captadas rapidamente.

Não há um mecanismo isolado que explique o processo. Aparência, cheiro, voz, movimentos corporais, experiências prévias e preferências individuais são fatores que contribuem para essa primeira avaliação.

As avaliações do estudo também foram influenciadas por preferências pessoais e compartilhadas.

Mais que o rosto: a complexidade da primeira impressão

Essa combinação de fatores explica por que é difícil apontar uma única característica como responsável pela atração. A primeira impressão é construída por informações sensoriais que chegam por diferentes canais e são processadas em conjunto pelo cérebro.

Embora o rosto seja frequentemente associado à atração, focar apenas na aparência ignora elementos cruciais. A voz, a forma de se movimentar e até o cheiro fornecem dados importantes sobre a pessoa.

Na pesquisa do *British Journal of Psychology*, 71 voluntários avaliaram estímulos de 61 indivíduos, incluindo rosto, movimento, voz e odor. Os resultados apontaram que as preferências individuais tiveram peso significativo nas avaliações, mostrando a subjetividade da atração.

O caráter pessoal da atração impede a existência de uma “fôr-



mula universal”. O que atrai uma pessoa pode ser indiferente para outra, mesmo diante do mesmo estímulo de rosto, voz ou comportamento.

O PAPEL DO CHEIRO E O MITO DOS FEROMÔNIOS

O cheiro, embora menos óbvio, também desempenha um papel. Uma revisão na revista *Physiology & Behavior* sugere que o olfato participa da escolha de parceiros e de relacionamentos amorosos, mas a área ainda é pouco explorada.

Contudo, isso não indica a existência de um “cheiro da pessoa certa” nem que o olfato determine a compatibilidade. As evidências científicas são mais complexas do que essa simplificação.

Uma pesquisa interessante investigou se sinais relacionados à excitação sexual poderiam ser

detectados pelo olfato humano.

Em três experimentos no *Archives of Sexual Behavior*, homens foram expostos a amostras de suor de mulheres em estados de excitação e neutros. O odor de excitação foi considerado mais atraente e elevou a motivação sexual dos participantes em certas condições.

Essa pesquisa, que pautou uma matéria da *VICE*, sugere que sinais químicos podem participar da comunicação sexual humana. No entanto, não comprova que sejam a única explicação para a sensação de “química instantânea” no dia a dia.

É fundamental ter cautela com o termo “feromônio”. A ciência ainda não estabeleceu a existência de um feromônio sexual humano específico. Revisões mostram que nenhum composto isolado foi identificado como mensageiro químico da atração

erótica.

Associar essas descobertas à ideia de que humanos detectam inconscientemente feromônios para escolher parceiros é uma interpretação que excede as evidências científicas atuais.

Atração inicial não garante compatibilidade duradoura

A rapidez da primeira atração não deve ser confundida com a qualidade ou o futuro de um relacionamento que ainda está se formando.

Considerar um rosto atraente, uma voz agradável ou um cheiro bom são elementos que contribuem para a impressão inicial. Contudo, isoladamente, eles pouco revelam sobre valores, personalidade ou a capacidade de construir uma relação duradoura.

O papel do cheiro se altera em relações já estabelecidas. Uma pesquisa com mulheres

mostrou que elas reconheciam e classificavam o cheiro de parceiros ou conhecidos como mais familiar e sexy que o de desconhecidos. Os autores ponderam que a preferência pode vir da exposição repetida, não apenas da escolha inicial.

Portanto, a atração não é um “teste biológico” instantâneo de compatibilidade. As pesquisas indicam que humanos avaliam rapidamente sinais sensoriais, e alguns desses sinais podem despertar o interesse por alguém.

A “química” pode surgir rapidamente, mas sua explicação vai além de uma única característica facial ou uma substância no suor. O interesse inicial é uma complexa combinação de sinais e preferências. A verdadeira compatibilidade, contudo, é algo que só se descobre com o tempo e o desenrolar da relação. (cnnbrasil)

Memórias da Guerra Fria

GIOVANA DEVISATE



Viajar é sempre bom. Tem gente que viaja só para curtir, mas eu não consigo. Preciso de mais, preciso de ar, de gente, de cores. A gente aprende muito sobre coisas diversas e entra em contato com culturas diferentes e costumes locais. Vemos de perto as tradições, os hábitos religiosos, as igrejas, as mesquitas, os templos, seus rituais e símbolos. Ouvimos os sons da fé e os ritmos da cidade, com músicos nas ruas, em restaurantes e em casas noturnas. Apreciamos a gastronomia, os pratos típicos, os mercados, os cafés, os restaurantes... E buscamos encontrar restaurantes gluten free por aí! Também provamos sorvetes e gelatos e qualquer sobremesa típica.

Visitamos os museus, as galerias, os ateliês de artistas locais e observamos o que há de arte pela cidade. Podemos apreciar as paisagens naturais e urbanas. Visitamos as praias, as cachoeiras, as estradas, as montanhas... Observamos a arquitetura, os detalhes dos prédios históricos e o contraste deles com as construções mais recentes. Olhamos se as construções antigas são bem

preservadas e restauradas, se os locais públicos recebem frequente e boa manutenção e se as ruas são limpas e acessíveis.

A gente caminha pelas feiras e lojas de rua para observar o comércio local, comprar lembrancinhas e ver os movimentos, sentir os cheiros e observar como as pessoas se vestem e o que é vendido nas lojas da cidade, especialmente nas lojas de marcas tradicionais. Isso nos ensina bastante sobre técnicas artesanais, tecidos e códigos de estilo particulares dali.

Viajar nos permite, ainda, ver o funcionamento da cidade: como as pessoas se relacionam com a vida e com os espaços públicos, como transitam entre os lugares e como se movimentam pelo lugar onde vivem. Também, como é o idioma, o sotaque, o ritmo de fala; como tratam os turistas, as visitas, os viajantes; como utilizam os recursos e as referências culturais como influência... É interessante entender como o lugar se apresenta e se vende para os turistas e para o mundo.

A partir disso, também podemos conhecer a história do lugar, porque entendemos o que a cidade escolheu preservar com o tempo e como transformou determinados

assuntos e temas em coisas a serem celebradas ou esquecidas. Afinal, nem tudo que é histórico vira patrimônio...

Recentemente, em viagem pelo sudeste europeu, passei uns dias em Montenegro. Na baía de Kotor, existem coisas que jamais saberia, se não viajasse para lá. Paisagens belíssimas, água azul esverdeada e cristalina, falésias e montanhas vistas do mar, com casarões que iam sumindo entre os piscares de olhos, durante os passeios de barco... tudo isso era esperado. O que me surpreendeu, foi algo que surpreenderia a todos!

Saímos de Kotor e fomos navegando pela baía. Em determinado momento, o barco parou em um lugar que, de longe, parecia um buraco na pedra, uma abertura na montanha. Na verdade, o marinheiro nos explicou calmamente: aquilo era um túnel que servia de esconderijo para submarinos, durante a Guerra Fria.

De longe, o túnel não parecia tão importante, mas a antiga Iugoslávia o construiu para esconder e proteger os seus submarinos, durante a Guerra Fria. Na época, a embarcação entrava pela abertura, que tinha uma porteira camuflada com

plantas e pedras. Quando fechada, os submarinos ficavam completamente escondidos lá dentro.

Na região, existem três túneis como esse que visitei, que só são acessíveis de barco! Eles são vestígios de uma guerra e de um período tão importante da história mundial e, atualmente, servem como registro da estratégia de defesa da Iugoslávia durante a Guerra Fria, evidenciando o papel do país durante o conflito e nos mostrando as tecnologias militares existentes na época.

Fico imaginando a engenharia complexa da época para construir coisas assim. Os túneis são grandes, em profundidade, largura e altura! Ainda necessitavam desse mecanismo de abertura, com disfarce, dobradiças e pedras falsas, para tornarem esses esconderijos invisíveis a aviões e satélites.

Hoje, esses lugares se tornaram pontos turísticos que atraem turistas de todo o mundo, especialmente os interessados por história e os curiosos por fatos que envolvem a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e a Guerra da Iugoslávia. Quando fechei a viagem para lá, não tinha pensado que ia visitar esses cantos, mas acredito que seja mesmo fundamental, uma vez estando lá, para entender a dimensão das histórias que mudaram o rumo da humanidade.

Nesses últimos dias, andei pensando em como é realmente incrível que um lugar que atualmente faz parte de um passeio turístico tenha sido, antes, uma instalação militar secreta. Acessível, que pode nos proporcionar boas memórias, conhecimento e uma experiência incrível de vida. É isso que tanto amo em viajar: conhecer a história e o lugar e ainda me aprofundar em tudo o que existe por trás dele, quando possível.



GIOVANA DEVISATE
Pictoriadora da Arte,
Designer de Moda.

Beto Carrero abre área de R\$ 50 milhões da Galinha Pintadinha em setembro

Como parte de sua expansão avaliada em R\$ 2 bilhões, o Beto Carrero World inaugura uma nova área temática inspirada na Galinha Pintadinha em 26 de setembro. Localizado em Penha (SC), o parque passou oito meses construindo o inédito local, cujos 3 mil m² serão lar de uma atração infantil, um passeio temático, um palco para apresentações ao vivo, uma área de recreação e de encontro com os personagens, além de loja oficial e ponto de alimentação temática.

A área também contará com conteúdo audiovisual exclusivo, incluindo músicas inéditas na ambientação, esculturas, elementos cenográficos e paisagismo temático. Para erguer a Vila da Galinha Pintadinha, foi necessário um investimento de R\$ 50 milhões.

“É como se as crianças pudessem atravessar a tela e entrar naquele universo”, explica Alex Murad, CEO do Beto Carrero World.

Desenvolvido especialmente para a primeira infância, o novo atrativo do parque catarinense é inspirado no universo do primeiro longa-metragem da personagem, o “Galinha Pintadinha - O Filme”, que chega aos cinemas em 1º de outubro.

“Uma animação brasileira estreiar no cinema e, ao mesmo tempo, ganhar uma área temática dentro do maior parque da América Latina não é algo que acontece todos os dias”, afirma Juliano Prado, um dos criadores da Galinha Pintadinha e diretor da Bromelia Produções.

Detalhes da Vila da Galinha Pintadinha

Além da Galinha Pintadinha, personagens como o Galo Carijó e o Pintinho Amarelinho estarão presentes para encontros e fotos ao longo do dia.

Para Alex Murad, um dos grandes diferenciais da área está na fidelidade com que o universo da animação foi transportado para o parque. Ao todo, 179 profissionais estiveram envolvidos na construção e tematização do espaço.

Um dos pilares da Vila da Galinha Pintadinha é a música. Serão dois espetáculos diferentes, apresentados quatro vezes ao dia: um com a Galinha Pintadinha e sua turma e outro inspirado no universo do Seu Lobato. A proposta é transformar cantigas tradicionais em pequenas histórias dentro do universo dos personagens, convidando o público a cantar e dançar.

Para criar essa experiência, o Beto Carrero World contou com Sylvia Hase e Steve Bass, diretores criativos da Hasbas, escritório especializado na criação de entretenimento para parques temáticos ao redor do mundo. A dupla desenvolveu o conceito dos espetáculos, a área



de shows e toda a produção musical.

A Vila também contará com o Galinheiro das Divas, atração infantil tematizada fabricada pela italiana Zamperla, responsável por brinquedos de outras áreas do parque, entre eles o Rebuliço, que lança os aventureiros em um voo acrobático com diversos loops, e o Spin Blast, um disco gigante com capacidade para 40 pessoas que gira sobre um trilho em formato de onda.

“Existe também uma camada de nostalgia muito bonita. Tem adolescentes e adultos que cresceram com a Galinha e que agora poderão apresentar esse universo para seus filhos. A experiência é para as crianças, mas também para os pais e para toda a família”, complementa Murad.

anos, evoluiu para o projeto.

Antes de ganhar este espaço físico, deve-se ressaltar que a Galinha Pintadinha é um fenômeno no YouTube: o canal reúne 39,4 milhões de inscritos e 66 vídeos que, juntos, somam quase 43,7 bilhões de visualizações.

Criada em 2006, a personagem se tornou uma das principais marcas infantis do país, expandindo seu universo para diferentes plataformas e formatos. Hoje presente em mais de 30 países, a marca reúne produções audiovisuais, produtos licenciados, espetáculos, experiências, livros e outras iniciativas voltadas ao público infantil e às famílias.

Agora, paralelamente à área temática, a Galinha Pintadinha se prepara para chegar ao cinema com o primeiro longa-metragem, projeto que levou cinco anos para ser desenvolvido.

“De certa forma, os dois projetos foram se complementando. O filme expande o universo da Galinha para uma outra dimensão, enquanto a Vila permite que esse universo seja vivido fisicamente pelas famílias. É um momento especial para a história da marca e para o entretenimento infantil brasileiro”, destaca Marcos Luporini.

EXPANSÃO DO BETO CARRERO WORLD

A inauguração da área temática acontece em um momento de expansão do Beto Carrero World, que anunciou R\$ 2 bilhões em investimentos para os próximos anos. O montante contempla novas áreas temáticas e atrações, assim como melhorias de infraestrutura e um complexo hoteleiro.

Além da Vila, o parque receberá uma área dedicada ao Bob Esponja, prevista para 2028, que terá uma das atrações mais tecnológicas já adquiridas pelo endereço. O projeto inclui ainda um terceiro universo temático e três novos hotéis, que somarão 600 apartamentos.

Alguns atrativos, porém, têm sido retirados de cena: a montanha-russa Star Mountain, uma das atrações mais disputadas do parque, será aposentada no dia 13 de setembro. O Beto Carrero ainda não divulgou o que virá no lugar da atração.

Também em setembro, a Fire Whip, a primeira montanha-russa invertida do Brasil, deverá reabrir completamente renovada. A atração passou pelo maior retrofit de sua história, com investimento de mais de R\$ 24 milhões. O projeto contemplou a substituição dos 502 metros de trilhos, além da atualização de sistemas operacionais, melhorias estruturais e aperfeiçoamentos que prometem tornar o percurso mais suave.





Eles estão na edição de domingo, e agora podem ser lidos também no portal de notícias www.agazetadoamapa.com.br



JOSÉ SARNEY:
Advogado, político e escritor brasileiro, 31.º Presidente do Brasil de 1985 a 1990, ex-presidente do senado por quatro mandatos e Membro da Academia Brasileira de Letras



ALEXANDRE GARCIA:
Jornalista com décadas de atuação na TV e rádio, como apresentador, repórter, comentarista e diretor de jornalismo. A coluna abordava temas do cotidiano, entre eles comportamento, política e economia. mercury@terra.com.br



ROGÉRIO REIS DEVISATE
Advogado. Defensor Público/RJ junto ao STF, STJ e TJ/RJ. Palestrante. Escritor. Foto: Arquivo Pessoal



GAZETA
do Amapá

Noticiando a Verdade



CICERO BORDALO JUNIOR
Advogado há 35 anos, ex-Conselheiro Federal da OAB; ex-Secretário de Justiça e Segurança Pública do Estado do Amapá, ex-Presidente da Associação Brasileira de Advogados Criminalistas do Amapá.



GIOVANA DEVISATE
Historiadora da Arte. Designer de Moda. Pós-graduanda em Crítica de Arte pela Universidad Nacional de Las Artes (Argentina)



REV. ANDRÉ BUCHWEITZ PLAMER
Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil em Macapá - Congregação Cristo Para Todos; também atua como Missionário em Angola e Moçambique



CLAUDIO HUMBERTO
Jornalista brasileiro, colunista e editor-chefe DO DIÁRIO DO PODER



JOSÉ DE PAIVA NETO
Escritor, jornalista, radialista, compositor e poeta. É diretor-presidente da Legião da Boa Vontade (LBV). Membro efetivo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e da Associação Brasileira de Imprensa Internacional (ABI-Inter), é filiado à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), à International Federation of Journalists (IFJ),



DOM PEDRO CONTI
Bispo de Macapá



JOÃO DE DEUS LOBATO
Engenheiro eletricista, ex-executivo da distribuidora de energia do Pará, articulista semanal do Diário do Pará e do portal DOL, consultor em energia e apresentador do podcast Elivre com João Lobato. WhatsApp: (91) 98618-4506 E-mail: elivresolucoes@gmail.com



JOÃO GUILHERME LAGES
Professor universitário da UNIFAP, Graduado pela UFPA; Mestrando da UNB, Desembargador do TJAP, Vice-Presidente e Corregedor Eleitoral do TRE/AP



RANDOLFE RODRIGUES
Senador do Amapá



GIL REIS
É articulista nacional, Advogado, Consultor de Agronegócio, Diretor Acionista de uma Agroindústria e Presidente Executivo de uma Associação Brasileira



RANOLFO GATO
Poucas e Boas - Jornalista, radialista, comentarista, esportivo, apresentador ex-vereador, bacharel em turismo



PAULO REBELO
Médico e poeta



TÉRCIO ROCHA
Dr. Tércio Rocha é médico há mais de trinta anos, com rica e extensa carreira como endocrinologista, especialista em Medicina Regenerativa, Estética, Emagrecimento, Envelhecimento saudável e criador de vários protocolos com células-tronco, reconhecido no Brasil, França e Estados Unidos.



MARCELO TOGNOZZI
61 anos, é jornalista e consultor independente. Fez MBA em gerenciamento de campanha política na Graduate School Of Political Management - The George Washington University e pós graduação em Inteligência Econômica na Universidad de Cominas, em Madrid. Escreve semanalmente para o Poder360, sempre aos sábados.



YURI ALESI - Advogado Sênior, do Escritório de Advocacia Alesi, Guerreiro & Teles, especialista em Direito Tributário e Administração Pública. Ex-Assessor Especial da Procuradoria Geral da Assembleia Legislativa do Estado do Amapá, Ex-Vereador de Oiapoque-AP.



JB CARVALHO é teólogo, conferencista, professor, compositor, jornalista e autor de 20 livros. É presidente da Comunidade das Nações no Brasil e nos Estados Unidos, e lidera também a Editora Chara, a Academia das Nações, a Faculdade das Nações e o Instituto Filhos do Brasil.



JOSÉ ALTINO
Jornalista diário, escritor, aviador, fundador da União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal, e membro do Conselho Superior de Minas. zealtino@uol.com.br



VICENTE CRUZ:
Presidente do Conselho de Administração, advogado sênior e Estrategista Chefe do IDAM (Instituto de Direito e Advocacia da Amazônia) vicentecruzadv@gmail.com



BESALIEL RODRIGUES
Professor Besalviel Rodrigues exerce o magistério superior desde 1999. É Mestre em Direito (UNAMA-Belém, 2000) e especialista em Gestão Pública (FATECH-Macapá, 2018-2021). Possui graduação em Direito pelo Centro de Ensino Superior do Amapá (1997).....



PADRE PAULO
Entrou no Seminário Menor São Pio X, em Macapá em fevereiro de 1984. Co-meça a cursar Filosofia e Teologia em 1985 em Belém do Pará. No dia 05 de julho de 1991 é ordenado Sacerdote pela imposição das mãos de Dom Luiz Soares Vieira. Trabalhou em várias Paróquias da Diocese de Macapá. Em 2005 viaja para o Rio de Janeiro onde faz Mestrado em Direito Canônico. Foi presidente do Tribunal Eclesiástico da Diocese de Macapá. Fundou o Instituto de Prevenção do Câncer Joel Magalhães e fundou o Bloco afro descendente "Filhos de Zambi."

Eles estão na edição de domingo, e agora podem ser lidos também no portal de notícias www.agazetadoamapa.com.br



CARLOS LOBATO
Jornalista, Advogado e Psicólogo



MARCOS VINICIUS
Religião e Política em debate - doutor em sociologia pela Faculdade Federal de São Carlos professor da UNIFAP



MARIA TEREZA TRENO
Conselheira Federal de Medicina, Vice Presidente do CRM/AP, Médica Oftalmologista e Professora de Medicina da UNIFAP



GAZETA
do Amapá
Noticiando a Verdade



ANNA MACEDO
é Assistente Social Assistente e formanda em Tecnologia da Administração



JULHIANO AVELAR
Procurador do Estado do Amapá



PAULO FIGUEIRA
Advogado



MARCOS REATEGUI
Advogado, ex-procurador geral do estado, ex-deputado federal, atual delegado da Polícia Federal.



ALEX SAMPAIO
Advogado



MARCELO DE CASTRO SOUZA
técnico em Meio Ambiente, com atuação destacada na região da BR-163. Seu trabalho é voltado principalmente para processos de mudança de categoria e reclassificação de Unidades de Conservação, contribuindo para o aprimoramento da gestão ambiental e o fortalecimento das políticas públicas voltadas à conservação dos recursos naturais.



JOSÉ ALBERTO TOSTES é Arquiteto e Urbanista, Mestre e Doutor em História e Teoria da Arquitetura



MARCO TÚLIO
Saúde — Médico, especialista em reumatologia, reumatologia pediátrica e dor.



RIVALDO BUENO
Saúde dental - Especialista em ortodontia e disfunção ATM, diretor científico da escola de pós-graduação Faixa, administrador da clínica Ortho-X Macapá



JOÃO FROTA
Jornalista



DR. ACHILES
Prof. MSc. Med da UNIFAP, Membro Titular do CBR



BADY CURTI
Advogado fundador do Escritório Bady Curi Advocacia Empresarial, ex-juiz do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG)



EVANDRO SALVADOR
Advogado



IURI CAVALCANTE REIS

É Advogado, CEO do Cavalcante Reis Advogados e integrante da Comissão de Juristas do Senado Federal criada para consolidar proposta do novo Código Comercial. Mestrando em Direito Penal Econômico pelo Instituto Brasileiro de Direito Público (IDP/Brasília) e Master of Laws em Direito Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ). É autor de livros, pareceres e artigos jurídicos. e-mail iuri@cavalcantereis.adv.br Telefone/Celular (61) 99273-4748



ANDRÉ LOBATO

Advogado, Professor de Direito, Especialista em direito Processual, Constitucional e Administrativo, Mestrando Em Políticas Públicas E gestão do Ensino Superior na Universidade Federal do Ceará, Procurador do Estado do Amapá e criador de conteúdo Educacional para o público digital.



MARCELLO D'VICTOR é Jornalista (FENAJ/DRT - 344/AP), especialista em Gestão Financeira e Ciências Políticas. Autor da representação do contribuinte na Procuradoria Geral da República - PGR. Foi assessor parlamentar no poder legislativo e Chefe Financeiro no poder executivo, atuando na lei 4.320 /64.



DR. LAÉRCIO LIMA
CRO-AP 763 Especialista em Cirurgia Bucomaxilofacial, Implantodontia e idealizador do Método Consciente.



DANIEL FARIAS SILVEIRA

Gestor e professor graduado pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Administração pela Universidade do Ceará. Possui formação na área de liderança pela Fundação Dom Cabral e pela ESADE Business School.



CACÁ DE OLIVEIRA

Comunicador. Publicitário. Religioso. radialista. escritor e Diretor da Regional/Norte da Associação dos Profissionais de Propaganda / APP - Brasil



AIRTON SCUDERO LINDEMAYER

Airtón Scudero Lindemeyer Graduado da Polícia Militar do Amapá Acadêmico de Enfermagem/ Instrutor alocado nas áreas de saúde e segurança Idealizador da marca Escudero Segurança & Resgate Instagram@escuderoлиндemeyer



Eles estão na edição de domingo, e agora podem ser lidos também no portal de notícias www.agazetadoamapa.com.br



DR. ADVALDO VITOR BARROS DE OLIVEIRA JUNIOR
PHD, PD (Pós Doutor)
Membro ativo da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) desde 2002. Especialista em clínica médica, RQE-72 (HUPD). Imortal da "Academia de Letras Evang. em Adm. Cadeira 416.



JARA DIAS
Painel do rico, painel do pobre, painel do negro, painel do nobre, painel do Pedro, painel da Maria, painel cheia, painel vazia
agazetadoamapa.com.br



JOSÉ CAXIAS
Olha, eu vou te falar - Radialista, jornalista e comentarista



JORIELSON BRITO NASCIMENTO
Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela UNIFAP, graduação em Direito pela UNIFAP, graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela UNIFAP, Diretor-Presidente da EAPIAP, Professor de Magistério Superior - Ciências Criminais / Direito Penal...



ALCINÉA CAVALCANTE
Escritora e Jornalista



AUGUSTO CÉSAR ALMEIDA
Advogado Especialista em Direito Previdenciário; Coordenador do Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário no Amapá; Mestrando em Educação Superior e políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará; Coordenador da Pós Graduação em Direito Previdenciário pela Escola Superior da Advocacia



JOÃO DE BARROS
é especialista em nefrologia e Clínica Médica. Membro titular da Sociedade Brasileira de Nefrologia. Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestre em Ciências da Saúde Preceptor de Clínica Médica CRM 892 RQE 386



PAULA PAVARINA
Escritora Mãe e treinadora Advogada e adepta da autorresponsabilidade e de bons acordos Espiritualista universalista Inatagram @paula_pavarina



TITO GUIMARÃES FILHO - é jornalista, diretor de Redação do Diário de Minas e um escritor que insiste, pirraça e, aos poucos, inventa linhas parecidas com letras de páginas já lidas — pelo menos por ele.



GESIEL OLIVEIRA
Gesiel Oliveira - Gesiel de Souza Oliveira, tem 45 anos, é macapaense, Oficial de Justiça, Bacharel em Direito e Geografia pela UNIFAP e em Teologia pela FATECH, Professor de Geopolítica, Professor de Direito Pós-Graduado em Direito Constitucional e Docência em Ensino Superior, é também pastor evangélico e fundador e presidente nacional de um movimento social cristão chamado de APEBE - Aliança Pró-Evangélicos do Brasil e Exterior que hoje está presente em dezenas de municípios, 16 Estados brasileiros e 9 países.



SAMUEL HANAN
Engenheiro com especialização nas áreas de macroeconomia, administração de empresas e finanças, empresário, e foi vice-governador do Amazonas (1999-2002). É autor do livro "Brasil, um país à deriva".



LUIZ SOLANO
Colunista conhecido como "O REPORTER DO PLANALTO", Jornalista



SANDRA REGINA KLIPPEL
Professora de Língua Portuguesa e Literatura, escritora e ativista cidadã. Publicou, entre outros livros, "A Prática da Gestão Democrática no Ambiente Escolar", artigos relacionados a sua área e espalhou poemas e crônicas por diversos veículos.



ANTONIO DA JUSTA FEIJÃO
Geólogo, advogado e consultor



DENISE MORELLI
Psicóloga Jurídica na POLITEC Coordenadora Nacional da Especialização em Criminologia e em Psicologia Jurídica e Iligência Forense do INFOP, Professora de diversas Universidades em cursos de graduação em Direito e Psicologia, Especializações e Mestrados, Palestrante Nacional e Internacional, Tutora da Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP. denisemorelli@hotmail.com



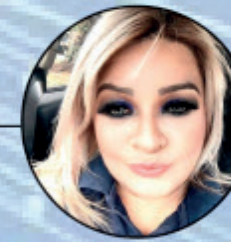
OLÍMPIO GUARANY
Jornalista, documentarista e professor universitário OGUARANY@GMAIL.COM



ABELARDO DA SILVA OLIVEIRA JUNIOR
ADVOGADO - OAB/AP 3155
E-MAIL: ADVOGADO. ABELARDOJUNIOR@GMAIL.COM



TELMA MIRANDA
Conhecida também como Telmi-nha por ter 1,50m de altura, IMPER-FEITA, mãe da Laís, filha da Dalva e Advogada. Que respeita o tempo e as pessoas. O resto passa. Twitter @telmamiranda



DENYSE QUINTAS
Jornalista



MÁRIO ANTONIO MAQUES FASCIO
Presidente da Igreja Virtual Povo de Deus - IVPD. Tem Curso básico e médio em Teologia. Formado em Sistema de Informação



PATRÍCIO ALMEIDA
Epidemiologista



IVONETE TEIXEIRA
Professora, historiadora, coach practitioner em PNL, neuropsicopedagoga clínica e institucional, especialista em gestão pública.



ARACIARA MACEDO:
Diretora de Jornalismo Grupo de Comunicação A Gazeta



GAZETA
do Amapá
Noticiando a Verdade

O BRASIL TEM JEITO — SÉRIE ESPECIAL

A TRAJETÓRIA

MARCELO DE CASTRO SOUZA

Quando olhamos para o homem moderno, cercado por tecnologia, cidades, inteligência artificial, automóveis, aviões e redes digitais, temos a impressão de que a humanidade sempre caminhou nessa direção.

Mas não caminhou. Nossa história é muito mais longa, mais complexa e, sobretudo, muito mais surpreendente. Antes do homem moderno dominar continentes, construir cidades ou escrever sua própria história, outras humanidades caminharam pela Terra. Entre elas estavam os neandertais, uma das linhagens mais fascinantes do gênero Homo.

A humanidade que ficou para trás. Os neandertais viveram principalmente na Europa e em partes da Ásia durante centenas de milhares de anos. Adaptaram-se ao frio, desenvolveram ferramentas, utilizaram o fogo, caçaram coletivamente e demonstraram comportamentos que indicam capacidade de planejamento e provavelmente formas complexas de comunicação.

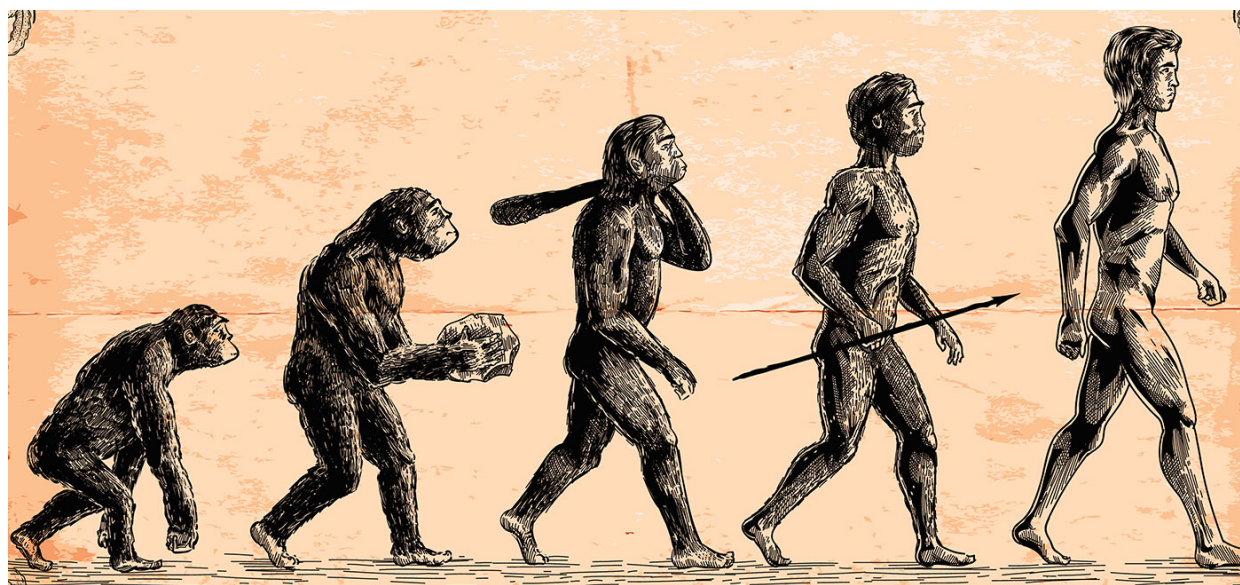
Durante milhares de anos, neandertais e Homo sapiens compartilharam territórios e, em determinados momentos, também compartilharam sua própria genética. Eles desapareceram como população distinta, mas não desapareceram completamente de nós.

Populações humanas atuais, especialmente fora da África, carregam segmentos de DNA herdados de antigas populações de neandertais. A genética moderna, portanto, nos revela algo extraordinário: a humanidade que existe hoje também é resultado de encontros, migrações, adaptações e misturas ocorridas em um passado muito distante. A nossa história não começou conosco. Somos herdeiros de uma trajetória muito maior. O homem aprendeu a transformar o mundo. Há aproximadamente 300 mil anos, o Homo sapiens já estava presente na África. Depois vieram as grandes migrações.

O homem saiu de seus territórios de origem, atravessou desertos, montanhas e oceanos, enfrentou períodos glaciais e aprendeu a viver em ambientes completamente diferentes. Durante muito tempo, fomos caçadores, coletores e pequenos grupos nômades. Depois veio uma das maiores transformações da história: a agricultura.

O cultivo sistemático de plantas e a domesticação de animais permitiram que grupos humanos se estabelecessem permanentemente em determinados territórios. Surgiram aldeias, depois cidades, governos, religiões organizadas, sistemas de escrita, comércio e estruturas sociais cada vez mais complexas.

Jared Diamond, em *Armas, Germes e Aço*, procura compreender justamente como fatores geográficos e ambientais



influenciaram os diferentes caminhos percorridos pelas sociedades humanas. Sua obra demonstra que a história da humanidade não pode ser explicada simplesmente pela ideia de superioridade de um povo sobre outro. Há cerca de cinco mil anos, algumas sociedades já possuíam agricultura organizada, cidades, comércio, religião, administração política e tecnologias metalúrgicas.

Por volta de 500 a.C., outras civilizações já haviam produzido filosofia, matemática, arquitetura, literatura, sistemas políticos e diferentes formas de compreender a existência. O mundo anterior à chegada dos europeus às Américas também não era um mundo vazio. O continente americano era habitado por inúmeras sociedades indígenas, com conhecimentos próprios sobre agricultura, astronomia, medicina, território e natureza. Por isso, 1500 não representa o nascimento da história brasileira. Representa o encontro — muitas vezes violento — entre histórias que já existiam. O corpo como templo.

Mas existe outra maneira de observar essa trajetória. A ciência pergunta de onde viemos. A filosofia pergunta quem somos. A religião pergunta por que existimos. E talvez a grande pergunta do século XXI seja: para onde estamos indo?

Desde a Antiguidade, diferentes tradições espirituais enxergaram o corpo humano como algo que ultrapassa a dimensão física. Na Bíblia, encontramos uma passagem especialmente significativa na Primeira Carta aos Coríntios: “O vosso corpo é templo do Espírito Santo.” A ideia aparece em 1 Coríntios 6:19 e estabelece uma relação profunda entre corpo, espírito e responsabilidade individual. Na tradição bíblica, o ser humano não é apresentado apenas como matéria. Existe uma dimensão espiritual que dá sentido à existência.

Em Gênesis, encontramos também a ideia de que o homem foi colocado no mundo para cultivar e guardar a criação. Em outras palavras, existe uma responsabilidade diante daquilo que nos cerca. Talvez essa antiga mensagem esteja adquirindo um significa-

do novo diante dos problemas contemporâneos.

Durante séculos, o homem procurou dominar a natureza. Hoje começa a perceber que talvez precise aprender a conviver com ela. Uma nova consciência? É aqui que a história da humanidade começa a encontrar a filosofia. O século XX produziu guerras mundiais, armas nucleares, destruição ambiental e uma capacidade tecnológica nunca imaginada. Mas produziu também uma pergunta diferente: Será que evoluímos tecnologicamente mais rápido do que evoluímos como seres humanos?

O filósofo e sacerdote francês Pierre Teilhard de Chardin enxergou a evolução não apenas como uma transformação biológica, mas também como um processo de aumento da complexidade e da consciência. Em *O Fenômeno Humano*, procurou aproximar evolução, ciência e uma visão espiritual do destino humano. Carl Gustav Jung, por outro caminho, também dedicou grande parte de sua obra à busca interior do homem moderno. Em *O Homem à Procura de uma Alma*, refletiu sobre a crise espiritual do indivíduo moderno e sobre a necessidade de compreender dimensões profundas da própria existência.

Fritjof Capra, em *O Tao da Física*, aproximou discussões da física moderna de tradições filosóficas orientais, especialmente o taoísmo, o budismo e o hinduísmo. Posteriormente, sua obra passou a dialogar fortemente com uma visão sistêmica e ecológica da realidade. São perspectivas diferentes, e não devem ser confundidas com demonstrações científicas de uma evolução espiritual da espécie humana. Mas todas nos ajudam a fazer uma pergunta. Estaremos mudando novamente?

Nos últimos cem anos, algo mudou profundamente na maneira como o homem enxerga a si mesmo. Começamos a compreender que não somos uma espécie isolada. Dependemos da água, do solo, das florestas, dos oceanos, dos animais, dos microrganismos, do clima e de uma complexa rede de relações que mantém a vida. A ecologia nos ensina que uma árvore

não é apenas uma árvore. Ela participa de um sistema. Um rio não é apenas água correndo. Ele sustenta uma cadeia de vida. O planeta não é simplesmente o lugar onde moramos. É o sistema que sustenta a nossa existência.

Talvez essa seja uma das maiores mudanças culturais do nosso tempo: deixar de enxergar o homem como proprietário absoluto da natureza e começar a compreendê-lo como parte de uma comunidade muito maior de vida. E as chamadas Crianças Índigo? Dentro desse processo surgiu, especialmente a partir das últimas décadas do século XX, a ideia das chamadas “Crianças Índigo”.

Autores como Lee Carroll e Jan Tober popularizaram o conceito no livro *The Indigo Children*, apresentado como uma interpretação espiritual de crianças consideradas mais intuitivas, sensíveis ou questionadoras das estruturas tradicionais. É importante fazer uma distinção.

A ideia das Crianças Índigo pertence ao campo espiritual e esotérico e não possui reconhecimento científico como uma nova categoria biológica ou psicológica de seres humanos. Ainda assim, o fenômeno cultural é interessante.

Por quê? Porque talvez a importância da ideia não esteja em provar que essas crianças possuem algum tipo especial de DNA, mas em observar aquilo que a sociedade começou a desejar para as novas gerações: pessoas mais conscientes, menos submissas, mais questionadoras e mais conectadas com o mundo em que vivem. Nesse sentido, a discussão deixa de ser genética. Passa a ser cultural. A próxima etapa da trajetória O neandertal desapareceu. O homem moderno sobreviveu. Mas isso não significa que nossa trajetória tenha terminado. Talvez a próxima grande transformação da humanidade não seja biológica. Talvez seja moral. Talvez seja cultural. Talvez seja espiritual. Durante milhares de anos, nossa principal preocupação foi sobreviver. Depois aprendemos a produzir. Depois aprendemos a conquistar. Depois aprendemos a domi-

nar. Agora talvez precisemos aprender a preservar. O desafio do século XXI não é apenas descobrir novas tecnologias. É descobrir se teremos maturidade para utilizá-las.

A inteligência artificial pode ampliar nossa capacidade de pensar, mas não pode decidir por nós o que é certo. A ciência pode prolongar a vida, mas não pode determinar o sentido de viver. A tecnologia pode aproximar bilhões de pessoas, mas não necessariamente produzir fraternidade. E o desenvolvimento econômico pode aumentar nossa riqueza sem necessariamente aumentar nossa humanidade. Talvez seja exatamente aí que esteja a próxima etapa da nossa trajetória. O homem diante de si mesmo. A história da humanidade é uma história de desaparecimentos e renascimentos. Espécies desapareceram. Impérios desapareceram. Civilizações desapareceram. Ideias desapareceram. Mas a capacidade humana de recomeçar permaneceu.

O homem moderno talvez esteja diante de uma escolha que nenhuma geração anterior enfrentou com tamanha intensidade. Podemos continuar acreditando que somos donos da natureza. Ou podemos compreender que somos parte dela. Podemos continuar acumulando conhecimento sem sabedoria. Ou podemos transformar conhecimento em consciência. Podemos continuar utilizando a tecnologia para controlar o mundo. Ou podemos utilizá-la para melhorar a vida.

Talvez a verdadeira evolução humana não seja aquela que modifica o nosso corpo. Talvez seja aquela que modifica nossa consciência. O neandertal nos deixou genes. As antigas civilizações nos deixaram conhecimento. Os profetas nos deixaram perguntas. Os filósofos nos deixaram pensamentos. A ciência nos deixou instrumentos. Agora cabe a nós decidir o que deixaremos para aqueles que ainda não nasceram. Porque talvez a maior pergunta da trajetória humana não seja de onde viemos. Seja o que faremos com a oportunidade de continuar existindo.

Marcelo Castro



MARCELO DE CASTRO SOUZA

TÉCNICO EM MEIO AMBIENTE, COM ATUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE, COM ATUAÇÃO DESTACADA NA REGIÃO DA BR-163. SEU TRABALHO É VOLTADO PRINCIPALMENTE PARA PROCESSOS DE MUDANÇA DE CATEGORIA E RECLASSIFICAÇÃO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, CONTRIBUINDO PARA O APRIMORAMENTO DA GESTÃO AMBIENTAL E O FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS À CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS.

Carga Imediata na Mandíbula: Quando Ciência, Planejamento e Cirurgia Permitem um Novo Sorriso em Até Três Dias

DR. RIVALDO BUENO E DR. LAÉRCIO LIMA



O tempo pesa para quem perdeu os dentes. A espera pela recuperação da mastigação sempre foi um dos maiores desafios da implantodontia. Historicamente, a especialidade exigia meses intermináveis aguardando o osso cicatrizar, período em que o paciente ficava refém de próteses provisórias desconfortáveis. A ciência, contudo, evoluiu e quebrou essa regra. Pelo menos na arcada inferior.

O Dr. Rivaldo Bueno observa essa dinâmica pelo prisma da função e do equilíbrio estrutural. Para ele, devolver dentes significa restabelecer todo o equilíbrio funcional da mastigação, da fala e da qualidade de vida. A mandíbula humana, ao contrário do osso maxilar superior que costuma ser mais poroso, oferece uma densidade anatômica privilegiada, essencial para ancorar esse recomeço.

É nesse momento que a cirurgia, conduzida pelo Dr. Laércio Lima, transforma esse planejamento em realidade por meio da reabilitação com prótese protocolo sobre implantes associada à carga imediata. O conceito é direto: a reabilitação ocorre por meio da instalação estratégica de quatro implantes, ou de um número maior quando a anatomia e o planejamento indicam essa necessidade. Na maioria dos

pacientes adequadamente selecionados, a elevada densidade óssea da região anterior da mandíbula proporciona excelente estabilidade primária aos implantes, condição essencial para que permaneçam imóveis durante o período inicial de cicatrização óssea. Essa estabilidade inicial é o requisito que permite a realização da carga imediata, preservando as condições necessárias para o processo de osseointegração. O paciente realiza a cirurgia e, em um intervalo de até três dias, a prótese total já está fixada, permitindo que retome rapidamente a função mastigatória e sua vida social.

Mais do que recuperar a estética, o paciente volta a mastigar com segurança, melhora a fala e readquire a confiança para sorrir e conviver socialmente. Naturalmente, essa abordagem não é universal. Ela depende de uma avaliação clínica criteriosa, de um planejamento prévio detalhado e da obtenção da estabilidade mecânica necessária durante a cirurgia. O sucesso do procedimento é o reflexo direto desse rigor científico.

Ainda assim, existe um obstáculo silencioso que impede muitas pessoas de recuperar o sorriso: o medo do tratamento odontológico. Essa ansiedade pode ser controlada por

protocolos modernos de sedação, planejados de acordo com as características de cada paciente. O conforto dita a regra do atendimento. Os procedimentos são realizados sob protocolos rigorosos de sedação, cujo nível varia de acordo com o quadro individual. Casos mais complexos ou pacientes com fobia severa contam com a presença de um médico anestesiologista monitorando os sinais vitais durante todo o processo. Com isso, o paciente permanece muito mais tranquilo e confortável durante a cirurgia, transformando o que antes era um trauma em uma experiência controlada e segura.

A carga imediata na mandíbula representa uma das maiores conquistas da implantodontia moderna. Mais do que devolver dentes, a carga imediata devolve autonomia, autoestima e qualidade de vida. Quando sustentada por diagnóstico preciso, planejamento criterioso e execução técnica, ela demonstra que os maiores avanços da odontologia não estão apenas na velocidade do tratamento, mas na segurança com que a ciência transforma vidas.

<https://metodoconsciente.com.br/>
<https://brclinmacapa.com.br/>
<https://orthoxmacapa.com.br/>

EQUIPE CLÍNICA ORTHO-X, MACAPÁ, AMAPÁ



**DR. RIVALDO
BUENO**

CRO 188 - Especialista
em Ortodontia e DTM.



**DR. LAÉRCIO
LIMA**

CRO-AP 763
Especialista em Cirurgia
Bucomaxilofacial,
Implantodontia e idealizador
do Método Consciente.

COLUNA MEIO - CAMPO

COLUNA: CHAMPIONS LEAGUE 2026/27
– O BRASIL NO CENTRO DO TABULEIRO
EUROPEU

MARCELLO D'VICTOR

A fase de liga da UEFA Champions League 2026/27 está definida. Nesta quarta-feira (26), os últimos sete clubes superaram os playoffs e completaram o grupo de 36 equipes que disputarão o troféu a partir de setembro. O sorteio ocorre nesta quinta-feira (27), às 13h de Brasília, em Mônaco. A competição começa com um elenco que mistura gigantes tradicionais e estreantes ousados, e o fio condutor que atravessa boa parte desse quadro continua sendo o mesmo de sempre: jogadores brasileiros.

O Sabah, do Azerbaijão, chega pela primeira vez após eliminar o Hapoel Beer-Sheva. O LASK, da Áustria, produziu uma das viradas mais marcantes da história recente ao reverter um placar de 4 a 0 contra o Celtic. Bodø/Glimt, Viking, AEK Atenas, Slovan Bratislava e Fenerbahçe fecharam a lista. Junto com Arsenal, Manchester City, Real Madrid, Barcelona, Bayern, PSG, Inter e os demais, formam o maior campo da competição no formato atual.

BRASILEIROS EM
QUASE TODOS OS
CANDIDATOS

Não há clube brasileiro na disputa, mas a presença nacional se espalha pelos elencos que realmente brigam pelo título. No Real Madrid, Vinícius Júnior segue como uma das maiores estrelas da competição, rodeado por Rodrygo e Éder Militão. No Barcelona, Raphinha é peça central do ataque. No Arsenal, Gabriel Magalhães se firmou como referência defensiva e agora divide o vestiário com Bruno Guimarães, contratado por valor elevado nesta janela. Gabriel Martinelli e Gabriel Jesus completam o grupo dos Gunners. No PSG, Marquinhos permanece como capitão e líder da defesa que conquistou os dois últimos títulos europeus, com Lucas Beraldo no elenco. Alisson defende o Liverpool. Casemiro e Andrey Santos estão no Manchester United. Savinho aparece no Manchester City. Wesley reforça a Roma. Em quase todos os potes há alguém com passaporte brasileiro capaz de decidir partidas.

Essa constância não é acidental. O Brasil mantém uma



Marcello D'Victor
JORNALISTA | DRT 344/AP | COLUNISTA

ANJ
ASSOCIAÇÃO
NACIONAL DE
JORNALISTAS

FENAJ
FEDERAÇÃO
NACIONAL
DOS JORNALISTAS

30.08.2026
Jornal A Gazeta

COLUNA MEIO-CAMPO
TRIBUNA DO FUTEBOL

CHAMPIONS LEAGUE 2026/27
O BRASIL NO CENTRO DO TABULEIRO EUROPEU

Brasileiros influenciam os favoritos, o mercado e o nível técnico da competição



36 EQUIPES

BRASILEIROS ENTRE OS FAVORITOS

TALENTOS QUE MOVEM O MERCADO

sequência impressionante de presença em finais da Champions ao longo deste século. Enquanto outros países alternam ciclos de protagonismo, o futebol brasileiro segue exportando atletas que chegam prontos ou quase prontos para o nível mais alto da Europa.

BRASIL COMO
MERCADO
PERMANENTE

O país continua sendo um dos principais fornecedores de talentos do futebol mundial. Não se trata apenas de vender o jogador já consagrado. O modelo atual privilegia a saída precoce de jovens com potencial elevado. A janela europeia de 2026 movimentou valores bilionários, e nomes brasileiros estiveram entre as operações de maior impacto: Bruno Guimarães chegou ao Arsenal por cerca de 87,5

milhões de euros, Andrey Santos foi para o Manchester United, João Gomes reforçou o Aston Villa. Jovens saídos de clubes brasileiros seguem sendo cotados em dezenas de milhões de euros ainda na adolescência.

O mercado internacional opera sob uma lógica de valorização acelerada. Direitos de transmissão, investidores e a pressão por resultados imediatos elevam os preços. Um meia ou atacante brasileiro que se destaca no Brasileirão ou nas seleções de base rapidamente se transforma em ativo de alto valor. Vinícius Júnior figura entre os jogadores mais caros do planeta. Raphinha, Gabriel Magalhães e outros ocupam faixas elevadas de mercado. Essa cadeia de transferências alimenta os clubes brasileiros e, ao mesmo tempo, abastece os elencos que dominam a Champions.

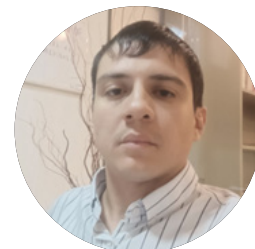
O QUE O TORNEIO
REVELA

A edição 2026/27 terá os favoritos de sempre – Real Madrid, Manchester City, Bayern, PSG, Arsenal, Liverpool, Barcelona, Inter – e os times capazes de surpreender, como Bodø/

Glimt, Aston Villa ou Sporting. O formato de 36 equipes amplia o número de partidas e a margem para reviravoltas. No entanto, a história recente mostra que o título raramente escapa dos clubes com maior poderio financeiro e elenco profundo.

Nesse cenário, os brasileiros ocupam posição estratégica. Eles não apenas disputam a competição: ajudam a definir seu nível técnico e sua atratividade comercial. Cada boa temporada na Champions eleva o valor individual e, por extensão, fortalece a percepção do Brasil como celeiro permanente de talentos.

O sorteio de Mônaco definirá os oito adversários de cada equipe. A fase de liga começa em setembro. Daqui até a final, o que se verá é a repetição de um padrão já conhecido: a Champions League continua sendo o maior palco do futebol de clubes, e o Brasil, mesmo sem um representante direto, permanece no centro da narrativa – através dos jogadores que carregam a camisa de quase todos os candidatos ao troféu.



MARCELLO D'VICTOR

Jornalista (DRT-344/AP), formado em Marketing, Pós – Graduado em Gestão Financeira e Pós – Graduado em Ciências Políticas. Trabalhou no Poder Legislativo como Secretário Parlamentar e Poder Executivo como Chefe de Unidade Financeira junto a Secretária de Estado da Fazenda do Amapá, operando o Siplag.

Governo sanciona lei que permite reduzir tributos sobre combustíveis

A presidência da República sancionou a Lei Complementar nº 235, de 27 de agosto de 2026 que estabelece regras para a redução de alíquotas de tributos federais sobre a importação, a produção e a comercialização dos principais combustíveis. O texto foi aprovado no início do mês pelo Senado, após ter passado pela Câmara dos Deputados.

A concessão de renúncias de receita visa diminuir os impactos econômicos no mercado internacional de energia decorrentes do conflito no Oriente Médio. A nova lei foi publicada no Diário Oficial da União desta sexta-feira (28).

O texto permite que eventual redução de

tributos incidentes sobre combustíveis seja compensada por receitas extraordinárias obtidas pela União em razão da valorização do petróleo no mercado internacional.

Além da questão dos combustíveis, a lei cria condições para benefícios tributários destinados à Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos e ao Programa de Desenvolvimento da Indústria de Fertilizantes, estimulando setores considerados estratégicos para o país.

Há também a previsão de um tratamento tributário específico para iniciativas ligadas à realização da Copa do Mundo Feminina de 2027.



Literatura teatral amapaense

ROMUALDO PALHANO

Pouco se conhece sobre o Teatro no Amapá; em se falando de dramaturgia as informações se tornam ainda muito mais escassas. Se faz necessário saber, que a primeira obra que trata sobre o teatro no Amapá, é de minha autoria e foi publicada no ano de 2011 com o título “Artes Cênicas no Amapá - Teoria, Textos e Palcos”. Surgiu a partir de vários artigos que escrevi, principalmente no Jornal A Gazeta. Esta obra, enfoca os espaços teatrais; produtores teatrais; análise crítica de espetáculos apresentados no Estado; novela amapaense; arte circense e humor. Foi resultado de pesquisa do Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas e do Núcleo Amazônico de Estudos das Artes Cênicas da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

Prosseguindo com

pesquisas voltadas para o teatro no Amapá, foi publicado em 2013 a obra “Teatro no Amapá: Artistas e Seu Tempo”, também de minha autoria, que foi resultado de realização de entrevistas com artistas de teatro que haviam montado espetáculos nas décadas de 60, 70 e 80, e que na atualidade não havia nenhum registro sobre seus trabalhos voltados para o teatro no Amapá. Outra obra publicada também em 2013, foi Curso de Teatro no Amapá: Concepções e Proposições para o Ensino Superior; e ainda, Arque Com Arte: Cultura, Arte e Educação no Amapá.

Do que se tem notícia, a primeira obra sobre dramaturgia amapaense foi publicada em 2012, intitulada “Cênico em Contextos: peças teatrais” do ator e diretor de teatro Daniel de Rocha, na intenção de socializar seus textos e conse-



quentemente sua dramaturgia. Na ocasião, ele publicou sete textos de sua autoria. A segunda obra que também trata do referido tema, intitula-se “Dramaturgia Amapaense”,

de minha autoria (publicada em 2015) também resultado de pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas, da UNIFAP.

Para contribuir com esse vazio documental, tanto em relação à história do teatro no Amapá, em 2021, foi a vez da obra, “História do Teatro do Amapá - do século XVIII à década de 1940. Por outro lado, à medida que se vai pesquisando, vai-se revelando o vigor de um teatro que necessita urgentemente ser registrado e se tornar patente em nossas bibliotecas. Aliás, a realidade de nossas bibliotecas públicas e particulares carecem de material que informe à comunidade em geral; ao pesquisador e às

pessoas de teatro sobre tema tão específico.

O que se apresenta aqui são dados esparsos que fui localizando e analisando ao longo dos anos. Na atualidade, o que se encontra em nível bibliográfico são abordagens isoladas. No entanto, há evidências de ter havido desde o século XVIII, grande número de atividades teatrais, que não se restringiu apenas à capital, Macapá, mas principalmente em função da representação da luta dos “Mouros e Cristãos” na Vila de Mazagão Velho, cujas primeiras apresentações aconteceram no ano de 1777. A previsão para este ano, será o lançamento da obra: História do Teatro do Amapá - de 1950 aos dias atuais.



A comunidade de nortistas na cidade de Blumenau em Santa Catarina

ALBERTO TOSTES

Olá a todos os leitores da minha coluna Urbanidade e do blogspot josealbertostes.www.blogspot.com. Estou na cidade de Blumenau, em Santa Catarina, realizando um estágio de pós-doutorado na FURB (Universidade de Blumenau). A Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e a FURB têm um processo de cooperação que começou com a materialização do Convênio PROCAD, uma trípla parceria de incentivo da CAPES para fortalecer os programas de pós-graduação, principalmente na Região Norte. Portanto, a minha missão vai até dezembro de 2026.

Tive a oportunidade, nesse período em que estou em Blumenau, de visitar diversos bairros e conhecer as fábricas instaladas no local. É comum perceber, nos bairros mais afastados do centro da cidade, características marcantes de migrantes das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Segundo dados oficiais do IBGE, cerca de 25% de toda a população de Blumenau é constituída por migrantes.

Ainda segundo dados do Censo Demográfico do IBGE, cerca de três quartos da população residente em Blumenau – exatamente 75,86%, o equivalente a 270.673 pessoas – são naturais do próprio estado de Santa Catarina.

Mapa 1 - Mapa 2 -

A parcela restante da população é composta por migrantes de diversas regiões do país e do exterior. Os paraenses formam o maior grupo vindo de fora do estado, representando 6,62% dos moradores (23.634 pessoas), seguidos pelos gaúchos, que somam 3,68% (13.134 pessoas), e pelos paulistas, que correspondem a 3,30% do total (11.762 pessoas) (IBGE, 2024).

A comunidade do Pará desponta como a maior representante da Região Norte na cidade, somando 8.883 residentes, o que equivale a 2,49% da população local. O contingente de imigrantes estrangeiros, vindos principalmente de países como Venezuela e Haiti, representa 1,25% dos habitantes (4.477 pessoas), enquanto os migrantes vindos da Bahia fecham o grupo com 1,22% do total de residentes, somando 4.366 pessoas (IBGE, 2024).

Sobre migrantes vindos do estado do Amapá, calcula-se que tenha algo em torno de 890 pessoas, deve-se esclarecer que, muitos dos amapaenses vivem entre os paraenses conforme relatos de moradores que tiveram a oportunidade de conversar conosco durante a semana, outro dado, é que um percentual de paraenses vivia em Macapá. Conforme levantamentos na Universidade de Blumenau, pois há uma dissertação produzida com o título: Amapaenses em Blumenau (Tostes, 2026).

Fonte:

A presença de migrantes vindos da Região Norte do Brasil, especialmente do estado do Pará, tornou-se um dos fenômenos demográficos e sociais mais marcantes da história recente de Blumenau. O município, conhecido por sua colonização alemã e identidade cultural europeia, passou a abrigar uma das maiores comunidades de paraenses fora de seu estado de origem, ao lado de um contingente expressivo e crescente de amapaenses.

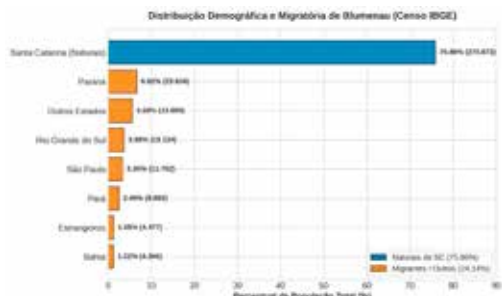
O fluxo migratório intensificou-se nas últimas duas décadas, impulsionado principalmente pela busca por oportunidades de trabalho, segurança e estabilidade econômica. Blumenau e a região do Vale do Itajaí destacam-se nacionalmente pela baixa taxa de desemprego e pela oferta contínua de vagas em setores como a indústria têxtil, construção civil, comércio, serviços e tecnologia.

A rede de apoio informal entre familiares e amigos desempenha um papel crucial nesse processo: trabalhadores já estabelecidos na cidade auxiliam parentes e conhecidos que chegam do Norte na busca por moradia e colocação no mercado de trabalho.

A população paraense em Blumenau está concentrada majoritariamente em bairros populosos e de grande apelo residencial para a classe trabalhadora. As principais regiões de moradia incluem: a Grande Garcia (com bairros como Progresso e Valparaíso); a Zona Norte (com bairros como Itoupavazinha,



Mapa 1 - da cidade de Blumenau. Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau. **Mapa 2 - Concentração e irradiação de paraenses e nordestinos na cidade de Blumenau.** Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau.



Fonte: IBGE. Organização e Elaboração: Tostes, 29026.

Badenfurt e Salto do Norte); além dos bairros Água Verde e Escola Agrícola (Prefeitura Municipal de Blumenau, 2025).

Essas localidades viram a rotina de seus comércios se adaptar com a chegada dos novos moradores, refletindo a nova diversidade cultural. A integração dos migrantes nortistas com a população local envolveu adaptações mútuas, além da introdução de novos hábitos à vida urbana da cidade: A busca por alimentos típicos impulsionou o mercado local focado em produtos do Norte. Restaurantes, feiras e pequenos mercados passaram a comercializar o açaí em sua versão tradicional (puro e servido com farinha de tapioca e peixe), além de pratos como tucupi, jambu e maniçoba.

Ao longo dos últimos 50 anos, Blumenau deixou de ser uma cidade moldada predominantemente pela imigração europeia para se tornar um dos principais polos de atração migratória interna do Sul do Brasil. Evoluindo de uma economia puramente têxtil e fabril para uma metrópole regional impulsionada por serviços, tecnologia e construção civil, a cidade passou por três grandes ciclos de migração desde a década de 1970.

Nas décadas de 1970 e 1980 (Êxodo rural catarinense e o Vale do Itajaí): Viram a chegada de famílias do oeste catarinense, do Alto Vale do Itajaí e de cidades vizinhas (como Gaspar, Indaial e Pomerode). O vetor de atração foi a era de ouro das grandes indústrias têxteis (como Hering, Teka e Artex) e metalúrgicas, que demandavam um volume massivo de mão de obra operacional. Os impactos na cidade envolveram a expansão urbana acelerada, consolidando bairros populosos como Velha, Garcia e Itoupava Norte. A mudança do perfil do campo para a fábrica e a transformação de agricultores em operários urbanos foram as marcas desse período (Seyferth, 2004).

Nas décadas de 1990 e 2000 (Abertura para o Sul do Brasil e o polo tecnológico): Trabalhadores do Rio Grande do Sul, do interior do Paraná e do planalto catarinense migraram para a cidade, somando-se à atração de profissionais qualificados do Sudeste nos anos 2000. O vetor de atração foi a reestruturação da indústria tradicional, o fortalecimento do setor de serviços e a consolidação do polo de Tecnologia da Informação (TI). Os impactos deram-se na diversificação da mão de obra, com demanda por técnicos, engenheiros e especialistas em software, além da verticalização e expansão imobiliária em bairros como Victor Konder, Vila Nova e Escola Agrícola (Seyferth, 2004).

Nas décadas de 2010 e 2020 (Migração do Norte, Nordeste e imigrantes internacionais): Ocorreu um fluxo massivo de migrantes da Região Norte (com destaque para o Pará), do Nordeste (Maranhão e Bahia) e do exterior (sobretudo haitianos e venezuelanos). O vetor de atração foi o cenário de



pleno emprego em Santa Catarina, com forte demanda por mão de obra na construção civil, logística, serviços, comércio e linhas de produção industrial. Os impactos se refletiram na pluralidade cultural, com novos mercados, restaurantes e manifestações comunitárias, além do surgimento de novos eixos de moradia nos bairros Grande Garcia, Itoupavazinha, Badenfurt e Água Verde (Catie, 2025).

O antigo fluxo massivo focado prioritariamente na saída do campo rumo às grandes metrópoles do Sudeste cedeu espaço a um mapa muito mais complexo, interiorizado e dinâmico. Nesse novo cenário, cidades de médio porte do Sul e do Centro-Oeste transformaram-se em verdadeiros polos de atração populacional. O município de Blumenau, encravado no Vale do Itajaí, figura como um dos cenários mais simbólicos dessa transformação (Mamigonian; Pereira, 2014; Catie, 2025).

Historicamente reconhecida por sua forte matriz de colonização alemã, pela arquitetura enxaimel e por celebrações tradicionais como a Oktoberfest, a cidade passou a vivenciar o encontro marcante entre sua herança europeia e a vitalidade de novos moradores vindos diretamente da Região Norte do país.

Essa nova onda migratória não aconteceu por acaso, mas como resposta a uma engrenagem econômica extremamente aquecida. Blumenau consolidou-se ao longo das décadas como um centro industrial diversificado, que soube migrar da dependência exclusiva do setor têxtil para se firmar como referência em tecnologia da informação, serviços, comércio e construção civil. Com taxas de desemprego historicamente baixas e uma demanda incessante por mão de obra em diversas frentes operacionais e técnicas, o município tornou-se um porto seguro para milhares de famílias amazônicas que buscavam estabilidade financeira, segurança e melhores oportunidades de vida (Santos; Baeninger, 2018).

O que começou como deslocamentos pontuais de trabalhadores rapidamente se transformou em uma sólida rede de apoio interpessoal, em que aqueles que se estabeleciam primeiro facilitavam a chegada de parentes, amigos e vizinhos. Assim, em pouco mais de duas décadas, a cidade passou a abrigar a terceira maior colônia de paraenses fora do estado do Pará, acompanhada por uma presença cada vez mais significativa de amapaenses. De acordo com o Censo do IBGE de 2022, a colônia de paraenses na cidade de Blumenau alcança quase nove mil pessoas – contingente superior à população de muitas pequenas cidades do país.

A instalação desses novos migrantes, que ocorreu com maior intensidade em bairros populosos como Grande Garcia, Itoupavazinha, Badenfurt e Água Verde, reconfigurou não apenas a geografia da cidade, mas também o próprio ritmo do cotidiano local. A chegada dos novos moradores trouxe consigo um inevitável choque cultural e climático, exigindo um esforço mútuo de adaptação (Prefeitura Municipal de Blumenau, 2025).

O impacto dessa coexistência é visível na transformação da paisagem cultural e gastronômica blumenauense. As feiras de bairro e o comércio local passaram a abrir espaço para insumos que antes eram raridades quase inacessíveis no Sul do país. O açaí tradicional – consumido de forma pura, servido com farinha de tapioca e acompanhado de peixe frito ou charque – deixou de ser uma curiosidade e passou a integrar a rotina comercial da cidade, dividindo espaço com pratos como

o tucupi, o jambu e a maniçoba. Da mesma forma, o sotaque chiado do Norte passou a soar com naturalidade nas linhas de montagem, nas salas de aula e nos transportes públicos, somando-se ao falar cantarolado de herança germânica que caracterizou a região por mais de um século (Catie, 2025).

Esse movimento observado em Blumenau reflete uma tendência nacional em que as identidades locais já não podem ser vistas como blocos estáticos ou imutáveis. O processo de acolhimento e integração traz desafios inevitáveis, que exigem das gestões públicas a expansão contínua de serviços essenciais como saúde, educação e habitação, além do combate constante ao preconceito regional. No entanto, o resultado dessa união é o fortalecimento de um tecido social mais plural, dinâmico e representativo da verdadeira diversidade brasileira. A Blumenau do século XXI é a prova concreta de que a força econômica de um município não se mede apenas por sua capacidade produtiva, mas por sua aptidão em acolher diferentes histórias, transformar contrastes em convivência e provar que as águas de diferentes rios podem, finalmente, correr juntas em um mesmo vale.

REFERÊNCIAS

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico: Resultados do Universo — Migração e Deslocamento Populacional. Rio de Janeiro: IBGE. (Base oficial para o levantamento quantitativo sobre a origem dos residentes e a porcentagem de migrantes estaduais, nacionais e estrangeiros em Blumenau), 2024.

MAMIGONIAN, Armen; PEREIRA, Raquel Maria Fontes. A formação territorial de Santa Catarina e a dinâmica de suas cidades médias. Florianópolis: Editora da UFSC. (Aprofundamento sobre os ciclos econômicos de Blumenau, a transição da monocultura fabril para o polo tecnológico e a expansão urbana dos bairros periféricos). Blumenau, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. Plano Diretor do Município de Blumenau e Relatórios de Indicadores Sociais. Secretaria de Planejamento Urbano (SEURB). (Mapeamento geográfico oficial dos bairros, zoneamento urbano e relatórios sobre o atendimento da rede pública de saúde e educação à nova população residente). Blumenau, 2025.

SANTOS, Mirian Carbonera; BAENINGER, Rosana. Novas dinâmicas da migração interna no Brasil: O fluxo Norte-Sul e a inserção no mercado de trabalho catarinense. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO/UNICAMP). (Análise teórica e empírica sobre a atração de trabalhadores do Norte e Nordeste pelo setor produtivo, têxtil e de serviços de cidades médias do Sul). Blumenau, 2018.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da colonização alemã e as dinâmicas da identidade no Vale do Itajaí. Brasília: Editora UnB. (Estudo clássico sobre a construção da identidade cultural germânica em Blumenau e os impactos da chegada de diferentes fluxos populacionais à região ao longo das décadas). Blumenau, 2004.

CATIE, Talita. Um a cada quatro moradores de Blumenau veio de outro estado: veja origem dos migrantes. NSC Total, Florianópolis, 2 jul. 2025. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/cotidiano/um-a-cada-quatro-moradores-de-blumenau-veio-de-outro-estado-veja-origem-dos-migrantes>. Acesso em: 26 ago. 2026.

TOSTES, J.A. Levantamentos de campo na cidade de Blumenau. Blumenau, 2026.



JOSÉ ALBERTO TOSTES
Arquiteto e Urbanista, Mestre e Doutor em História e Teoria da Arquitetura

Festival Quebramar está de volta e reconecta a música autoral do Brasil às Guianas

Festival que já trouxe ao Amapá, nomes como Racionais MC's, Emicida, Arnaldo Antunes e Karol Conká retoma programação e aposta na circulação de artistas e na integração cultural entre Amapá, Guiana Francesa e Suriname

Um dos principais festivais de música autoral e independente da Amazônia está de volta, viabilizado pela Lei Rouanet, com patrocínio master da Petrobras, por meio do programa Petrobras Cultural. O projeto retoma sua programação em Macapá a partir de 2 de setembro, reafirmando o compromisso com a produção artística do Amapá e ampliando sua atuação como espaço de formação, intercâmbio, circulação e conexão entre artistas e profissionais da cadeia cultural.

Em sua 8ª edição, o festival chega com o tema “Integrando as Guianas” e propõe uma programação que ultrapassa os limites dos palcos. Ao longo de três meses, o Quebramar reúne música, teatro, literatura, cinema, grafitti, artes plásticas, fotografia, atividades esportivas, formação profissional e intercâmbio cultural, criando oportunidades para artistas locais dialogarem com outras cenas da Amazônia e de países vizinhos.

A programação começa com a etapa Preamar, em 2 de setembro, com o Quebramar na Escola, levando atividades culturais e formativas para o ambiente escolar. Em seguida, a Batalha de Bandas abre inscrições de 20 de setembro a 5 de outubro, fortalecendo a descoberta e a projeção de novos nomes da música autoral. No dia 26 de setembro, a Maré Lançante, marca uma nova etapa das atividades, com o lançamento oficial do site do festival, anúncio das atrações, encontro com a imprensa e esquentando a Batalha de MCs.

A grande celebração acontece de 27 de outubro a 1º de novembro, no centro de Macapá, em frente ao rio Amazonas, reunindo atrações regionais, nacionais e internacionais. Ao todo, a programação contempla 50 shows totalmente gratuitos.



Nesta edição, o Quebramar amplia sua vocação de integração internacional, com a participação de artistas e profissionais do Amapá, de outros estados brasileiros, da Guiana Francesa e do Suriname.

UM PALCO QUE AJUDOU A PROJETAR O AMAPÁ

Mais do que retornar ao calendário cultural, a nova edição representa a retomada de um espaço que tem papel importante na trajetória da música autoral amapaense.

Ao longo de suas sete edições anteriores, o Quebramar recebeu artistas como Racionais MC's, Emicida, Teatro Mágico, Torture Squad, Arnaldo Antunes e Karol Conká, colocando Macapá no circuito de grandes encontros da música brasileira e aproximando artistas locais de referências nacionais. Para a produção autoral do Amapá, esse intercâmbio deixou resultados concretos. Bandas e artistas que passaram pelo festival, como Minibox Lunar e Amatribo, encontraram no Quebramar

uma plataforma de visibilidade e conexão que contribuiu para ampliar suas possibilidades de circulação e alcançar públicos para além do estado.

“O retorno do Quebramar significa muito para a cena cultural do Amapá porque o festival sempre foi mais do que um evento musical. Ele cria oportunidades, aproxima artistas, promove encontros e ajuda a mostrar que existe uma produção autoral potente sendo realizada aqui. Retomar esse espaço é também reafirmar que os artistas amapaenses precisam estar nos grandes circuitos de circulação da música brasileira”, destaca Heluana Quintas, coordenadora geral do Festival Quebramar.

INTEGRANDO AS GUIANAS

O tema desta edição parte de uma característica geográfica e cultural que torna o Amapá estratégico: sua proximidade com a Guiana Francesa e o Suriname.

A proposta é transformar essa localização em possibilidade de intercâmbio e circu-

lação, aproximando festivais, artistas, produtores e profissionais da cultura dos três territórios.

Integrar as Guianas é reconhecer que o Amapá está no centro de um território amazônico que possui suas próprias conexões, histórias e linguagens. Ao aproximar artistas, produtores, festivais e públicos do Amapá, da Guiana Francesa e do Suriname, surgem novas possibilidades de circulação e fortalecimento de um mercado cultural que precisa estar cada vez mais conectado.

Um dos destaques da programação é a Rodada de Negócios, que promove o encontro entre festivais, de um lado, e artistas interessados em ampliar a circulação de seus trabalhos, de outro. A iniciativa busca aproximar quem produz de quem contrata, criando possibilidades concretas de apresentações, parcerias e novas rotas para a música independente.

A programação contempla música, teatro, cinema, grafitti, artes plásticas, fotografia e

esporte na natureza, ampliando o diálogo do festival com diferentes linguagens e públicos.

IMPACTO DE UMA TRAJETÓRIA

Em sete edições, segundo dados da organização, o Festival Quebramar já reuniu 90 artistas, 14 espetáculos cênicos, sete exposições, sete mostras audiovisuais e 56 palestrantes, alcançando mais de 80 mil pessoas.

Ao retornar, o Quebramar recupera não apenas uma programação cultural, mas uma plataforma de encontro e visibilidade para uma cena que continua produzindo, experimentando e criando novas sonoridades no extremo norte do país.

A edição deste ano pretende fortalecer esse movimento e consolidar Macapá como ponto de encontro da música independente brasileira e das culturas que formam o território das Guianas, aproximando o Amapá de novos circuitos, públicos e possibilidades de circulação.

“Mary Paes”

CMN facilita crédito emergencial a fertilizantes e minerais críticos

O Conselho Monetário Nacional (CMN) ampliou o acesso ao crédito do Plano Brasil Soberano para empresas da cadeia de fertilizantes e reduziu os encargos financeiros para projetos ligados a minerais críticos e estratégicos financiados pelo programa. As mudanças foram aprovadas em reunião extraordinária nesta quinta-feira (27).

A resolução também prorrogou por 12 meses o prazo para protocolar pedidos de financiamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Agora, as empresas poderão apresentar os requerimentos até 31 de dezembro de 2027.

MAIS CAPITAL DE GIRO

Empresas que fabricam adubos e fertilizantes, produzem intermediários ou extraem minerais usados na fabricação desses produtos passam a ter acesso a linhas de capital de giro.

Antes, o financiamento estava restrito à compra de bens de

capital e a investimentos.

A mudança busca atender à dinâmica financeira do setor, que muitas vezes precisa pagar insumos importados antes de receber pelas vendas aos produtores rurais.

JUROS MENORES

Para empresas industriais e tecnológicas da cadeia de minerais críticos e estratégicos, o encargo financeiro dos financiamentos para bens de capital e investimentos foi reduzido para 3% ao ano.

Antes, as taxas eram de:

- 8% ao ano em determinadas operações de bens de capital;
- 6,5% ao ano em determinadas operações de investimento.

A redução pretende estimular investimentos em etapas como beneficiamento, refino e transformação dos minerais no Brasil.

QUEM PODE ACESSAR

As empresas elegíveis são



definidas em conjunto pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) e pelo Ministério da Fazenda.

A lista de setores beneficiários está prevista em portarias interministeriais que regulamentam o Plano Brasil Soberano. Segundo o governo, as medi-

das buscam apoiar setores afetados pelo aumento das tarifas norte-americanas e pela instabilidade do comércio internacional, preservando atividade, emprego e renda.

COLEGIADO

O Conselho Monetário Nacional (CMN) é o órgão re-

sponsável por formular diretrizes das políticas monetária e de crédito do país.

Presidido pelo ministro da Fazenda, Dario Durigan, o colegiado também é formado pelo presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, e pelo ministro do Planejamento e Orçamento, Bruno Moretti.

AS TRANÇAS DE FIOS

SANDRA REGINA KLIPPEL



“O tempo é um fio”
Mas que fio é esse?
Um fio de tecer laços,
lembranças e abraços?
Ou um fio que se lança
pelas corredeiras abaixo,
levando sonhos e escolhos,
configurando ameaças?
Um fio repleto de emendas,
os “jabutis” e remendos,
surrupando as merendas,
os velhinhos alquebrados
pelos trabalhos calejados?

Um fio que redesenha mapas?
Atravessa fronteiras, invade,
come e mata?
Ou esse é o Carcará lá do Sertão?
Talvez seja o fio da fumaça da destruição?

SERÁ?
Um fio repleto de fatores climáticos?
Lá fora, nos jornais, vislumbram
convulsões e gritaria, a terra estremecera,
as geleiras derretiam nos picos e encostas,
as rochas colidindo em várias instâncias
regiam um fio desconcertante,
demarcando novas vilas, ruas e túmulos.
Conectando ou desconectando
as verdades conflitantes, os momentos trágicos?

QUE FIO É ESSE?
O fio que liga corações a bater
em ritmo acelerado, emocionados,
expressando empatia, amor ou bondade?

Chegar a uma conclusão é o quê?
É abrir uma porta para novas
incursões.
Dizia o silêncio sibilante a sua
volta.
Tenho mais perguntas do que
respostas,
SIM. Isso é fato.
Pensou no refúgio do oratório,
entre preces, frases e axiomas.
Ali com o olhar na chama de uma
vela
abria-se a sua frente o espaço
imaginário.
Ou seria o universo que se tripar-
tia?



SANDRA REGINA KLIPPEL
Professora de Língua Portuguesa e Literatura,
escritora e ativista cidadã. Publicou,
entre outros livros, “A Prática da Gestão
Democrática no Ambiente Escolar”, artigos
relacionados a sua área e espalhou poemas e
crônicas por diversos veículos.



Ninguém segura emprego na marra

MARCELO TOGNOZZI

O Brasil parece estar eternamente numa marcha da insensatez e os fatos às vezes parecem ficção. No meio da semana passada, o mercado assustou. A Justiça do Trabalho determinou a suspensão das demissões nas Casas Bahia, empresa que pediu recuperação judicial e tem dívida de R\$ 17,3 bilhões. Para continuar operando, precisa fechar 298 lojas e demitir de 1.900 e 2.000 empregados. A Justiça aplicou o entendimento do Supremo Tribunal Federal, determinando que demissões em massa devem passar por uma negociação com os sindicatos.

O problema é muito maior do que se imagina. Se a empresa está derretendo, precisa tomar medidas duras e amargas para sobreviver. Impor o retorno dos demitidos sem que sejam obrigados a devolver as indenizações recebidas, não vai salvar o emprego de ninguém. Morrerão todos abraçados, empresa e trabalhadores.

Não se atrapalha quem tenta sobreviver. Principalmente no cenário deste ano eleitoral, com a economia enfrentando muitos problemas, o governo gastando mais do que poderia e os impostos crescendo mais do que deveriam. De janeiro a abril deste ano, 602 empresas entraram em recuperação judicial e outras 234 faliram. No início deste segundo semestre havia 6.341 empresas em recuperação judicial no Brasil, aumento de 65,8% sobre igual período de 2023, nos primeiros meses de Lula 3.

Os trabalhadores sabem que o grosso dos empregos são criados pela iniciativa privada e que quanto menos empresas, a oferta de postos de trabalho cai e menos dinheiro circulará na economia. A crise chega em ondas, até se estabelecer de vez como foi no Dilma 2. Quem leu "Anatomia de um Desastre", livro escrito pelos jornalistas Cláudia Safatle, João Borges e Ribamar Oliveira, sabe os detalhes e os bastidores de um dos piores momentos do Brasil.

A crise dissecada no livro foi edificada a partir de intervenção desastrosa na economia, cujas consequências todos nós conhecemos bem no bolso e no lombo. O que está acontecendo agora não é muito diferente do que vivemos no passado recente, porque a crise foi se instalando ao longo dos últimos 3 anos e trouxe para o centro do palco atores políticos que antes não coexistiam sob os mesmos holofotes, como é o caso do Poder Judiciário.

A crise do governo Dilma, ficou



restrita ao Executivo e ao Legislativo, terminando em impeachment com o Supremo negociando para aliviar Dilma que, diferentemente de Fernando Collor, não perdeu os direitos políticos e se candidatou ao Senado por Minas em 2018.

Desta vez, a crise está escalando num volume jamais visto. O custo do dinheiro reduziu drasticamente a margem dos produtores rurais, que vivem um paradoxo. Colherão safra recorde de 354 milhões de toneladas, mas, ao mesmo tempo, devem muito. Há até R\$ 100 bilhões em operações ligadas ao agro que podem entrar em renegociação. Parte disso, R\$ 36,7 bilhões, são créditos inadimplentes, enquanto R\$ 63,5 bilhões correspondem a operações prorrogadas ou renegociadas. Até 113 mil tomadores podem ser alcançados.

No agro, como no comércio, as recuperações judiciais estão explodindo. Só este ano já foram 517 pedidos de recuperação judicial, 33% a mais do que no mesmo período de 2025. Num cenário em que temos aumento dos preços dos fertilizantes provocado pela guerra no Irã e na Ucrânia, o custo para produzir alimentos tenderá a subir ainda mais em 2027.

O cenário geopolítico promete ser mais hostil em 2027, com os Estados Unidos e seus aliados latino-americanos batendo bumbo em volta do Brasil, acirramento da polarização na Europa, onde a direita está crescendo sustentada pelo discurso anti-imigração. Na Inglaterra, o conservador e garoto propaganda do Brexit Nigel Farage, do Reform UK, voltou ao Parlamento com a narrativa de independência.

Farage dificilmente será inquilino

do número 10 de Downing Street, mas pode empurrar o eleitorado para a opção mais conservadora ou desequilibrar o jogo dos Trabalhistas no Parlamento. Na França, Marine Le Pen lidera as pesquisas com mais de 30% dos votos para as presidenciais de abril de 2027. Claro que tudo isso pode mudar, como mudou na última eleição, mas esta é a tendência do momento. A França, junto com a Irlanda, são os maiores adversários do acordo Mercosul-UE.

Na Espanha, as pesquisas indicam que a direita e centro-direita até agora são as preferidas do eleitorado nas eleições do ano que vem, com chances de levarem 186 cadeiras no Parlamento, ficando com 10 a mais que o necessário para a maioria.

Todo este cenário exigirá do Brasil uma atenção redobrada não apenas à diplomacia formal do Itamaraty, mas especialmente à diplomacia empresarial que tem na JBS e na Embraer seus maiores expoentes.

Se temos uma economia com risco cada vez maior de repetir a crise econômica de 10 anos atrás, vamos precisar de muita negociação e muita paciência diante do quadro político-institucional que teremos pela frente.

Não adianta encurralar empresas, aumentar impostos e algemá-las, porque corremos o risco de perder capital e cérebros para nossos vizinhos, como já vem acontecendo com o Paraguai. E isso não acontece só aqui.

No início de agosto, a Câmara de Comércio da Flórida lançou uma campanha de agradecimento do prefeito socialista de Nova York, Zohran Mamdani, chamando-o de maior incentivador da economia do

Estado, tantas foram as empresas que saíram da cidade rumo ao Sul dos Estados Unidos. Um outdoor foi erguido na Times Square em "homenagem" ao prefeito.

"Nós queremos agradecer a ele pelos postos de trabalho, as empresas, as pessoas que ele empurrou para fora de Nova York e muitas delas vieram para a Flórida", disse Mark Wilson, CEO da Câmara de Comércio numa reportagem publicada no New York Post.

O Brasil precisa muito das empresas e empreendedores. Ninguém segura emprego na marra. Quem acorda cedo todo dia para trabalhar sabe que sem economia sadia a vida vira um inferno. Aumenta a violência e a pobreza e todos perdem.

Quando você se deparar com uma medida que faz empresários e trabalhadores morrerem abraçados, lembre do professor Mário Henrique Simonsen. Ele dizia que "os pobres ficam ainda mais pobres quando têm de sustentar os burocratas nomeados para supostamente enriquecê-los".



MARCELO TOGNOZZI

61 anos, é jornalista e consultor independente. Fez MBA em gerenciamento de campanha política na Graduate School Of Political Management - The George Washington University e pós-graduação em Inteligência Econômica na Universidad de Comillas, em Madrid. Escreve semanalmente para o Poder360, sempre aos sábados.

Dragon Ball e mais: França e Arábia Saudita anunciam megaprojeto de R\$ 36 bilhões para criar parques temáticos em Paris

A França e a Arábia Saudita anunciaram nesta segunda-feira (24) um projeto de € 6 bilhões (R\$ 36 bilhões) para construir três parques temáticos na região de Paris. Um deles será dedicado à franquia japonesa Dragon Ball. A expectativa é que os projetos criem 22 mil empregos diretos.

O anúncio foi feito durante a visita do príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, a Paris, onde se reuniu com o presidente francês, Emmanuel Macron. A agenda também resultou em acordos nas áreas de defesa e economia.

Macron chamou o investimento de “algo sem precedentes desde a Disneyland Paris” e afirmou que os três parques serão construídos em Cergy-Pontoise, na região parisiense.

Um dos parques será dedicado ao universo de Dragon Ball. O empreendimento será construído no local do antigo parque Mirapolis, em Val-d'Oise, fechado há 35 anos e localizado a cerca de 30 quilômetros ao norte da capital.

A assessoria de Macron revelou que esse projeto “nasceu de uma conversa entre o presidente da República e o príncipe herdeiro em dezembro de 2024”, em Riade. Na época, os dois líderes descobriram a “paixão em comum” pelos mangás,



e “especialmente Dragon Ball Z”.

Os temas dos outros dois parques não foram especificados. As obras deverão se estender por vários anos, sem calendário definido até o momento.

Questionada sobre a decisão de confiar à Arábia Saudita a construção desses parques, apesar das críticas ao histórico do país em matéria de direitos humanos, o governo Macron destacou que a França seria a “beneficiária” do projeto.

“Em nenhum momento, quando atraímos um projeto, buscamos

dar lições aos outros”, respondeu o Eliseu.

PROVOCAÇÃO

Essa não foi a primeira vez que Mohammed bin Salman foi recebido por Macron no Palácio do Eliseu. Em julho de 2022, uma visita do príncipe herdeiro a Paris provocou protestos de organizações de defesa dos direitos humanos.

Desta vez, sindicatos de jornalistas franceses também criticaram a presença de “MBS”, que classificaram a visita como uma “provação”.

cada vez mais importância.

CONSELHO DE PARCERIA ESTRATÉGICA

Após assistirem juntos, na noite de domingo, em Paris, à final da Esports World Cup, realizada pela primeira vez fora da Arábia Saudita, Macron e Mohammed bin Salman presidiram, nesta segunda-feira, à primeira reunião do Conselho de Parceria Estratégica Franco-Saudita.

O conselho foi criado durante a visita de Macron a Riade, no fim de 2024.

As discussões incluíram a guerra em Gaza e a solução de dois Estados para israelenses e palestinos, além das situações no Líbano e na Síria e da reorganização das forças no Oriente Médio.

Em nível ministerial, os dois países também discutiram formas de diversificar o abastecimento energético. O tema ganhou importância com o Estreito de Ormuz, uma das principais rotas do comércio marítimo internacional, sob controle do Irã.

No campo diplomático, França e Arábia Saudita deverão coorganizar uma conferência para apoiar as Forças Armadas libanesas e a integridade territorial do Líbano. O encontro havia sido adiado por tempo indeterminado em março, após o início da guerra entre EUA, Israel e Irã.

Roubado de museu em Viena, colar pertenceu à realeza egípcia

Uma joia histórica com 673 diamantes e mais de 200 quilates foi roubada do Museu de Artes Aplicadas (MAK), em Viena, na Áustria, na tarde de quinta-feira (27/8). Avaliada em cerca de 4 milhões de euros (R\$ 24 milhões), a peça integra o acervo da joalheria francesa Van Cleef & Arpels, que está em exposição no museu desde junho. Segundo a polícia austríaca, ninguém ficou ferido durante o crime.

ROUBO NO MUSEU

O roubo ocorreu durante o horário de funcionamento do museu. Dois homens quebraram, com um martelo, o vidro que protegia a joia, pegaram a peça e fugiram do local. De acordo com as autoridades austríacas, os suspeitos não usavam

máscaras, pagaram para entrar no museu e foram registrados pelas câmeras de segurança.

O MAK não divulgou oficialmente qual peça foi levada. No entanto, a descrição divulgada pela imprensa austríaca e pelas autoridades envolvidas no caso corresponde a uma joia histórica que pertenceu à rainha Nazli do Egito.

HISTÓRIA DA JOIA

A joia foi desenvolvida pela Van Cleef & Arpels para a Família Real Egípcia. O colar foi usado pela rainha Nazli durante o casamento de sua filha, a princesa Fawzia, em 1939. Em seu site, a Van Cleef & Arpels descreve a peça como um “exemplo icônico do sucesso das joias de diamantes brancos”.



Monitorada no Brasil, febre do Nilo Ocidental se espalha também pela Europa

A confirmação, nesta semana, da primeira morte por febre do Nilo Ocidental (FNO) no Brasil chamou a atenção para uma doença ainda pouco conhecida no país.

A vítima, uma idosa de 77 anos de Santa Catarina, é a segunda paciente da doença registrada na história do estado. O primeiro, um homem de 56 anos, já recebeu alta.

Além deles, há outros dois casos confirmados no estado de São Paulo, e um sob investigação no Piauí, segundo o Ministério da Saúde.

A infecção, que na maioria das vezes transcorre sem consequências graves e costuma ser assintomática, é contraída pela picada de mosquitos infectados pelo vírus. Há casos raros, porém, de pacientes que desenvolvem meningite, encefalite ou paralisia flácida aguda.

Ainda não há vacina contra o vírus, nem tratamentos específicos, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde). Os cuidados se limitam à administração dos sintomas e tratamento hospitalar para casos mais graves.

O Ministério da Saúde ainda investiga como e onde exatamente as infecções aconteceram no Brasil.

VÍRUS TAMBÉM PREOCUPA A EUROPA

O vírus, que se expandiu neste ano na Europa, também tem alarmado autoridades europeias. Até agora, há casos registrados em 12 países, três a mais que no mesmo período do ano passado: Albânia, Alemanha, Áustria, Espanha, França, Grécia, Holanda, Itália, Kosovo, Macedônia do Norte, Romênia e Sérvia.

A Itália e a Grécia lideram o ranking de casos, com 311 e 157 infecções, segundo o Centro Europeu de Prevenção e Controle de Doenças (ECDC).

Em 21 regiões do continente, foi a primeira vez que as autoridades relataram casos da doença, que costuma atingir seu pico entre o fim da primavera e o outono, época de temperaturas amenas favoráveis à propagação de mosquitos.

Até o dia 5 de agosto, a Europa contabilizava 12 mortes



pelo vírus.

Na Holanda, que registrou sua primeira infecção desde 2020 por FNO na semana passada, autoridades reportaram mais uma morte nesta quarta-feira (26), a primeira no país.

Na Alemanha, o patógeno, que chegou à Europa por meio de aves migratórias vindas dos trópicos, foi identificado pela primeira vez em 2018 em aves e cavalos. Em 2024, já havia infectado animais isoladamente em quase todos os estados alemães.

Desde 2019, o vírus vem sendo detectado repetidamente em seres humanos, principalmente no leste da Alemanha.

O QUE É A FEBRE DO NILO OCIDENTAL?

Na maioria dos casos, as pessoas infectadas pelo vírus do Nilo Ocidental não percebem nada. Cerca de uma em cada cinco pessoas desenvolve, no máximo 14 dias após a infecção, sintomas semelhantes aos da gripe, com febre, calafrios, dor de cabeça e dores no corpo. Os sintomas geralmente desaparecem depois de três a seis dias.

Em um de cada cem casos, porém, o vírus ataca o sistema nervoso central –um desenvolvimento perigoso e que pode causar sequelas permanentes. Entre 5% e 10% desses chamados casos neuroinvasivos (entre 5 e

10 de cada mil infectados) terminam em morte.

COMO O VÍRUS É TRANSMITIDO?

O vírus da FNO é transmitido pela picada de mosquitos infectados, principalmente o pernilongo comum (*Culex pipiens*), nativo das regiões mais ao norte do planeta.

Apenas os mosquitos fêmeas picam. Elas precisam do sangue de suas vítimas para produzir ovos.

O vírus da FNO vai parar nos mosquitos geralmente depois de eles picarem algumas espécies de aves silvestres infectadas. É assim que a doença é transmitida de uma ave para a outra.

Enquanto algumas aves morrem em decorrência da infecção, outras carregam o vírus sem apresentar sintomas.

Os mosquitos também podem transmitir o vírus para mamíferos, sobretudo cavalos e seres humanos. Mas ele não consegue se multiplicar bem nesses dois hospedeiros. Por isso, ambos não servem como fonte do vírus para os mosquitos e não são contagiosos.

Os vírus também adoram temperaturas elevadas: "Em temperaturas mais altas, o vírus consegue se multiplicar melhor dentro do mosquito e chegar às

glândulas salivares", diz Junglen. A partir daí, basta uma picada para infectar o próximo hospedeiro.

Por causa do aquecimento global, a dengue, outra doença transmitida pela picada de mosquitos, já deixou de ser um problema só de países tropicais.

Em países como França, Espanha e Itália, a dengue passou a circular localmente graças ao mosquito-tigre asiático (*Aedes albopictus*), originário da região Ásia-Pacífico, que conseguiu se estabelecer com sucesso por ali e em outras 13 nações europeias.

Isso significa que a doença já não é mais introduzida apenas por viajantes infectados que voltam do exterior, mas já circula e é transmitida dentro do território europeu.

É apenas uma questão de tempo até que tenhamos essa situação também na Alemanha", alerta Junglen.

Doze anos atrás, segundo o ECDC, o *Aedes albopictus* –que também pode transmitir o vírus da chikungunya– estava presente em oito países europeus.

MAIS MOSQUITOS NEM SEMPRE SIGNIFICAM MAIS VÍRUS

Não são apenas as temperaturas crescentes no Hemi-

sfério Norte que favorecem os mosquitos, tanto as espécies nativas quanto as invasoras. A perda de biodiversidade, que em ecossistemas saudáveis garante estabilidade, também contribui para isso.

Junglen observa esse fenômeno em Berlim. A bióloga e sua equipe estudam a densidade de mosquitos e do vírus da FNO em diferentes áreas da cidade, desde regiões altamente urbanizadas até cemitérios e um parque natural.

A conclusão: os cemitérios concentram especialmente muitos mosquitos e vírus. Há vegetação, água e, por isso, também alguns animais que podem servir de hospedeiros para os mosquitos.

Segundo Junglen, a densidade de mosquitos é ainda maior no parque natural restaurado. No entanto, os pesquisadores quase não encontram o vírus do Nilo Ocidental ali. Isso tem a ver com a biodiversidade do local, explica ela.

"Uma biodiversidade elevada reduz a ocorrência de patógenos. Todo patógeno precisa de um hospedeiro, e quanto mais diversificado for um ecossistema, menor será a densidade de hospedeiros específicos e, conseqüentemente, a carga viral", pontua.

Ministério da Saúde reforça chamamento para vacina contra o sarampo

Diante da ocorrência de casos de sarampo em São Paulo ao longo dos últimos meses, o Ministério da Saúde reforçou o chamamento para que a população mantenha a caderneta de vacinação atualizada.

A Campanha Nacional de Multivacinação segue até a próxima terça-feira (10) e tem como objetivo verificar a situação vacinal de crianças e adolescentes menores de 15 anos e aplicar as doses necessárias, incluindo a tríplice viral, que protege contra o sarampo.

O Brasil confirmou 27 casos da doença ao longo de 2026. Desses, 24 estão relacionados a uma cadeia de transmissão ativa iniciada em junho no estado de São Paulo, sendo 21 casos na capital, dois em São Bernardo do Campo e um em Guarulhos.

Ainda de acordo com o

ministério, dos outros três casos, dois foram registrados em São Paulo e um no Rio de Janeiro, mas sem relação entre si, e já são considerados encerrados após 12 semanas sem novas ocorrências associadas.

Em 2025, foram confirmados 38 casos de sarampo importados ou relacionados à importação, todos, segundo a pasta, controlados por meio das ações de vigilância e vacinação.

“Com isso, o Brasil segue livre da circulação endêmica do sarampo, mesmo diante do aumento de casos registrado em outros países das Américas”, reforçou o ministério em comunicado.

Esquema vacinal

Altamente contagioso, o sarampo pode ser prevenido por meio da vacina tríplice viral, que também protege contra a caxum-

ba e a rubéola.

Para crianças, o esquema de rotina prevê duas doses: a primeira aos 12 meses e a segunda aos 15 meses.

Pessoas de até 29 anos de idade que não tenham sido vacinadas ou que não possuam comprovação devem receber duas doses, com intervalo mínimo de 30 dias entre elas.

Para adultos de 30 a 59 anos, é recomendada uma dose contra o sarampo.

Em situações onde há circulação do vírus, as estratégias de vacinação podem ser ampliadas de acordo com a avaliação epidemiológica.

Em São Paulo, por exemplo, diante da cadeia de transmissão identificada, o ministério recomendou ampliar a vacinação nos municípios de São Paulo, Gua-



arulhos e São Bernardo do Campo, e crianças de 6 a 11 meses devem receber com a chamada dose zero.

“A dose zero é uma estratégia adicional de proteção para

crianças menores de 1 ano em cenários de maior risco e não substitui as doses previstas no calendário de rotina aos 12 e 15 meses”, reforçou a pasta.

Jornalismo ou inquisição? A política no banco dos réus

VICENTE CRUZ

As entrevistas com candidatos à Presidência da República deveriam constituir um dos momentos mais nobres do processo democrático: a oportunidade de submeter aqueles que pretendem governar o país ao escrutínio público, confrontando biografias, decisões, contradições e, sobretudo, projetos para o futuro. O que se observa, entretanto, em determinados formatos televisivos, inclusive nas sabatinas da Rede Globo, é uma preocupante inclinação para transformar a necessária contundência jornalística numa espécie de interrogatório inquisitorial, em que o candidato parece ocupar previamente o banco dos réus. Questionar fatos controversos, denúncias, alianças e responsabilidades é dever da imprensa; outra coisa é organizar a entrevista sob a lógica permanente da suspeita, da interrupção e do constrangimento. Hannah Arendt compreendeu a política como o espaço da palavra e da ação entre diferentes; quando esse espaço deixa de produzir argumentos e passa a produzir apenas antagonistas, perde-se uma dimensão essencial da democracia.

O problema torna-se ainda mais grave porque a imprensa não é simples espectadora da arena pública: ela participa da construção daquilo que a sociedade considera relevante. A teoria do agenda-setting, desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw, demonstrou precisamente a extraordinária capacidade de meios de comunicação de influenciar a agenda sobre a qual o público pensa e debate. Se grande parte de uma entrevista presidencial é consumida pela exploração de episódios negativos, acusações pessoais e embates destinados a produzir frases de impacto, sobra pouco espaço para questões elementares: qual é a política econômica do candidato? Como pretende enfrentar desigualdade, violência, precariedade da saúde, deficiências educacionais, crise fiscal, mudanças climáticas e os desafios tecnológicos? Pierre Bourdieu, em sua crítica à televisão, advertiu para os efeitos da busca por audiência, velocidade e espetacularização sobre a qualidade do debate público. Quando a política é convertida em espetáculo de confronto, o cidadão pode até receber entretenimento, mas recebe menos informação substantiva para decidir seu voto.

Há, ademais, uma perigosa simbiose entre esse jornalismo de confronto e uma classe



política que há anos substitui programas por agressões. O candidato ataca o adversário; o adversário responde; as redes sociais amplificam; os programas repercutem; e a entrevista seguinte começa justamente pela controvérsia produzida no ciclo anterior. Forma-se uma indústria da indignação. Jürgen Habermas concebeu a esfera pública democrática como ambiente de formação racional da opinião, no qual argumentos possam ser confrontados publicamente. O jornalismo deveria contribuir para essa racionalidade crítica, não para sua decomposição. Isso não significa entrevistar candidatos

com luvas de seda nem abandonar perguntas incômodas. O jornalista norte-americano Walter Lippmann já alertava para a complexa relação entre opinião pública e representação da realidade. Justamente por deter enorme poder de mediação, a imprensa deve distinguir fiscalização de execração, contraditório de hostilidade e investigação de julgamento antecipado. Pergunta dura é jornalismo; humilhação não

é. Contraditar uma mentira é obrigação profissional; construir deliberadamente uma arena destinada a “moer” reputações é outra coisa.

O Brasil precisa romper esse círculo vicioso da política da dilaceração. Se reclamamos, corretamente, de candidatos que preferem destruir adversários a apresentar propostas, seria contraditório aceitar que os meios de comunicação reproduzissem exatamente a mesma lógica. Uma entrevista presidencial deveria permitir que o eleitor terminasse conhecendo melhor não apenas os defeitos e controvérsias do

entrevistado, mas aquilo que ele pretende fazer com o país. Que seja perguntado sobre denúncias, responsabilidades, incoerências e passado – sem indulgência. Mas que seja igualmente obrigado a explicar metas, prioridades, orçamento, governabilidade e soluções concretas. Karl Popper lembrava que a grande questão política não é descobrir governantes perfeitos, mas construir instituições capazes de controlar o poder e corrigir maus governos. O jornalismo é uma dessas instituições informais de controle. Sua grandeza, porém, está na independência e no rigor, não no espetáculo da destruição. Democracias amadurecem quando candidatos são submetidos ao contraditório, propostas são comparadas e cidadãos recebem informação suficiente para escolher. Quando a entrevista vira tribunal e a audiência substitui a razão pública, todos podem sair com suas reputações feridas – inclusive o próprio jornalismo.



VICENTE CRUZ
Presidente do Conselho de Administração, advogado sênior e estrategista Chefe do IDAM (Instituto de Direito e Advocacia da Amazônia)
vicentecruzadv@gmail.com

EUA - CAI ESTOQUE DE SUÍNOS

O último relatório do USDA sobre suínos, divulgado em 25 de junho, mostrou que o estoque nacional de suínos caiu para 73,66 milhões, ante 73,67 milhões no ano anterior. Esse número era de 73,94 milhões no primeiro trimestre deste ano. O estoque de suínos para abate em 1º de junho atingiu 67,78 milhões de cabeças, um aumento discreto em relação ao total de 67,75 milhões de cabeças do ano anterior. O número de cabeças no mercado foi inferior ao estoque do primeiro trimestre, que foi de 68,05 milhões. O plantel de matrizes, de 5,88 milhões de cabeças, apresentou queda em relação ao trimestre anterior, mas um leve aumento em comparação ao ano passado. Em contrapartida, os produtores e suas matrizes mantêm a trajetória de leitões salvos por ninhada, atingindo 11,87 no período de março a maio, contra 11,75 no mesmo período do ano anterior. Cada relatório trimestral do USDA sobre suínos, divulgado pelo Serviço Nacional de Estatísticas Agrícolas (NASS), analisa os números mais recentes e os compara com o trimestre anterior e com os últimos um ou dois anos. O relatório também apresenta uma perspectiva histórica, oferecendo uma tabela com os registros trimestrais nas categorias de todos os suínos, suínos para abate, produção de suínos e leitões por ninhada. Algumas estatísticas são acompanhadas há mais tempo do que outras. Por exemplo, todos os registros de suínos remontam a 1866. Em 1º de dezembro de 1943, os agricultores dos EUA tinham um estoque de 83,74 milhões de suínos, superando o segundo maior trimestre, com 78,96 milhões em 1º de setembro de 2019. É importante ressaltar que nem todas as estimativas trimestrais são compiladas há tanto tempo quanto o relatório de 1º de dezembro. Os registros de 1º de março, 1º de junho e 1º de setembro começaram em 1988, 1964 e 1988, respectivamente. O registro do número de leitões por ninhada começou em 1970, e os recordes para cada trimestre foram estabelecidos nos últimos dois anos. Na verdade, com exceção da anomalia de 1943 nos números totais de suínos e porcos em 1º de dezembro, todos os recordes trimestrais foram estabelecidos desde 2019.

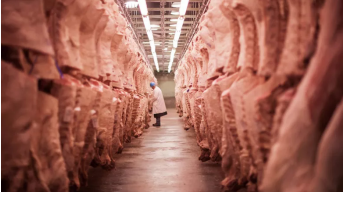


FOTO: FREEPIK

MUNDO AGRO

GIL REIS CONSULTOR EM AGRONEGÓCIO

produtivos, resilientes e comercialmente viáveis na Inglaterra e no País de Gales. O Roteiro Ambiental do Setor de Carne Bovina e Ovina visa fornecer aos agricultores, consultores, processadores, varejistas, formuladores de políticas e demais parceiros do setor uma base de evidências compartilhada para ação. O roteiro se concentrará inicialmente em medidas práticas que garantam "sem arrependimentos", sejam tecnicamente robustas, economicamente viáveis e adequadas para uma ampla gama de sistemas de criação de bovinos e ovinos. Essas medidas incluem a melhoria da saúde e produtividade animal, a otimização do crescimento ao longo da vida, o fortalecimento da genética e do melhoramento genético, a melhoria da qualidade e nutrição da forragem, a construção da saúde do solo, a expansão de pastagens de gramíneas e leguminosas e de múltiplas espécies, e a melhoria da eficiência do uso de nitrogênio. A análise separa a produção de carne bovina em sistemas de produção de carne bovina leiteira, juntamente com a produção de ovinos, buscando criar três caminhos mais claros para ação. Com a adoção realista das medidas modeladas de redução ou neutralidade de custos, as emissões anuais de gases de efeito estufa poderiam ser reduzidas em 1,9 Mt CO2e até 2050, segundo a AHDB, o que equivale a 7,9% nos três setores combinados até 2050. Esta é a primeira fase de implementação do roteiro, e não o potencial total de mitigação do setor. A modelagem concentra-se em um conjunto definido de medidas práticas e exclui tecnologias de custo adicional, oportunidades de remoção de carbono e muitas tecnologias emergentes. Também utiliza premissas de produção amplamente estáveis para permitir a comparação consistente do impacto relativo de diferentes medidas de mitigação. A AHDB afirmou que o progresso futuro dependerá de uma adoção mais ampla das medidas existentes, da inovação contínua, da descarbonização da cadeia de suprimentos, de melhores evidências sobre o sequestro de carbono e do investimento contínuo em todo o setor. A AHDB relatou a necessidade de melhores dados ao nível da exploração agrícola, relatórios transparentes e maior alinhamento entre os programas de incentivos, as recomendações e os requisitos da cadeia de abastecimento. O progresso dependerá da colaboração entre produtores, processadores, entidades arrecadadoras de taxas, consultores, investigadores, o Governo e os parceiros da cadeia de abastecimento em geral.

BRASIL - ABRAFRIGO RECEBE COM SATISFAÇÃO AMPLIAÇÃO TEMPORÁRIA DA COTA DE CARNE BOVINA NOS EUA.

A Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) recebe com satisfação a decisão do governo do presidente Donald Trump de ampliar temporariamente em 300 mil toneladas a cota para importação de carne bovina magra, incluindo aparas (trimmings) destinadas principalmente à produção de carne moída, pelos Estados Unidos, com tarifa reduzida, durante os próximos 90 dias. A medida, que começa a vigorar em 1º de setembro e será distribuída em três parcelas mensais de 100 mil toneladas, chega em um momento especialmente importante para o setor brasileiro. Ela poderá contribuir para mitigar os efeitos do esgotamento da cota de exportação para a China, abrindo uma alternativa adicional para a carne bovina brasileira no mercado norte-americano justamente em um período de maior pressão sobre o comércio internacional. Para o Presidente da Abrafrigo, Paulo Mustefaga, trata-se de



uma grande notícia, aguardada pelo setor, que poderá melhorar as condições de competitividade da carne brasileira nos Estados Unidos. A entidade, entretanto, lamenta que os benefícios dessa oportunidade não possam ser distribuídos de maneira uniforme entre os estados produtores. Pará, que possui o 2º maior rebanho de gado bovino do Brasil, Acre e Maranhão, importantes regiões produtoras, ainda não estão habilitados a exportar carne bovina para os Estados Unidos e, portanto, não poderão se beneficiar diretamente dessa medida. A Abrafrigo considera fundamental que o Brasil continue avançando na habilitação de novos estados e plantas exportadoras, ampliando o acesso aos mercados internacionais e garantindo que as oportunidades geradas pelo comércio exterior possam alcançar o maior número possível de produtores e empresas brasileiras.

BRASIL - SÓ BRASIL E PARAGUAI SERÃO BENEFICIADOS POR REDUÇÃO DE TARIFAS DOS EUA PARA CARNE, DIZ CEO DA MINERVA.

O CEO da Minerva, Fernando Galletti de Queiroz, disse na quinta-feira (27/8) em evento em Barretos (SP) que "exclusivamente" Brasil e Paraguai serão os países beneficiados pela suspensão temporária de tarifas extracota dos Estados Unidos para carne bovina importada voltada à produção de carne moída. "Há dois dias, achávamos que [a medida] seria para todos os países que exportam para os Estados Unidos. Ontem à noite, descobrimos que os países beneficiados serão exclusivamente Brasil e Paraguai. Outros exportadores, como Austrália e Argentina, não têm acesso mais", afirmou Queiroz a analistas e jornalistas. Nesta semana, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, postou em uma rede social que suspenderá por 90 dias a aplicação de tarifas extracota para importações de carne bovina destinada à produção de carne moída. A medida deve abranger até 300 mil toneladas.



BRASIL - O PRESIDENTE DA CNA, JOÃO MARTINS, FEZ CRÍTICAS AO DESCONTROLE DOS GASTOS PÚBLICOS

Ao discursar na abertura do evento "Agenda Brasil - Crescimento, Emprego e Competitividade", na terça (25), o presidente da CNA, João Martins, fez críticas ao descontrole dos gastos públicos e afirmou que o ajuste das contas do governo não é mais uma escolha, mas "uma necessidade imperativa". O evento reuniu centenas de participantes em São Paulo para debater temas que são centrais para o desenvolvimento do Brasil e para o setor agropecuário como a sustentabilidade das contas públicas e os desafios do mercado de trabalho. Promovido em parceria com o Estadão, o encontro contou com a participação de 500 convidados, entre pesquisadores, economistas, autoridades, parlamentares, empresários, representantes de entidades, lideranças do setor produtivo, vice-presidentes da CNA, presidentes de Federações estaduais de agricultura e pecuária, superintendentes do Senar e diretores do Sistema CNA/Senar. Além da abertura, foram dois painéis de debates. O primeiro tratou de "Responsabilidade Fiscal como Vetor da Competitividade Nacional" e o segundo trouxe o tema "Produtividade e Empre-



go: Novas Diretrizes para as Políticas Públicas". Dois estudos inéditos encomendados pelo Sistema CNA/Senar foram divulgados durante o evento e serviram de base para as discussões. Ao iniciar seu discurso, o presidente da CNA traçou um panorama da situação do país nos 26 anos do "novo século 21", "marcados por sucessivas crises econômicas e políticas que, além de impedir o crescimento mais elevado da economia, tem dividido a sociedade". E que, apesar de ser um país "rico de toda sorte de recursos", muitos deles estratégicos para o desenvolvimento mundial, o país se encontra em um momento particularmente crítico da sua história. "Continuamos um país em que a maioria da população ainda luta por sua mera sobrevivência". João Martins trouxe dados econômicos no discurso. Falou dos estudos que mostram que 70% da população empregada ganha até dois salários-mínimos e cerca de 30 milhões de famílias dependem de transferências de renda do Estado para a subsistência. "Vivemos entre a abundância potencial e a privação efetiva". O presidente da CNA falou que as eleições seriam uma oportunidade perfeita para um debate aberto e franco sobre os problemas e os desafios para o país, mas "para nossa desventura, estamos longe disso" porque o debate eleitoral carece de propostas realistas. O Brasil já teve um "futuro", deu saltos extraordinários em um "passado não tão distantes" e foi capaz de grandes soluções para os problemas que surgiam. "Criamos uma agricultura e uma pecuária de padrão universal. Diante da crise de energia, criamos o pro - álcool e descobrimos o pré-sal, com tecnologia própria. Diante da inflação, criamos o Plano Real". De repente, "parece que nos tornamos menores do que os nossos problemas". Mas, diz Martins, temos todos os meios para reagir. "O que é preciso é que os setores responsáveis da nação se disponham a elevar a sua voz. Não vamos assistir passivamente à destruição de nossas riquezas, de nossas empresas, de nossos empregos". Segundo ele, o descontrole dos gastos públicos tornou a economia brasileira um ambiente inóspito e hostil. A dívida pública não para de crescer, ocupando o espaço do mercado financeiro com os títulos do tesouro e empurrando os juros para alturas incompatíveis com o investimento e o funcionamento da economia privada. "Empresas estão se desestruturando, famílias estão fortemente endividadas. O próprio agro, que foi durante um tempo uma ilha de prosperidade, está a braços com uma crise de endividamento. Precisamos eleger governos responsáveis e comprometidos com o futuro", disse. O ajuste das contas do governo, disse o presidente da CNA, não é mais uma escolha, "é uma necessidade imperativa" já que estruturas produtivas, construídas ao longo de décadas, estão na iminência de desaparecer. "Empresas quando morrem, morrem para sempre. Famílias endividadas se desconstroem. A ação e omissão do governo estão envenenando o país com os maiores juros reais de todo o mundo". Por esse motivo, "junto com o jornal 'O Estado de São Paulo' estamos promovendo esse evento. 'Reunimos especialistas imparciais e altamente preparados para fazer o debate que a política não quer fazer'. E, ao fazer isso, estamos convocando a sociedade brasileira para, mais uma vez em sua história, erguer sua voz e 'provar que ainda temos reservas de cidadania e que vamos empregá-las'. Também ao discursar na abertura do evento, o presidente do Sistema Faesp/Senar, Tirso Meirelles, falou da importância econômica e social do agro brasileiro. O setor, afirmou, alimenta hoje mais de 1 bilhão de pessoas no mundo, além de responder por cerca de um quarto do Produto Interno Bruto e dos empregos e também por metade das exportações. No entanto, Meirelles ressaltou que o endividamento do setor por conta de juros altos e da inflação impede o crescimento do setor. O presidente do Sistema Faesp/Senar defendeu ainda um amplo debate de um projeto para o Brasil e destacou o trabalho do Sistema CNA/Senar, das Federações estaduais de Agricultura e Pecuária e da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) para o país voltar a crescer. Também ao discursar na abertura do evento, a senadora Tereza Cristina, vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), cobrou maior responsabilidade na condução das contas públicas e alertou para os reflexos dos juros elevados sobre o setor produtivo, especialmente no acesso dos produtores ao financiamento. A senadora reafirmou a importância do setor para a economia nacional, o que reforça a importância da discussão sobre temas macroeconômicos que também interessam ao setor, como a responsabilidade fiscal, utilizando as receitas públicas de forma responsável para que os gastos não superem a arrecadação e possa se investir na melhoria dos serviços para a população. "Hoje temos um país que arrecada muito, mas também gasta muito e mal", afirmou a senadora. A parlamentar também criticou as atuais taxas de juros no país, que na sua avaliação, "não descem a patamares decentes" e impedem o país de se desenvolver. Tereza Cristina falou sobre a urgência de garantir previsibilidade de recursos e ampliar o alcance do seguro rural para proteger a renda do produtor e evitar que perdas provocadas por secas, enchentes e outros eventos adversos resultem em novos ciclos de renegociação de dívidas.

IRLANDA - PREÇO DA CARNE BOVINA VOLTA A SUBIR.

Os preços oferecidos aos frigoríficos esta semana voltaram a subir, mas fontes do setor alertaram para possíveis "baixas" na forma de fechamentos de unidades de processamento menores, em meio à atual escassez de gado. Essas preocupações também foram sentidas no setor de mercados de gado, com alguns estabelecimentos menores temendo por sua viabilidade futura em meio à redução do número de cabeças de gado bovino. Um funcionário do setor de compras de uma fábrica disse ao Agriland na segunda-feira, 13 de julho que o comércio "está incerto". Ele afirmou que os baixos números semanais de abate atuais são insustentáveis e que "haverá baixas" na forma de fechamento de pequenos centros de processamento se os baixos números de abate continuarem. A previsão é de que o fornecimento de gado para abate industrial volte a aumentar no segundo semestre deste ano, mas não retornará aos níveis de 2024. m alguns casos, os agricultores com lotes selecionados de gado de primeira qualidade conseguiram reservar animais para a semana a preços acima dessas ofertas, e acordos de preço fixo, bem como muitas outras ferramentas de negociação favoráveis aos agricultores, estão sendo utilizadas para garantir a compra de gado. Os bônus para a raça Angus geralmente variam de 15 a 20 centavos por quilo de gado elegível, enquanto os bônus para a raça Hereford geralmente variam de 5 a 10 centavos por quilo de gado elegível. Estão sendo apresentadas ofertas de preço fixo para lotes de gado, incluindo animais Angus e Hereford dentro das especificações.



REINO UNIDO - CRIA ROTEIRO AMBIENTAL

O Conselho de Desenvolvimento da Agricultura e Horticultura (AHDB, na sigla em inglês) e um grupo de direção liderado pela indústria desenvolveram um plano para melhorar a sustentabilidade ambiental, mantendo ao mesmo tempo negócios



Vira-lata caramelo vai estampar selos dos Correios e aguarda um novo lar

Mixirica, um cão de 2 anos, vai estampar os selos dos Correios e representar o famoso vira-lata caramelo, figura muito importante para a cultura brasileira. O lançamento vai acontecer nesta sexta-feira (28/8), enquanto o animal aguarda em um abrigo por uma nova família.

Mixirica vivia nas ruas, até ser resgatado pelo Instituto Caramelo, localizado em Ribeirão Pires, região metropolitana de São Paulo, em março de 2025. Com características físicas peculiares, como lábio leporino e focinho bipartido, o cão sofria rejeição nas ruas – algumas pessoas evitavam contato com ele por acreditarem que suas características pudessem estar ligadas a alguma doença.

Mesmo passando por dificuldades, Mixirica continua brincalhão e dócil, sendo escolhido pelos Correios durante uma seleção entre vários ani-

mais para escolher quem iria representar a figura do vira-lata caramelo.

Mixirica não enxerga de um dos olhos e, quando foi acolhido, estava com doença do carrapato. Na ONG, ele passou pelo tratamento necessário e se recuperou. Hoje, já está disponível para a adoção.

“É muito simbólico que o Mixirica tenha sido escolhido. Essa homenagem também ajuda a transmitir uma mensagem importante sobre adoção responsável. Os abrigos estão cheios de animais com histórias, idades, tamanhos e características diferentes, e todos merecem a oportunidade de encontrar uma família. Esperamos que as pessoas vejam o Mixirica no selo, conheçam sua história e percebam quantos outros ‘Mixiricas’ ainda estão esperando por um lar”, afirmou Yohanna Perlman, diretora executiva do Instituto Caramelo.



Brasil tem população de 214,2 milhões de habitantes em 2026, segundo o IBGE

O Brasil tem uma população estimada em 214.211.951 habitantes, conforme levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgado no Diário Oficial da União (DOU) desta sexta-feira (28/8).

Os dados, referentes a 1º de julho de 2026, consideram o total de pessoas nas unidades federativas. Em 2025, a população estimada era de 213.421.037 habitantes.

As estimativas populacionais são calculadas a partir de diferentes dados demográficos e completam as informações do Censo. Os números são utilizados como referência para elaboração de indicadores e para o planejamento de políticas públicas.

A POPULAÇÃO BRASILEIRA EM NÚMEROS

Na data de referência, no dia 1º de julho de 2026, a população estimada era de 214,2 milhões de pessoas.

Quinze municípios concentram um quinto (20%) dos habitantes do país.

As 27 capitais estaduais concentram 49,4 milhões de habitantes, o equivalente a quase um quarto (23,1%) da população total.

Os municípios com até 10 mil habitantes são 44,3% do total de municípios (2.467) e somam 6% da população (12,8 milhões).

Regionalmente, 41,6% da população brasileira está no Sudeste, 26,8% no Nordeste, 14,7% no Sul, 8,8% no Norte e 8,1% no Centro-Oeste.

Os estados de Roraima, Santa Catarina e Mato Grosso apresentaram as maiores taxas de crescimento populacional, 3%; 1,5% e 1,5%, respectivamente.

Boa Vista (RR) é a capital com maior taxa de crescimento geométrico no período 2025-2026, com aumento de 3,2%.

As capitais que apresentam

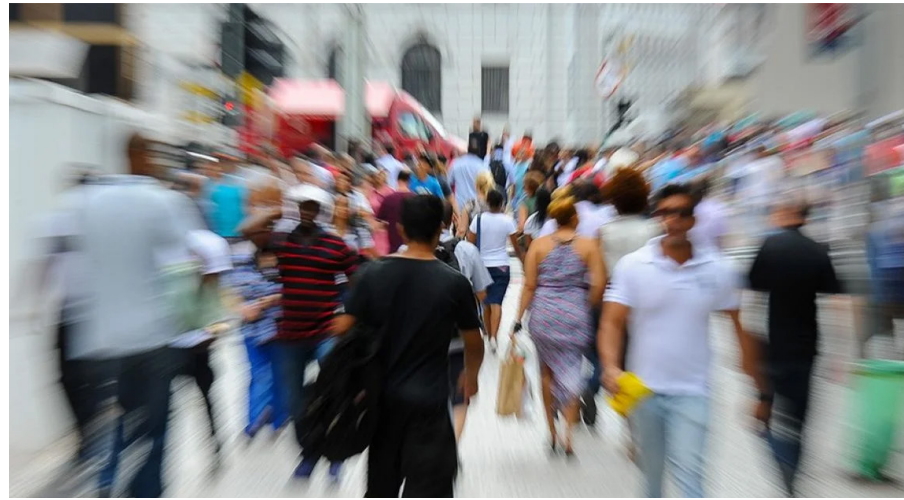
redução populacional em comparação às estimativas de 2025 foram Salvador (-0,17%), Natal (-0,13%), Belém (-0,08%) e Belo Horizonte (-0,02%).

O crescimento populacional do país foi de 0,37%, exprimindo queda do crescimento quando comparado ao período 2024-2025.

CRESCIMENTO DESACELERA

Segundo o estudo, a população do país cresce em um ritmo cada vez menor, com um aumento populacional de 0,37%, exprimindo queda do crescimento quando comparado ao período 2024-2025, de 0,39%.

“Os estados do Rio de Janeiro, Alagoas e Rio Grande do Sul possuem as menores taxas de crescimento. Já os estados de Roraima, Santa Catarina e Mato Grosso apresentaram as maiores taxas de crescimento, sendo os únicos a apresentarem valores maiores que 1%”, mostram os números.



A capital com maior taxa de crescimento geométrico no período 2025-2026 é Boa Vista, com 3,2%. E, refletindo a tendência observada no Censo 2022, algumas capitais apresentaram redução populacional em relação a 2025: Salvador (-0,17%), Natal (-0,13%), Belém (-0,08%) e Belo Horizonte (-0,02%).

“O grupo de municípios com até 20 mil habitantes é aquele que, proporcionalmente, apre-

sentou maior número de municípios com decréscimo populacional (40,2% do total). Por outro lado, os municípios com população entre 100 mil e 500 mil habitantes são os que mais apresentaram crescimento acima de 1%. Entre os municípios com mais de 1 milhão de habitantes, o único a crescer mais de 1% em relação a 2025 foi Manaus (AM)”, finaliza o levantamento.

A ENERGIA MAIS BARATA É AQUELA QUE VOCÊ NÃO DESPERDIÇA – PARTE 2

JOÃO DE DEUS LOBATO

NO COMÉRCIO E NAS EMPRESAS, A ECONOMIA TAMBÉM PODE ESTAR NO CONTRATO

Na primeira parte desta série, mostrei como aparelhos, hábitos e instalações elétricas podem aumentar a conta de uma residência. Nas empresas, o desperdício pode estar também na forma como a energia é contratada e no horário em que é utilizada.

Uma loja pode estar numa tarifa inadequada. Um condomínio pode contratar mais demanda do que precisa. Uma indústria pode ultrapassar repetidamente a potência contratada. Um supermercado pode concentrar suas cargas justamente no horário em que a energia custa mais.

Por isso, não basta saber quantos kWh a empresa consumiu. É preciso observar quando consome, qual demanda exige da rede, qual modalidade tarifária utiliza e se existem cobranças que poderiam ser evitadas.

TARIFA BRANCA: O HORÁRIO PODE FAZER DIFERENÇA

Pequenos estabelecimentos atendidos em baixa tensão, como escritórios, lojas e clínicas, podem avaliar a Tarifa Branca.

Na tarifa convencional, o preço da energia é o mesmo durante todo o dia. Na Tarifa Branca, o valor muda conforme o horário.

Período	Horário
Fora de ponta	Das 23h às 18h
Intermediário	Das 18h às 19h e das 22h às 23h
Ponta	Das 19h às 22h

Nos fins de semana e feriados nacionais, todas as horas são consideradas fora de ponta.

Para a classe comercial, antes dos impostos e da bandeira tarifária:

Tarifa comercial	R\$/kWh*
Convencional	0,82515
Branca – fora de ponta	0,65288
Branca – intermediário	1,31777
Branca – ponta	2,17268

*Valores publicados pela CEA Equatorial, vigentes entre 13 de abril e 12 de dezembro de 2026.

Um escritório que funciona das 8h às 17h e praticamente não consome energia à noite pode ter perfil favorável.

Imagine um estabelecimento com consumo de 2.000 kWh por mês praticamente todo fora de ponta:

Tarifa convencional:
 $2.000 \times R\$ 0,82515 = R\$ 1.650,30$
Tarifa Branca fora de ponta:
 $2.000 \times R\$ 0,65288 = R\$ 1.305,76$

A diferença seria de aproximadamente **R\$ 344,54 por mês**, antes dos impostos e da bandeira.

Já restaurantes, academias, farmácias e outros estabelecimentos com consumo elevado entre 18h e 23h precisam ter cuidado: a Tarifa Branca pode aumentar a conta.

E PARA QUEM ESTÁ NA BAIXA TENSÃO?

Além da Tarifa Branca, existem outras possibilidades. Em várias regiões do país funciona a chamada energia por assinatura, associada à geração compartilhada. O consumidor recebe créditos de uma usina sem precisar instalar painéis no próprio imóvel.

Esse modelo, entretanto, depende da existência de geração apta a atender consumidores dentro da área da distribuidora. Em Macapá, entretanto, ainda não identificamos oferta disponível desse modelo para o consumidor local.

Outra possibilidade é instalar energia solar no próprio estabelecimento. Uma loja, clínica, oficina, supermercado ou pequena indústria com área disponível e consumo significativo durante o dia pode produzir parte da energia que utiliza.

A decisão precisa considerar consumo, área disponível, condições do telhado, sombreamento, investimento e prazo de retorno.

Na Parte 3 desta série, voltarei ao tema com maior profundidade.

NA MÉDIA E ALTA TENSÃO ENTRA A DEMANDA

Nos consumidores do Grupo A, além da energia consumida em kWh, existe a demanda, medida em kW.

De forma simples, o kWh mostra quanto de energia foi consumido ao longo do tempo. A demanda mostra quanta potência a empresa exigiu da rede em determinado momento.

Existe ainda a demanda contratada com a distribuidora.

Se estiver muito acima da necessidade, a empresa paga por uma capacidade que pouco utiliza.

Para um consumidor A4 na modalidade Verde, cuja tarifa de demanda é de R\$ 48,73/kW, 50 kW contratados além da necessidade representam:

$50 \text{ kW} \times R\$ 48,73 = R\$ 2.436,50$ por mês
São mais de R\$ 29 mil por ano, antes dos impostos.
Mas reduzir demais também pode sair caro. Quando a demanda registrada ultrapassa os limites do contrato, surgem cobranças adicionais.
Já acompanhei um condomínio cuja demanda contratada estava abaixo da necessidade. Após adequarmos o valor ao perfil real da instalação, as ultrapassagens foram eliminadas e a fatura caiu aproximadamente 45%.
A regra é simples: não contratar o menor valor possível, mas o valor correto.

DAS 19H ÀS 22H, ATENÇÃO REDOBRADA

No Grupo A, existem dois postos tarifários: ponta e fora de ponta. No Amapá, o horário de ponta ocorre das 19h às 22h nos dias úteis. Na modalidade A4 Verde:

- ponta: R\$ 3,26293/kWh;
- fora de ponta: R\$ 0,34309/kWh.

Ou seja, nessa componente tarifária, o kWh na ponta custa quase dez vezes o valor fora de ponta.

Se uma empresa conseguir transferir 1.000 kWh mensais da ponta para fora de ponta:

$1.000 \times (R\$ 3,26293 - R\$ 0,34309) = R\$ 2.919,84$ por mês
Não significa simplesmente desligar a empresa às 19h. É preciso identificar quais cargas podem ser antecipadas, adiadas ou reprogramadas: bombas, compressores, refrigeração, fornos, carregadores e outros equipamentos.

VERDE OU AZUL: QUAL ESCOLHER?

Para os consumidores do Grupo A existem as modalidades tarifárias Horária Verde e Horária Azul.

Na Verde, há uma única demanda contratada e duas tarifas de energia: ponta e fora de ponta.

Na Azul, existem duas demandas contratadas – ponta e fora de ponta – e também duas tarifas de energia.

Modalidade	Demanda ponta	Demanda fora ponta	Energia ponta	Energia fora ponta
A4				
Verde	Única: R\$ 48,73/kW	Única: R\$ 48,73/kW	R\$ 3,26293/kWh	R\$ 0,34309/kWh
Azul	R\$ 112,79/kW	R\$ 48,73/kW	R\$ 0,53311/kWh	R\$ 0,34309/kWh

A Verde tende a ser mais interessante quando a empresa encerra ou reduz fortemente sua operação antes das 19h ou consegue retirar cargas importantes da ponta.

A Azul deve ser analisada quando a operação entre 19h e 22h é necessária e relevante. Nela, a demanda na ponta é mais cara, mas a tarifa de energia nesse horário é muito menor que na Verde.

Perfil da empresa	Modalidade a avaliar
Fecha antes das 19h	Verde
Pouco consumo entre 19h e 22h	Verde
Consegue retirar grandes cargas da ponta	Verde
Operação intensa entre 19h e 22h	Azul
Hospital, hotel, supermercado ou indústria com operação contínua	Simular Azul e Verde

Não existe uma modalidade melhor para todos. A escolha deve ser feita com simulação, utilizando preferencialmente a memória de massa, que mostra o comportamento da demanda e do consumo ao longo dos dias.

FATOR DE POTÊNCIA: CUSTO QUE PODE PASSAR DESPERCEBIDO

Motores, transformadores, bombas e outros equipamentos utilizam energia reativa para funcionar. Quando isso ocorre em excesso, podem aparecer cobranças adicionais.

Em uma indústria que acompanhei em Belém, o fator de potência estava em apenas 0,35, muito abaixo do valor de referência de 0,92. A empresa pagava por energia reativa excedente sem compreender a razão.

Após a instalação adequada de um banco de capacitores, o fator de potência foi corrigido, a cobrança desapareceu e a redução da fatura chegou a 43%.

O banco de capacitores também precisa ser acompanhado. Fusíveis queimados, estágios inoperantes ou regulagens inadequadas podem fazer o problema retornar.

MERCADO LIVRE: NÃO OLHE APENAS O PREÇO

Desde janeiro de 2024, consumidores do Grupo A podem optar pelo Mercado Livre de Energia, escolhendo de quem compram a energia e negociando condições contratuais.

Mas migrar não significa automaticamente economizar.

É preciso avaliar preço, prazo, volume contratado, flexibilidade, garantias, multas e condições de saída.

E há outro ponto fundamental: a idoneidade e a saúde econômico-financeira da comercializadora.

Um contrato pode durar vários anos. Por isso, uma pequena diferença de preço não deve ser o único critério.

É recomendável avaliar experiência, grupo econômico, demonstrações financeiras, patrimônio, histórico de atuação, referências de clientes e garantias.

A CCEE mantém a relação dos comercializadores varejistas habilitados. A habilitação é importante, mas não substitui uma análise cuidadosa da empresa e do contrato.

COMECE PELA PRÓXIMA CONTA

Se sua empresa é atendida em baixa tensão, observe em quais horários ocorre o consumo e avalie Tarifa Branca e geração solar própria.

Se é atendida em média ou alta tensão, confira:

- demanda contratada e registrada;
- possíveis ultrapassagens;
- consumo na ponta e fora de ponta;
- modalidade Verde ou Azul;
- energia reativa e fator de potência;
- forma atual de compra da energia.

A conta de uma empresa não deve ser apenas um boleto a pagar. Ela contém informações sobre o comportamento da instalação, o contrato e oportunidades de economia.

Em muitos casos, economizar não significa produzir menos. Significa contratar melhor, utilizar a energia no horário adequado e compreender exatamente pelo que se está pagando.

Na próxima parte desta série, abordarei eficiência operacional, energia solar, zero grid, baterias BESS, automação e gestão contínua do consumo.



JOÃO DE DEUS LOBATO

Engenheiro eletricista, ex-executivo da distribuidora de energia do Pará, articulista semanal do Diário do Pará e do portal DOL, consultor em energia e apresentador do podcast É Livre com João Lobato.
WhatsApp: (91) 98618-4506
E-mail: elivresolucoes@gmail.com

O gigante e as formigas

IVONETE TEIXEIRA

Há uma antiga tendência humana de acreditar que somos o centro de tudo.

Construímos cidades, atravessamos oceanos, dominamos tecnologias, deciframos códigos da natureza, enviamos máquinas ao espaço e chegamos a imaginar que o conhecimento acumulado nos tornou senhores do planeta.

Mas basta olhar para o céu por alguns minutos para perceber o tamanho da nossa ilusão.

A Terra é o gigante.

E nós somos as formigas.

Esse pequeno planeta azul que habitamos viaja pelo espaço em torno de uma estrela que chamamos de Sol. O Sol, por sua vez, é apenas uma entre centenas de bilhões de estrelas da Via Láctea. E a própria Via Láctea não é o suprasumo da eternidade: é apenas uma galáxia entre incontáveis outras.

Diante dessa imensidão, talvez seja hora de revermos nossa arrogância.

Somos habitantes da Terra.

Não somos a Terra.

E, muito menos, somos o universo.

Somos apenas uma das inúmeras formas de vida que encontraram neste planeta as condições necessárias para existir.

Antes de nós, a Terra já estava aqui.

As águas já percorriam seus caminhos. As florestas já respiravam. Os oceanos já abrigavam formas extraordinárias de vida. Microrganismos invisíveis aos nossos olhos já realizavam seus trabalhos silenciosos. Anímais percorriam continentes e mares. A vida se organizava em uma complexa teia da qual somos apenas uma parte.

E, quando desaparecemos – porque nenhuma espécie tem contrato de eternidade – a Terra continuará sua viagem pelo cosmos.

Talvez seja essa a primeira grande lição que precisamos reaprender: não somos proprietários do planeta; somos hóspedes de uma casa muito maior do que nós.

O problema é que as formigas parecem ter esquecido disso.

A humanidade cresceu, multiplicou-se, construiu impérios, desenvolveu tecnologias e passou a interferir profundamente nos ciclos naturais. Transformamos rios, derrubamos florestas, ocupamos territórios, modificamos paisagens, extraímos recursos e lançamos no



ambiente uma quantidade gigantesca de resíduos.

Conquistamos a natureza sem perceber que, ao feri-la, ferimos também a nós mesmos.

Porque a Terra não precisa de nós para continuar sendo Terra.

Nós é que precisamos dela para continuar sendo humanos.

O gigante, entretanto, dá sinais.

Os desequilíbrios ambientais, as alterações climáticas, a perda de biodiversidade, a degradação dos ecossistemas e tantos outros fenômenos deveriam ser compreendidos não apenas como problemas científicos ou políticos, mas como sinais de que nossa relação com a casa que habitamos precisa mudar.

E há algo ainda mais profundo.

O desequilíbrio do planeta também parece acompanhar um desequilíbrio dentro de nós.

Nunca tivemos tantos meios de comunicação e, ao mesmo tempo, tanta dificuldade de diálogo. Nunca produzimos tanta informação e, ainda assim, vemos crescer a desinformação. Nunca fomos tão capazes de criar tecnologias extraordinárias e, paradoxalmente, continuamos recorrendo à violência, à intolerância, à guerra e ao ódio.

Criamos inteligência artificial, mas ainda precisamos aprender a desenvolver inteligência emocional, ética e espiritual.

Talvez o verdadeiro salto evolutivo da humanidade não seja tecnológico.

Talvez seja moral.

Precisamos evoluir como espécie.

Evoluir não significa apenas viver mais, produzir mais ou possuir mais.

Significa ser mais consciente.

Mais responsável.

Mais solidário.

Mais capaz de compreender que nossas escolhas individuais repercutem sobre o coletivo.

Cada ser humano é uma pequena formiga movimentando-se sobre o gigante.

E uma formiga pode parecer insignificante.

Mas bilhões delas, juntas, são capazes de transformar pro-



fundamente o ambiente em que vivem.

Por isso, é chegada a hora de descer do muro.

O muro da indiferença.

O muro da arrogância.

O muro que separa o "meu" do "nosso".

O muro que nos faz acreditar que somente a humanidade importa.

Não somos a única vida.

Um oceano não é apenas água esperando nossa exploração. Uma floresta não é apenas madeira. Um animal não é simplesmente matéria-prima. Um microrganismo não é insignificante porque nossos olhos não conseguem enxergá-lo.

A vida possui inúmeras expressões.

E talvez a grandeza do planeta esteja justamente nessa diversidade.

Somos uma espécie entre muitas.

Temos consciência, linguagem, capacidade de reflexão e extraordinário poder de transformação. Mas esse poder deveria nos tornar mais responsáveis, não mais arrogantes.

Quanto maior o poder, maior deveria ser a responsabilidade.

O gigante é paciente, mas não é invulnerável.

E nós, as formigas, precisamos compreender que a casa que destruímos não será substituída por outra tão facilmente.

Não existe um segundo planeta disponível no quintal do universo.

A Terra é nosso endereço.

É onde nascemos, respiramos, amamos, construímos nossas histórias e enterramos nossos mortos.

É onde uma criança olha para uma árvore e encontra sombra.

É onde um pássaro encontra abrigo.

É onde uma baleia atravessa oceanos que desconhecemos.

É onde milhões de seres microscópicos trabalham silenciosamente para manter ciclos que sequer compreendemos completamente.

Tudo está conectado.

Talvez essa seja a palavra que a humanidade precisa recuperar: interdependência.

Não existimos sozinhos.

O ser humano depende da água, do ar, do solo, das plantas, dos animais, dos oceanos e de uma infinidade de organismos que nem sequer consegue perceber.

A formiga depende do gigante.

E o gigante não depende da formiga da mesma maneira.

Essa constatação deveria produzir humildade.

A Terra existia antes de nós e, muito provavelmente, continuará existindo depois de nós.

A pergunta é outra: continuaremos existindo nela?

Essa é uma questão que não pode mais ser empurrada para o futuro.

Porque talvez a grande ameaça à humanidade não esteja apenas nos cataclismos naturais, mas na incapacidade de uma espécie inteligente compreender os limites do próprio poder.

O gigante está acordado.

E seus movimentos podem ser percebidos.

Não precisamos interpretar isso como castigo, nem transformar fenômenos naturais em ameaças sobrenaturais. Precisamos, antes de tudo, assumir responsabilidade.

O planeta não precisa que o salvemos como se fosse um objeto indefeso.

Precisamos salvar a nossa relação com ele.

Precisamos salvar nossa capacidade de respeitar a vida.

Precisamos salvar aquilo que ainda existe de humano em nós.

O bem é maior.

O bem é mais.

Está na pessoa que preserva uma nascente, na criança que aprende a cuidar de um animal, na comunidade que protege sua floresta, no agricultor que respeita a terra, no cientista que pesquisa para preservar a vida, no professor que ensina consciência, no cidadão que compreende que seu lixo, seu consumo e suas escolhas também fazem parte da história do planeta.

O bem não precisa gritar.

Ele trabalha silenciosamente, como trabalham as raízes, os microrganismos, as sementes e as águas subterrâneas.

Talvez precisemos aprender com eles.

Porque o futuro da humanidade não será decidido apenas pelas grandes potências, pelas tecnologias ou pelas riquezas acumuladas.

Será decidido pela nossa capacidade de evoluir como espécie.

Evoluir da dominação para a convivência.

Da arrogância para a humildade.

Do consumo inconsciente para a responsabilidade.

Da intolerância para o respeito.

Da competição permanente para a cooperação.

Do ego para a consciência de pertencimento.

O gigante é a Terra.

Nós somos apenas as formigas.

E existem muitas outras formas de vida caminhando, nadando, voando, crescendo e respirando sobre esse mesmo gigante.

Talvez esteja na hora de entendermos que não fomos colocados aqui para sermos deuses.

Fomos colocados aqui para aprender a viver.

E se não aprendermos, o gigante continuará sua viagem.

Com ou sem nós.

Porque o planeta não precisa ser salvo da Terra.

Somos nós que precisamos aprender a não desaparecer dela.

IVONETE TEIXEIRA

é neuropsicopedagoga clínica e institucional, com 40 anos de atuação na Educação e 20 anos de experiência em gestão de pessoas. Professora das séries iniciais e do ensino médio, também leciona História do Ensino Médio e é coordenadora pedagógica desde 2009. Atuou como professora visitante da UNIFAP na disciplina de História da Amazônia. É graduanda em Teologia, especialista Gestão Pública, em Terapia Ocupacional, Neurociência aplicada à Educação e Inteligência Emocional. Realiza palestras, cursos e minicursos em escolas, instituições e empresas, integrando ciência, espiritualidade e propósito humano..



Enquanto some no Brasil, Nissan Frontier vira vice-líder no México

O México registrou em julho o melhor desempenho nas vendas de veículos novos desde 2016 (131.772) e o 2º melhor em sua história, de acordo com o Best Selling Cars Blog. Segundo a AMDA, associação de distribuidores no 4º maior mercado do continente americano, foram comercializadas 130.831 unidades no período.

O volume representa uma alta de 3,4% em comparação com julho de 2025 e de cerca de 3,1% sobre junho, quando foram comercializadas 126.902 unidades. Este foi o 5º mês seguido de altas.

GEELY DISPARA ENQUANTO NISSAN MANTÉM LIDERANÇA

O acumulado dos sete primeiros meses de 2026, que chegou a 885.349 unidades, já é o melhor da história, superando as 865.224 unidades de 2017 segundo o BSCB. Novamente líder entre as montadoras, a

Nissan (23.454) foi a única entre as cinco primeiras com desempenho inferior ao do ano passado. Chevrolet (16.163) e Volkswagen (11.687) repetiram suas posições no pódio.

Atrás de Toyota (11.074) e Kia (9.307), a japonesa Mazda (8.847) foi o destaque negativo ao recuar quase 10% no período, a maior queda entre as mais vendidas. Repetindo o cenário de junho, quem registrou um cenário animador foi a chinesa Geely: com 4.203 unidades, quase 128% a mais do que há um ano, a montadora completou seis meses seguidos no top 10.

FRONTIER É VICE-LÍDER E RAM 1200 ENTRA NO TOP 5

Embora recuando quase 8% frente a 2025, o Nissan Versa (7.486) repetiu a liderança de junho e segue em 1º no acumulado do ano. Cada vez mais discreta aqui no Brasil - em julho, foram apenas 34 unidades



comercializadas -, a Nissan Frontier (5.725), por lá chamada de NP300, avançou mais de 28% e assegurou uma dobradinha para a marca japonesa com seu melhor resultado no ano.

Preferido entre março e maio, o compacto Chevrolet Aveo (5.216) completou o pódio. Versão local da Fiat Tigris, a Ram 1200 (3.475) assegurou sua 1ª aparição no top 5. Bem próximo da picape, o

Mazda CX-30 (3.457) foi o nº 1 entre os SUVs e crossovers. Representantes da Nissan, Kicks (1.723), Magnite (1.670) e March (1.621) perderam pelo menos 20% de suas vendas no mês passado.

Novo Honda Prelude 2027 chega só híbrido ao Brasil por R\$ 380.000

Com informações de Rodrigo Perini e David Costa, de Interlagos (SP) - Após meses de ensaio e algumas mostras pelo país, a Honda do Brasil enfim lançou a nova geração do esportivo Prelude. Agora híbrido como o Civic, o cupê de duas portas chega por R\$ 380.000.

Os primeiros interessados que adquirem o modelo na pré-venda, segundo a marca, também contarão com condições especiais de na entrega do esportivo, com capa de proteção própria, porcas antifurto para rodas, miniatura do carro, vitrificação feita pela ProHonda e experiências de direção exclusivas.

PRELUDE JÁ FOI DERIVADO DO ACCORD

Originalmente, o modelo era um cupê baseado no pacato Accord e apostava forte na dinâmica, no baixo peso e em um maior apelo emocional do que o sedã que lhe deu origem. Não era um arrasa-quarteirões em potência, mas seu comportamento e relação peso x potência agradaram em cheio ao público entusiasta.

A nova encarnação, que chegou

ao mundo após um hiato de mais de duas décadas, agora deixa de lado o parentesco com o modelo grande para virar um derivado do Civic da atual geração. Ele continua sendo um 2+2, mas dinamicamente fica mais próximo do sedã e dos hatches médios da japonesa.

COMO É O NOVO PRELUDE

Segundo a Honda, a nova geração mede 4,67 metros de comprimento, 1,80 metro de largura, 1,43 metro de altura e tem entre-eixos de 2,73 metros. Em relação ao Civic sedã híbrido, o cupê é mais longo e mais baixo, mas mantém proporções semelhantes no entre-eixos. A capacidade do porta-malas é menor: são 264 litros no Prelude, contra 495 litros do sedã, diferença esperada pela proposta mais esportiva.

Já diante do Civic Type R da décima primeira geração - vendido só como hatch de cinco portas -, que mede 4.598 mm de comprimento, 1.890 mm de largura e tem entre-eixos de 2.735 mm, o Prelude é mais comprido, porém 88 mm mais estreito. O porta-malas também é menor: o Type R oferece



337 litros, ou 73 litros a mais que o novo Prelude.

Com o Prelude e o Civic Type R, a Honda cria um verdadeiro yin e yang dentro da linha esportiva. O Type R continua como o extremo mais tradicional, com câmbio manual, motor 2.0 Turbo VTEC de 297 cv e 42,8 kgfm e foco assumido em desempenho bruto.

O Prelude já entra como a alternativa para quem busca esportividade com alguma eletrificação, combinando o 2.0 híbrido de 203 cv e 32,1 kgfm do Civic sedã ao mesmo conjunto de suspensão utilizado no hatch esportivo.

E, mesmo sendo só eletrificado, o Prelude traz um tempero próprio. O sistema S+ Shift, inédito

na linha híbrida da Honda, simula trocas de marcha por meio de paddle shifters em um conjunto que, por natureza, funciona como CVT. A solução busca aproximar a experiência do motorista de um câmbio convencional, oferecendo controle mais direto e sensação de maior participação, algo pouco comum em powertrains híbridos.

Fecomércio Amapá alerta para impactos de mudanças na escala 6x1 sobre empregos e empresas

Entidade defende que discussão sobre jornada de trabalho considere a realidade do comércio de bens, serviços e turismo e seja conduzida por meio do diálogo

A Fecomércio Amapá reforça a necessidade de cautela e responsabilidade no debate sobre a proposta que prevê o fim da escala 6x1. A entidade considera legítima a discussão sobre melhores condições de trabalho, mas alerta que uma mudança dessa dimensão precisa levar em conta os impactos sobre a geração de empregos, os custos das empresas e a sustentabilidade dos negócios.

O posicionamento acompanha a manifestação do presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, diante da intenção de acelerar a tramitação da proposta no

Congresso Nacional.

Segundo a entidade, o atual cenário econômico exige atenção. O elevado endividamento das famílias, as dificuldades enfrentadas pelas empresas e as incertezas que afetam investimentos e a geração de empregos tornam necessário avaliar cuidadosamente os efeitos de uma alteração abrupta na organização das jornadas de trabalho.

Para a Fecomércio Amapá, o comércio de bens, serviços e turismo possui características próprias e reúne atividades que funcionam diariamente, atendendo diferentes realidades econômicas. Por isso, a

adoção de uma regra única para a jornada de trabalho pode gerar impactos significativos, especialmente para as micro e pequenas empresas, que têm participação expressiva na geração de empregos formais.

A entidade também chama atenção para a necessidade de que qualquer redução da jornada esteja acompanhada de condições que permitam sua sustentabilidade. Sem ganhos consistentes de produtividade capazes de sustentá-la, a redução da jornada pode resultar em aumento de custos, pressão inflacionária, retração de investimentos e estímulo à informalidade.

“Defender o trabalhador também significa defender o emprego. Qualquer mudança na jornada precisa considerar a realidade das empresas e os impactos sobre a capacidade de contratar e manter postos de trabalho”, destaca a Fecomércio Amapá.

Nesse sentido, a entidade defende a negociação coletiva como instrumento para a construção de soluções equilibradas, permitindo que empregadores e trabalhadores discutam eventuais mudanças de acordo com as características de cada setor e região.

A Fecomércio Amapá reforça ain-

da a importância de que o Congresso Nacional avalie a proposta com serenidade e visão de longo prazo, considerando seus impactos econômicos e sociais. Para a entidade, o Brasil precisa avançar nas relações de trabalho, mas sem colocar em risco a geração de empregos e a sustentabilidade das empresas.

A Fecomércio Amapá defende que o debate seja conduzido com prudência, responsabilidade, diálogo e segurança jurídica, buscando equilíbrio entre a valorização dos trabalhadores e a capacidade das empresas de investir, crescer e continuar gerando oportunidades.

A CONTA JÁ ESTÁ ALTA DEMAIS.

Empresas deixando o País.
Endividamento em alta.
Menos investimentos.
Créditos com juros altos
Custos aumentando.

E, agora, uma mudança profunda nas relações de trabalho pode deixar essa conta ainda maior.

Uma decisão desse tamanho exige análise, diálogo e responsabilidade.

MUDANÇA DAS REGRAS DO TRABALHO ÀS VESPERAS DA ELEIÇÃO?

AGORA NÃO.



 96841115096

 ECOGRAOSAP

ENDEREÇO: AV. SANTANA,
1878 - CENTRO

FÉRIAS

Entre porradas socos e pontapés

JOSÉ ALTINO

Incrível, um país que, entre outras coisinhas, detendo em si, o maior território útil com equilíbrio climático no planeta, que sustenta um sexto da população mundial, tendo também o mais pacífico e alegre povo, paradoxalmente vem ostentando com constância lamentáveis administrações e governos.

Bem abusando daquela Invenção, aqui chamada de democracia.

Se na chefia maior de governo, palácio do Planalto, brasileiro gosta desse negócio de, neles a bagunça é um desatino atrás d'outro. Desconfio até que o Oscar Niemeyer ao projetar aquela serie de pilares, mais que beleza, procurou alguma similaridade com estrebrias.

Sei lá, Oscar era meio comunistóide, homem de temperamento difícil, que o diga Israel Pinheiro, chefe executivo da construção do plano traçado pelo chato. Eram bate-bocas intermináveis. Mas, o caso não é este...

Nada faz, sequer começar a entender, que diabos arranja esta formidável Nação, que politicamente é um verdadeiro despropósito. Bem por isso, nos aparecem Trump's, Macron's e tantos outros de menores significâncias.

Lá pelas bandas de nosso judiciário, há encadeamento constante, a nível nacional de tantas trapalhadas com odores de malfeitos, a causar em desanimo na sociedade civil. Esta atônita, no entanto, permissiva, assistindo a praga vicejar e se alastrar. Fazendo com que alguns poucos, procedam com a justiça e leis, tal fossem bancas de mercados-rias.

Quando na mais alta corte, o procedimento, seja além de "aparição" publica, n base do "vamos tomar um café e combinar o que faremos".

A prejudicar mais a todos e a própria Nação, nas bandas do executivo, o que vale é o chato no saco, depois o puxa, seguidos de tropa de Chalaças, a galgarem as rampas dos poderes. Qualidades, capacidades gerenciais e administrativas, ah, estas se tornam descartadas, até porque o medíocre detesta além de não dar conta da presença de inteligentes eficazes.

A piorar tudo, o grande desequilíbrio cultural existente, mal resolvido, por



interesses eleitorais, tem feito as urnas de anos para cá, mostrar abusivamente verdadeiro festival de sagração a incompetentes. Complicando mais ainda, estarem sempre muito bem acompanhados de notáveis e, na rima intocáveis, salafrários.

Ainda há poucos dias, em recinto do antigamente poderoso Congresso Nacional, de Bonifácio de Andrada, o pau comeu, como na casa de Noca; embora pelo menos aparentemente, o recinto seria bem diferente do da casa dela. E quanto aos brigões presentes em luta, quase o oposto dos contendores da citada Noca, que pagam para lá estar, eles recebem dinheiro grosso ao exercício de suas funções outras, afora o tele-catch.

Agora, o que mais choca mesmo, foi o motivo da pauleira exibida. Simplesmente votação para quebra do sigilo bancário, de contas e negócios do Lulinha, Sim, aquele Lulinha, que sendo milionário, desmente ao pai como "pai dos pobres"

Mas, vamos fazer uma pausa aqui e já voltaremos a falar do Lulinha filho do rei.

O Luís Inacio Lula da Silva, está simplesmente ridículo com aquele chapéu, não vou dizer "afrescado", porque copia o sertanejo porreta alagoano, Aldo Rebelo, senão diria.

Facil perceber, se viva minha mãe, ela iria a Brasília, pediria audiência à presidência da República e o ameaçaria com palmadas, o homem presidente, por se sentar à mesa de chapéu. Coisa menos grave, do que sentar-se sem camisa ou estar a proferir palavras dentro de casa. Isso sei que Lula faz... hum

Mas, voltando ao Lula, o Filho, há alguns anos pude constatar, uma grosseira mentira jornalística em um dos maiores jornais do país, lá de São Paulo.

A nota pé da página a esquerda, de destaque razoável, dizia "que corria um boato" aqui onde moramos, que o citado Lulinha, coitado, não tinha gado nenhum e era tão somente um químico. Não, não tem outra palavra, só essa mesmo, puta que pariu... o cara ainda conseguiu que um grande e histórico jornal, no qual também já tive matérias

publicadas, assumisse junto com ele o status de comprometedores nacionais da verdade, com MENTIRA tão deslavada. Descarada mesmo...

Não consigo mesmo entender, porque Lula o pai tenta tanto esconder isso. Foi produto de roubo? Assalto aos cofres públicos? Eu próprio que conheci, conheço as propriedades posso afirmar que não o foi. Então por que tanta falsidade?

O grande parceiro dele foi um homem de negócio altamente inteligente e sagaz, Daniel Dantas, que há algum tempo se retirou da sociedade. E me parece mais, Lulinha ou vendeu ou ensinou vender a Agropecuária Santa Barbara Ltda e com o dinheiro preferiu seguir a Espanha, para não atrapalhar a reeleição do pai.

Mas, foi ficar a fazer gostoso lobby, olha o que deu!!!

Bom, que o Lulinha está mesmo escondendo algo, sem dúvida nenhuma, até a família ocupante de três ministérios federais sabe bem disso, mas daí a congressistas saírem para o cacete, é duro a qualquer integrante da poder-

osa Nação brasileira simplesmente aceitar.

Pode se garantir, sem sem medo de errar que "nunca antes na história desta país", uma eleição custará tão caro quanto a essa próxima eleição. Não apenas de ordem financeira, mas sobretudo moralmente, com agravantes de socos, porradas e pontapés.

Queira Deus que não se chegue a maiores violências, se preservando sentimentos de paz.

B H / G V / M a c a -
pá-30.08.2026

Jose Altino Machado



JOSÉ ALTINO
JORNALISTA DIÁRIO, ESCRITOR,
AVIADOR, FUNDADOR DA UNIÃO
SINDICAL DOS GARIMPEIROS DA
AMAZÔNIA LEGAL, EX-MEMBRO DO
CONSELHO SUPERIOR DE MINAS.

PAPO ANIMAL

Destrói tudo e late muito? Veja os sinais de ansiedade e tédio no cachorro

ANNA MACEDO

Destruir objetos, latir mais que o normal, seguir o tutor pela casa ou simplesmente ficar mais quieto podem ter um significado além do que se imagina. A especialista em comportamento animal Beatriz França explica que essas mudanças de comportamento costumam ser interpretadas pelos tutores como falta de educação, excesso de energia ou até “manha”. Mas, em alguns casos, podem indicar que o cachorro está entediado, ansioso ou enfrentando alguma dificuldade de adaptação à rotina. Entenda

Destruir objetos e roer móveis por vezes pode não ser falta de educação. Se o cachorro faz isso, principalmente quando está sozinho, pode ser um sinal de ansiedade de separação. Um animal que era tranquilo e passa a latir muito pode estar demonstrando frustração, excesso de energia ou falta de estímulos adequados.

Se o cachorro não consegue relaxar em outro cômodo e segue o tutor o tempo todo, ele está apresentando sinais claros de insegurança e dependência.

Dormir demais e perder o interesse pelas brincadeiras nem sempre significa que o pet é “calmo”.

Mudanças repentinas exigem investigação para descartar até mesmo dores físicas.

Tentar resolver a agitação apenas com mais passeios é um erro. O cachorro precisa de enriquecimento ambiental, desafios mentais (como farejar) e momentos de descanso.

Uma pesquisa publicada na revista Veterinary Research Communications em junho de 2026 revelou que mais de 84% dos cachorros avaliados apresentavam algum nível de medo ou ansiedade em situações do cotidiano. As respostas foram obtidas a partir de dados de 43.517 cães participantes do Dog Aging Project.

Destruição e latidos do cachorro Segundo a especialista, alguns sinais são fundamentais porque aparecem aos poucos e acabam sendo normalizados pela família no dia a dia. A destruição de objetos que antes não interessavam ao cachorro, como móveis e sapatos, é um excelente exemplo dessa mudança gradual.

“Roer móveis, destruir almofadas, sapatos ou objetos da casa pode estar relacionado à necessidade de explorar e gastar energia, e também pode aparecer em situações de ansiedade”, orienta Beatriz.

A profissional alerta que, se o estrago acontece principalmente quando o animal fica sozinho, é importante investigar uma dificuldade relacionada à separação.

Quando um cachorro que era mais tranquilo começa a latir muito, é necessário entender o que mudou. Pode ser uma resposta à frustração,

ao excesso de energia, à falta de estímulo ou à ansiedade.

Excesso de apego e a apatia no cachorro

Outro alerta importante acontece



quando o pet não consegue relaxar em outros cômodos e passa a seguir os passos da família o tempo todo. Essa atitude de acompanhar cada movimento do tutor indica

insegurança, “principalmente quando representa uma mudança em relação ao padrão anterior”, explica a especialista. Um cachorro apático, que dorme

mais e perde o interesse pelas brincadeiras costuma ser ignorado por ser considerado “calmo”, no entanto, é necessário ficar atento aos sinais que vão surgindo aos poucos. Caso ocorra uma mudança persistente dessa apatia, faça uma investigação com especialista, inclusive para descartar causas físicas, antes de focar no aspecto emocional.

Como tratar a agitação e entender o cachorro

A agitação constante, caracterizada pela dificuldade de descansar e rápidas mudanças de atividade, frequentemente é confundida com acúmulo de energia. Beatriz revela que tentar resolver qualquer alteração comportamental aumentando a quantidade de exercício físico é um erro clássico dos tutores.

O cachorro não precisa só correr. Precisa explorar, farejar, interagir, aprender e ter momentos de descanso. O enriquecimento ambiental e a estimulação mental são tão importantes quanto a atividade física. Um animal cansado fisicamente, mas frustrado ou ansioso, não necessariamente estará emocionalmente bem

- Beatriz França

Quando não existe uma causa clínica diagnosticada por um veterinário, o acompanhamento profissional ajuda a identificar os gatilhos. Ao conhecer o próprio cachorro, a família percebe logo o que mudou, afinal, o comportamento é a principal forma do animal mostrar como está se sentindo.

Fonte: É o bicho! (Daniel Lima)



ANNA MACEDO
Assistente Social,
Formanda em Técnico
em administração

Mulher recupera a visão após passar por transplante de olho inédito

Um procedimento inédito trouxe de volta a visão à italiana Elena, de 67 anos. A mulher perdeu a visão em um dos olhos após um acidente de carro — a colisão causou dano no nervo óptico esquerdo, cortando a comunicação entre cérebro e olho e evitando o recebimento e processamento de informações visuais.

O outro olho, o direito, já estava desenvolvendo degeneração macular antes do acidente. A batida piorou o quadro, pois danificou a retina e a córnea. Como o dano foi muito extenso, um transplante de córnea não era uma opção. Assim, Elena ficou sem enxergar.

A mulher precisou se adequar à nova rotina durante cinco anos, inclusive adotando um cão guia. Porém, este ano, cirurgiões conseguiram reverter o caso com um novo tipo de transplante de retina, que passou partes do olho esquerdo para o direito.

Como o olho esquerdo estava intacto mas não funcionava pelo problema no nervo óptico, os médicos decidiram transplantar a córnea, a esclera, a conjuntiva e, pela primeira vez no mundo, a mácula. A região é responsável pela visão de detalhes finos e permite a leitura e reconhecimento de faces.

Os médicos contaram para a mídia local que o procedimento foi uma “maratona muito complexa” que durou quase seis horas, mas que os resultados foram animadores.

Ao acordar, Elena abriu os olhos e conseguiu enxergar, com o olho direito, seu cão guia e reconhecer o rosto do seu filho. Exames posteriores confirmaram o sucesso da cirurgia e a melhora gradual da visão.

“Este procedimento representa uma nova fronteira na cirurgia oftalmológica... nunca havia sido possível transplantar a área central da retina”, afirmam os médicos ao jornal local La Stampa.



SUS terá três novos medicamentos para tratamento do câncer de pulmão

O Ministério da Saúde vai disponibilizar três novos medicamentos para o tratamento do câncer de pulmão. A distribuição dos medicamentos brigatinibe, gefitinibe e durvalumabe será gradual, a partir de outubro. O objetivo é ampliar o cuidado às pessoas com a doença no SUS (Sistema Único de Saúde).

Alguns desses tratamentos aguardam há mais de 12 anos pela disponibilização e, agora, serão financiados pelo Governo Federal, a partir da implementação da Assistência Farmacêutica Oncológica. Ao todo, cerca de 1,9 mil pacientes serão beneficiados.

De acordo com o Ministério da Saúde, a oferta será efetivada de acordo com as tratativas de compra com os fornecedores e as características operacionais de cada tecnologia.

“Estamos em diálogo contínuo

com a indústria farmacêutica para viabilizar, da forma mais ágil possível, a oferta desses medicamentos no SUS. A ampliação das opções de

tratamento é fundamental para fortalecer o cuidado e representa um avanço na assistência oncológica, com potencial para beneficiar ainda mais pacientes e salvar vidas”, disse a secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde, Fernanda De Negri.

ENTENDA SOBRE OS MEDICAMENTOS

Os medicamentos brigatinibe e gefitinibe são de uso oral e atuam sobre alterações específicas das células cancerígenas.

Dessa forma, a administração pode ser realizada na casa do paciente, proporcionando maior conforto em comparação com os esquemas convencionais de quimioterapia. Juntos, os

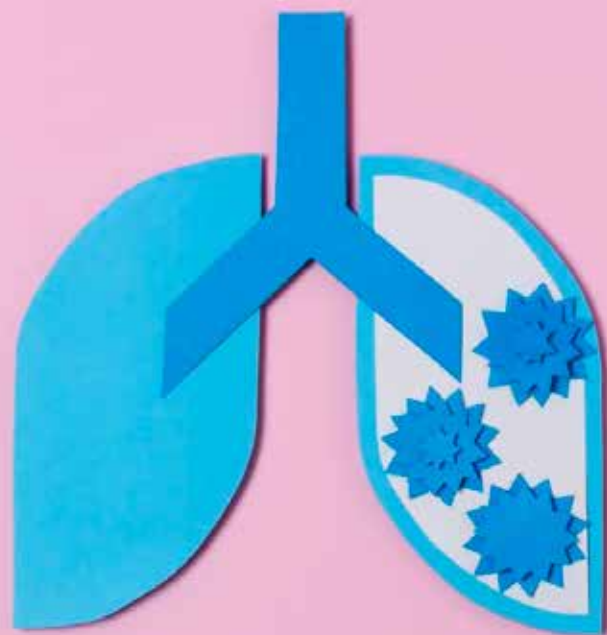
medicamentos custam mais de R\$ 604,2 mil por ano na rede privada.

Já o durvalumabe é uma imunoterapia que estimula ou

potencializa a capacidade do sistema imunológico de combater os tumores cancerígenos. O medicamento é indicado para pessoas com câncer de pulmão

em estágio III que não podem ser tratadas com cirurgia.

Na rede privada, esse remédio pode custar mais de R\$ 643 mil por ano.



Empresas de tecnologia apelam por defesa contra ataques cibernéticos de IA

Grandes empresas de tecnologia assinaram uma carta conjunta pedindo mobilização social para derrotar o que chamaram de uma onda iminente de ataques cibernéticos impulsionados por inteligência artificial. Big techs como Amazon, Microsoft e Google, e desenvolvedoras de IA como OpenAI e Anthropic estão entre as signatárias.

A carta conta com mais de 100 assinaturas, incluindo de companhias de fora do setor de tecnologia, como General Motors, Mastercard e Visa. O documento, intitulado “Um apelo à ação coletiva em defesa cibernética”, afirma que temos tempo limitado para “tornar nosso mundo digital muito mais seguro” diante da ameaça da IA.

“Nos próximos meses, os ciberataques facilitados por IA se tornarão muito mais comuns, à

medida que os modelos em todo o mundo se tornarem cada vez mais capazes”, diz a carta. As empresas ainda pedem que líderes governamentais e da indústria mobilizem “todo o peso de sua tecnologia, recursos e experiência para esse esforço”.

O documento apela para que o governo acelere programas de acesso confiável, que dão a algumas empresas acesso a modelos mais poderosos antes do público em geral, e para que todas as organizações “tornem a defesa cibernética uma prioridade de liderança imediata”.

A CISA, a agência de cibersegurança dos Estados Unidos, e a Casa Branca não responderam a pedidos de comentário da Reuters. O governo de Donald Trump impôs cortes na CISA quando assumiu o poder, e o quadro de funcionários caiu cerca de um terço no ano passado.



Em junho, a aliança de inteligência internacional “Five Eyes” – composta por EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália

e Nova Zelândia – emitiu uma declaração conjunta alertando que a revolução da IA estava prestes a “transformar” a cib-

ersegurança. A organização descreveu a tecnologia como um “risco central para os negócios” e pediu urgência na ação.

Hospital de Campanha Brasileiro na Venezuela deve ser reconhecido pela ONU

O Hospital de Campanha Brasileiro que foi instalado na Venezuela poderá receber a classificação de nível 2 de excelência da ONU (Organização das Nações Unidas) após a atuação de profissionais no apoio às vítimas do terremoto que atingiu o país vizinho.

A informação foi confirmada pelo MRE (Ministério das Relações Exteriores) durante o II Seminário Internacional de Operações Humanitárias e Resposta a Desastres, na Ilha do Governador (RJ), nesta sexta-feira (28).

A classificação de nível 2 indica que a unidade atende aos padrões estabelecidos pelas Nações Unidas para a prestação de serviços de saúde em situações de emergência. O pedido de classificação foi feito pelo MRE (Ministério das Relações Exteriores) e ainda aguarda resposta da ONU.

Durante o evento os participantes poderão conhecer a estrutura e a dinâmica de

funcionamento do hospital, instalado em La Guaira, após o terremoto que deixou mais de 6 mil mortos na Venezuela.

O seminário busca discutir formas de aprimorar a capacidade brasileira de resposta a desastres terrestres e fortalecer as estratégias de atuação em operações humanitárias.

Durante o período de apoio à Venezuela, a embaixadora Glivânia Maria de Oliveira reconheceu o esforço e a excelência prestada pelo Brasil ao país vizinho.

“Estamos lidando com uma emergência, uma tragédia humanitária. O Brasil está atento a essas várias frentes e mobilizado para responder às necessidades que surgem a cada momento”, disse, na época, em entrevista à CNN Brasil.

AJUDA HUMANITÁRIA NA VENEZUELA

Em junho, a costa norte da Venezuela foi atingida por dois dos maiores terremotos



a afetar o país em mais de um século. Entre os mortos, dois eram brasileiros.

O Brasil enviou quatro aviões da FAB (Força Aérea Brasileira) com mantimentos e equipamentos para reforçar

as ações de assistência às vítimas do terremoto.

O Hospital de Campanha montado no país vizinho manteve 30 leitos, capacidade cirúrgica e atendimento emergencial, módulo infantil e

preparo para pandemias.

Além disso, mais de 100 purificadores de água e 12,5 toneladas de medicamentos, vacinas e insumos de saúde foram enviados do Brasil para auxiliar a Venezuela.

SEGUIR JESUS: PERMANECER FIEL NA PROVAÇÃO, CARREGAR A CRUZ E VIVER O AMOR

REV. ANDRÉ BUCHWEITZ PLAMER

Queridos irmãos e irmãs em Cristo. Diz o salmista Davi: “Ó Senhor Deus, eu amo a casa onde vives, o lugar onde está presente a tua glória. (Salmo 26.8).” É uma confissão de onde ele sente-se seguro e protegido. Mas, dá trabalho, é preciso tomar a decisão de sair de casa, de planejar o trajeto até a casa de Deus.

Todavia, todos nós gostamos de caminhos fáceis. Queremos a bonança. Gostamos quando as coisas dão certo, quando nossa família está bem, quando o trabalho prospera, quando temos saúde e quando conseguimos resolver aquilo que nos preocupa. Mas os textos bíblicos de hoje colocam diante de nós uma pergunta importante: Estamos dispostos a seguir Jesus também quando o caminho passa pela provação, pelo sofrimento e pela renúncia? Eita! Agora dependendo da sua vida de fé, alguns dirão: depende! Mas do que? O que é tão importante que negar a Jesus e perder a vida eterna pelos “benefícios” terrenos?

Em Mateus 16, Jesus começa a explicar aos discípulos que deveria ir a Jerusalém, sofrer, ser morto e ressuscitar. Pedro não aceita aquilo. Ele queria um Cristo sem cruz. Queria Jesus, mas não queria o sofrimento. Jesus, porém, mostra que a cruz não era um acidente em sua missão. Era justamente o caminho pelo qual ele salvaria pecadores. Depois, Jesus diz aos discípulos que quem quiser segui-lo deve tomar a sua cruz e acompanhá-lo.

Isso também confronta o nosso coração. Muitas vezes queremos seguir Jesus sem cruz. Queremos a bênção, mas não a perseverança; queremos a vitória, mas não a provação; queremos o consolo, mas não queremos aprender a confiar em Deus quando não compreendemos o que está acontecendo.

Os quatro textos de hoje, porém, apontam para uma mesma realidade. O Salmo 26 mostra alguém que deseja permanecer fiel ao Senhor. Jeremias 15 mostra um profeta cansado e angustiado, mas sustentado por Deus. Romanos 12 mostra como o cristão vive em um mundo marcado pelo pecado: amando, servindo, perdoadando, perseverando e vencendo o mal com o bem. E Mateus 16 nos conduz ao centro de tudo: Jesus Cristo e sua cruz. Por isso, o tema de nossa mensagem é: “Seguir Jesus: permanecer fiel na provação, carregar a cruz e viver o amor.”

Toda a mensagem que apresenta Cristo como salvador ou fala a respeito da obra de Deus tem um princípio de que se destaca: Não somos salvos porque conseguimos seguir perfeitamente a Jesus. Seguimos a Jesus porque ele primeiro nos salvou pela sua cruz.

1. Vejamos que é preciso permanecer fiel na provação - O Salmo 26 apresenta alguém que coloca sua vida diante de Deus. O salmista pede que o Senhor o examine e prove o seu coração. Ele não está dizendo: “Senhor, veja como sou perfeito.” É, antes, uma oração de confiança: “Senhor, conhece-me. Examina-me. Mostra quem eu sou.” O que é também repetido no Salmo 139.23, que trata da presença e conhecimento de Deus em e sobre a nossa vida. Essa oração é importante porque podemos enganar outras pessoas, mas não podemos esconder nosso coração de Deus. Podemos aparentar força, enquanto estamos fracos. Podemos sorrir enquanto estamos sofrendo. Podemos demonstrar confiança diante das pessoas enquanto, dentro de nós, existem medo e dúvidas. Deus conhece tudo isso. Essa realidade aparece de maneira ainda mais intensa em Jeremias 15. Jeremias está sofrendo por causa de sua fidelidade à Palavra de Deus. Ele está cansado, angustiado e enfrentando oposição. Em sua oração, derrama diante do Senhor aquilo que está dentro do seu coração. Isso nos ensina algo muito importante: Ser fiel a Deus não significa viver sem sofrimento. Às vezes imaginamos que, se estivermos seguindo corretamente a Deus, todos os nossos problemas desaparecerão. Mas a Bíblia nunca promete isso. Jeremias era fiel e sofreu.



E na sua queixa apenas recebeu como resposta “se tu voltares para mim poderás continuar meu profeta”, isto é, Deus continua sendo Deus mesmo quando não responde o que queremos. Os profetas sofreram. Os apóstolos sofreram. E o próprio Jesus sofreu ao ponto de excluir; “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste? (Mateus 27.46 - NTLH)”. O que Deus promete não é uma vida sem dificuldades. Ele promete sua presença. No final da passagem, Deus garante a Jeremias que estaria com ele e o livraria. Talvez hoje, cada um de nós tenha muitos “talvez” e você viva com perguntas que aparentemente não estão respondidas para você. Mas, a Palavra de Deus nos permite levar essa dor ao Senhor. Você pode chorar diante de Deus. Pode confessar sua fraqueza. Pode dizer que está cansado. Mas não abandone a Palavra. Nossa esperança não está na força da nossa fé. Afinal, a nossa esperança está na fidelidade de Deus.

2. Contudo é interessante entender que seguir Jesus significa carregar a cruz - Em Mateus 16. Jesus anuncia aos discípulos que iria para Jerusalém para sofrer e morrer, mas que ressuscitaria. Pedro reage imediatamente. Ele chama Jesus à parte e começa a repreendê-lo. Pedro queria impedir Jesus de ir à cruz. Mas Jesus responde de maneira muito forte: “Saia da minha frente, Satanás!” Por quê? Porque Pedro estava tentando afastar Jesus do caminho da salvação. Pedro queria um Messias glorioso, mas sem sofrimento. Queria um Cristo sem cruz. Mas um Cristo sem cruz não poderia nos salvar. Jesus precisava morrer. Precisava carregar nossos pecados. Precisava sofrer em nosso lugar. Precisava receber sobre si o castigo que nós merecíamos. E depois de anunciar sua própria cruz, Jesus fala da cruz dos discípulos. Jesus diz que quem quiser acompanhá-lo precisa “esquecer os seus próprios interesses” e estar disposto a morrer e segui-lo. Isso não significa que precisamos sofrer para conquistar a salvação.

A salvação não é comprada pela nossa cruz. A nossa salvação foi conquistada pela cruz de Cristo. Cristo sofreu por nós. Nós carregamos nossa cruz porque pertencemos a Cristo. Essa diferença é fundamental. Carregar a cruz pode significar permanecer fiel quando seria mais fácil abandonar a fé. Pode significar perdoar quando seria mais fácil guardar rancor. Pode significar dizer não ao pecado quando todos ao redor dizem que não há problema. Pode significar continuar confiando quando não conseguimos entender os caminhos de Deus. Pode significar servir quando ninguém agradece. Seguir Jesus não significa escolher sempre o caminho mais confortável. Significa confiar naquele que já percorreu o caminho da cruz por nós.

3. A cruz não alivia o poder da lei divina, a cruz transforma a maneira como vivemos, pois mostra Deus agindo em nosso favor - em Roma-

nos 12, Paulo começa falando do amor. O amor cristão não deve ser apenas uma palavra ou uma aparência. Deve ser verdadeiro. O cristão é chamado a rejeitar o mal, apegar-se ao bem, honrar os outros, servir, perseverar nas dificuldades e continuar orando. Tiago vai dizer isso da seguinte maneira em Tiago 4.7-10: “obedeçam a Deus e enfrentem o Diabo, que ele fugirá de vocês. 8Cheguem perto de Deus, e ele chegará perto de vocês. Lavem as mãos, pecadores! Limpem o coração, hipócritas! 9Fiquem tristes, grem e chorem. Mudem as suas risadas em choro e a sua alegria em tristeza. 10Humilhem-se diante do Senhor, e ele os colocará numa posição de honra.”

Mas em Romanos 12, Paulo chega a algo extremamente difícil: não pagar o mal com o mal. Isso confronta diretamente nossa natureza pecadora. Quando alguém nos machuca, nossa primeira reação normalmente é revidar. “Ele fez comigo? Eu também vou fazer.” “Ela me prejudicou? Vou mostrar quem sou.” “Não vou levar desaforo para casa.” Esse é o caminho do nosso velho homem. Mas Cristo nos chama para outro caminho. Paulo diz: “Não deixem que o mal vença vocês, mas vençam o mal com o bem.” Isso não significa aprovar o pecado ou permitir que alguém continue praticando injustiça contra nós. Significa não deixar que o pecado do outro produza pecado em nosso próprio coração. E de onde vem essa capacidade? Do Evangelho. Mas o poder de agir assim, está na Palavra, no Evangelho.

Agora acompanhe comigo nesta pequena ilustração - O peso da caminhada - Imagine uma criança caminhando ao lado do pai. O pai carrega uma mochila pesada. Depois de algum tempo, entrega uma pequena mochila à criança. A criança começa a caminhar, mas depois diz: “Pai, está muito pesado. Eu não consigo mais.” O pai então pega a mochila da criança e coloca junto da sua. A criança continua caminhando. Ela ainda está seguindo o pai, mas agora o peso está sendo carregado por ele. Essa pequena imagem nos ajuda a compreender a vida cristã. Jesus realmente nos chama para carregar nossa cruz. Não devemos negar isso. Mas não estamos caminhando sozinhos. E existe algo ainda maior: Cristo já carregou a cruz que nós jamais poderíamos carregar: a cruz do nosso pecado e da nossa condenação. A cruz que nos salva é a cruz dele.

4. Por isso, quando estivermos fracos, olhemos para Cristo - Talvez alguém diga: “Pastor, eu sei que devo perdoar, mas não consigo.” “Eu sei que devo continuar confiando, mas estou cansado.” “Eu sei que devo permanecer firme, mas não tenho forças.” E talvez você pense que isso significa que sua fé fracassou. Mas precisamos lembrar: A fé não é uma força produzida por nós mesmos. A fé recebe Cristo. Uma fé pequena pode agarrar-se a um Salvador grande. Uma mão trêmula pode segurar uma mão forte. Nossa esperança não está na intensidade da nossa fé, mas

naquele em quem a fé confia. Por isso, quando estiver sofrendo, olhe para Cristo. Quando não souber o que fazer, volte à Palavra. Veja o texto do Evangelho, os discípulos tinham medo e dúvidas, mas Jesus continuava sendo seu Senhor.

Na prática - Como essa Palavra pode aparecer em nossa vida durante esta semana? Na família - Talvez exista alguma ferida dentro de sua casa. Alguém disse algo que machucou. Se alguém lhe fez algo que você ainda não conseguiu perdoar. Seguir Jesus significa não permitir que o pecado de outra pessoa produza pecado em nós. Mas, isso não significa aceitar abusos ou injustiças. Significa entregar a vingança a Deus e procurar agir conforme sua Palavra. Não pague o mal com o mal. Vença o mal com o bem. Também, no trabalho - Talvez você esteja enfrentando injustiça ou falta de reconhecimento. Continue fazendo aquilo que é correto. Sua identidade não depende do reconhecimento das pessoas. Você pertence a Cristo. Ou, nos relacionamentos - Existem pessoas difíceis. Existem pessoas que nos provocam. Existem pessoas que não gostamos. Vejam, Romanos 12 nos chama a agir de maneira diferente. Ou ainda na igreja - A igreja também é formada por pecadores. Por isso haverá diferenças, falhas e decepções. Mas a igreja não existe porque somos perfeitos. A igreja existe porque Cristo é nosso Salvador. Por isso, sirvamos. Então, perdoemos. Tenhamos paciência. Encorajemos os cansados. Oremos uns pelos outros. Vivamos o amor que recebemos de Cristo. Ainda, nas provações - Quando você perguntar: “Senhor, onde estás?” Lembre-se de Jeremias. Lembre-se do Salmo 26. Lembre-se de Jesus. E, principalmente, lembre-se da cruz. Se Deus entregou seu próprio Filho por nós, podemos confiar que ele não nos abandonará.

Então concluímos que - Os quatro textos de hoje nos conduzem pelo mesmo caminho. O Salmo 26 nos chama a permanecer diante de Deus. Jeremias nos mostra que um servo fiel pode ficar cansado, angustiado e ferido, mas Deus não abandona os seus. Romanos 12 nos ensina que a fé em Cristo transforma nossa maneira de viver: amamos, servimos, perdoamos, perseveramos e vencemos o mal com o bem. E Mateus 16 nos leva ao centro de tudo: Jesus Cristo e sua cruz. Jesus não escolheu o caminho mais fácil. Ele escolheu o caminho da cruz. Foi rejeitado, humilhado, ferido e morto. Mas ressuscitou. E fez tudo isso por nós. E quando a cruz parecer pesada demais, olhe para aquele que foi à cruz por você.

Porque esta é a verdade que precisamos guardar: Não somos salvos porque conseguimos seguir perfeitamente a Jesus. Seguimos a Jesus porque ele primeiro nos salvou pela sua cruz. Portanto: permaneça fiel na provação; carregue a cruz confiando em Cristo; e viva o amor que Cristo derramou sobre você. E quando você não conseguir, não olhe para a sua própria força. Olhe para Jesus. E aquele que começou a boa obra em seus filhos continuará sustentando-os até o fim. Amém.



REV. ANDRÉ BUCHWEITZ PLAMER
Pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil em Macapá - Congregação Cristo Para Todos; também atua como Missionário em Angola e Moçambique

Robô chinês realiza a 3 mil km de distância cirurgia de remoção total da próstata em Goiás

Uma cirurgia realizada em uma operação a aproximadamente 3 mil quilômetros de distância aconteceu em Goiânia (GO), na última terça-feira (25). O procedimento teve conexão remota com Santiago, no Chile, através do sistema cirúrgico robótico Toumai.

Prostatectomia radical – cirurgia de remoção total da próstata, glândula do sistema reprodutor masculino – foi o procedimento realizado. Este é o principal tratamento para o câncer de próstata localizado.

Segundo Eder Mattos, Gerente Nacional de Educação em Cirurgia Robótica da Hospcom, a telecirurgia representa uma das maiores evoluções da cirurgia minimamente invasiva. “A telecirurgia permite democratizar o acesso à medicina de alta complexidade, conectando especialistas a pacientes localizados em regiões remotas ou com escassez de profissionais altamente especializados.”, co-

menta o especialista.

Esta foi a primeira telecirurgia conectando Goiás ao Chile; a primeira prostatectomia realizada por meio de telecirurgia em Goiás; e a primeira telecirurgia realizada pelo Hospital do Rim.

Requisitos para operação

A operação utilizou duas conexões independentes de fibra óptica, redundância em rede 5G e uma VPN dedicada, para garantir estabilidade e continuidade da comunicação durante todo o procedimento.

Outro requisito fundamental foi a manutenção da latência inferior a 200 milissegundos, parâmetro internacionalmente considerado essencial para garantir resposta praticamente instantânea entre o comando realizado pelo cirurgião remoto e a movimentação da plataforma robótica.

O Toumai combina visão tridimensional em alta definição, instrumentais articulados com sete graus de liberdade e controle preciso dos movimentos,

reproduzindo com os gestos do cirurgião.

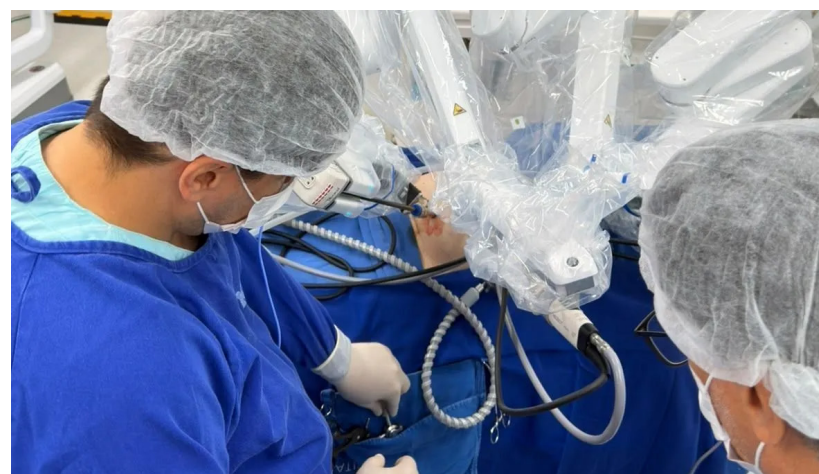
Segundo a empresa, os pacientes podem ter, durante um procedimento realizado com tal tecnologia, menor perda sanguínea, redução da dor pós-operatória, menor risco de infecção, recuperação mais rápida e redução do tempo de internação.

O TOUMAI foi criado em 2014 e realizou a primeira cirurgia robótica em Xangai, na China, em 2019, tornando-se o principal concorrente do Da Vinci, sistema que, até o momento, domina o campo de cirurgia robótica.

Como cirurgia robótica está revolucionando

O câncer de próstata é o segundo mais comum entre os homens no Brasil, segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca). A cirurgia robótica tem ganhado espaço e evidência no tratamento da doença por oferecer maior precisão e recuperação mais rápida.

“Os chineses, praticamente, fizeram um robô que é uma



cópia do robô americano [Da Vinci], mas com algumas melhorias, como maior definição de imagem e o fato de ser o primeiro console que já vem programado para fazer telecirurgias”, explica Bruno Benigno, urologista e oncologista do Hospital Oswaldo Cruz e diretor da Clínica Uro Onco, à CNN Brasil. O especialista teve a oportunidade de testar a tecnologia aqui no Brasil.

“Além dessas melhorias, o robô tem uma proposta de diminuição de custos. Os chineses tiraram alguns gadgets, que eu

diria que são ‘perfumarias’ do console, e isso diminui o custo sem comprometer a usabilidade e a segurança”, explica.

O robô TOUMAI possui uma torre única de onde saem os braços cirúrgicos. Para o cirurgião, ele oferece visão tridimensional e em alta definição, além de vir integrado à funcionalidade de telecirurgia, para cirurgias à distância, e um software para aumentar a sensibilidade tátil do profissional.

*Com informações de Gabriela Maraccini, da CNN

SUA JBL CAIU, MOLHOU, PAROU E NÃO CARREGA MAIS?

A ELETRÔNICA EXATA, está aqui para solucionar seu problema!



ELETRÔNICA EXATA
Rua São Paulo 290 – Pacoval

ELETRÔNICA
EXATA

TEC: VINÍCIUS (96) 99197-2111





ANUNCIE AQUI



ATAS, AVISOS E EDITAIS

**Anuncie
sua
empresa
neste
espaço,
quem não
é visto
não é
lembrado!**



POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
NO ESTADO DO AMAPÁ

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA



PREGÃO ELETRÔNICO Nº 89/2026-SR/PF/AP

A União, por intermédio da SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL NO ESTADO DO AMAPÁ, realizará licitação, na modalidade **PREGÃO ELETRÔNICO**, do tipo menor preço, cujo objeto é a contratação de empresa especializada nos serviços de manutenção preventiva e corretiva, com fornecimento de peças, para embarcações pertencentes a SR/PF/AP e DPF/OPE/AP, conforme condições, quantidades e exigências estabelecidas neste Edital e seus anexos. O Edital está disponível nos sites www.gov.br/compras e www.gov.br/pf, ou disponível para retirada na Sede da SR/PF/AP, em horário comercial, tel. (96) 3213-7500.

DATA DA SESSÃO PÚBLICA: dia 14/09/2026 às 09:00h (horário de Brasília/DF).

MILTON RODRIGUES NEVES
Superintendente Regional – SR/PF/AP

**Anuncie
aqui e
ganhe
visibilidade.
No mercado,
quem não é
visto, é
esquecido**

SUA AJUDA PODE TRANSFORMAR UMA VIDA!

JUNTOS PELA CARLA HELENA

Ajude a vencer o câncer e recuperar a autoestima

Carla Helena está enfrentando o câncer com força, fé e coragem. Agora, ela precisa de nós para continuar essa luta e reconstruir algo que o tratamento também levou: sua autoestima.

Além dos custos com o tratamento, Carla precisa de apoio para realizar a micropigmentação da sobrancelha e da aréola, procedimentos que fazem parte do seu processo de recuperação física e emocional.

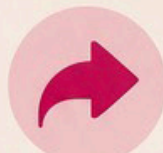


POR QUE SUA AJUDA FAZ TANTA DIFERENÇA?

Porque cada contribuição ajuda Carla a se olhar no espelho com mais amor, dignidade e esperança.



APOIE
com qualquer
valor.



COMPARTILHE
esta vaquinha
com amigos
e familiares.



TORÇA
e envie boas
energias!

CONTRIBUA AGORA!

Acesse, doe e ajude a transformar
essa luta em vitória e autoestima renovada.



Acesse a vaquinha:

vakinha.com.br/6224286

Ou escaneie o QR Code
ao lado com a câmera
do seu celular.



*Juntos, podemos devolver a Carla Helena
o sorriso, a confiança e a beleza de ser ela mesma!*

DOE. COMPARTILHE. FAÇA PARTE DESSA CORRENTE DO BEM.



**GRATIDÃO POR CADA
GESTO DE AMOR!**

Toda ajuda, por menor que seja,
faz uma enorme diferença.





UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA

CURSO DE EXTENSÃO

FLORESTA EM PÉ:

MANEJO FLORESTAL, GEOTECNOLOGIAS E GESTÃO TERRITORIAIS APLICADOS À REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA NA AMAZÔNIA.

📍 Horário: 18h às 22h
Local: Sede da "A Banda" –
Avenida Ernesto Borges,
nº 257, no Centro.



MANEJO FLORESTAL

Boas práticas para o uso sustentável da floresta.



GEOTECNOLOGIAS

Ferramentas modernas para análise e monitoramento territorial.



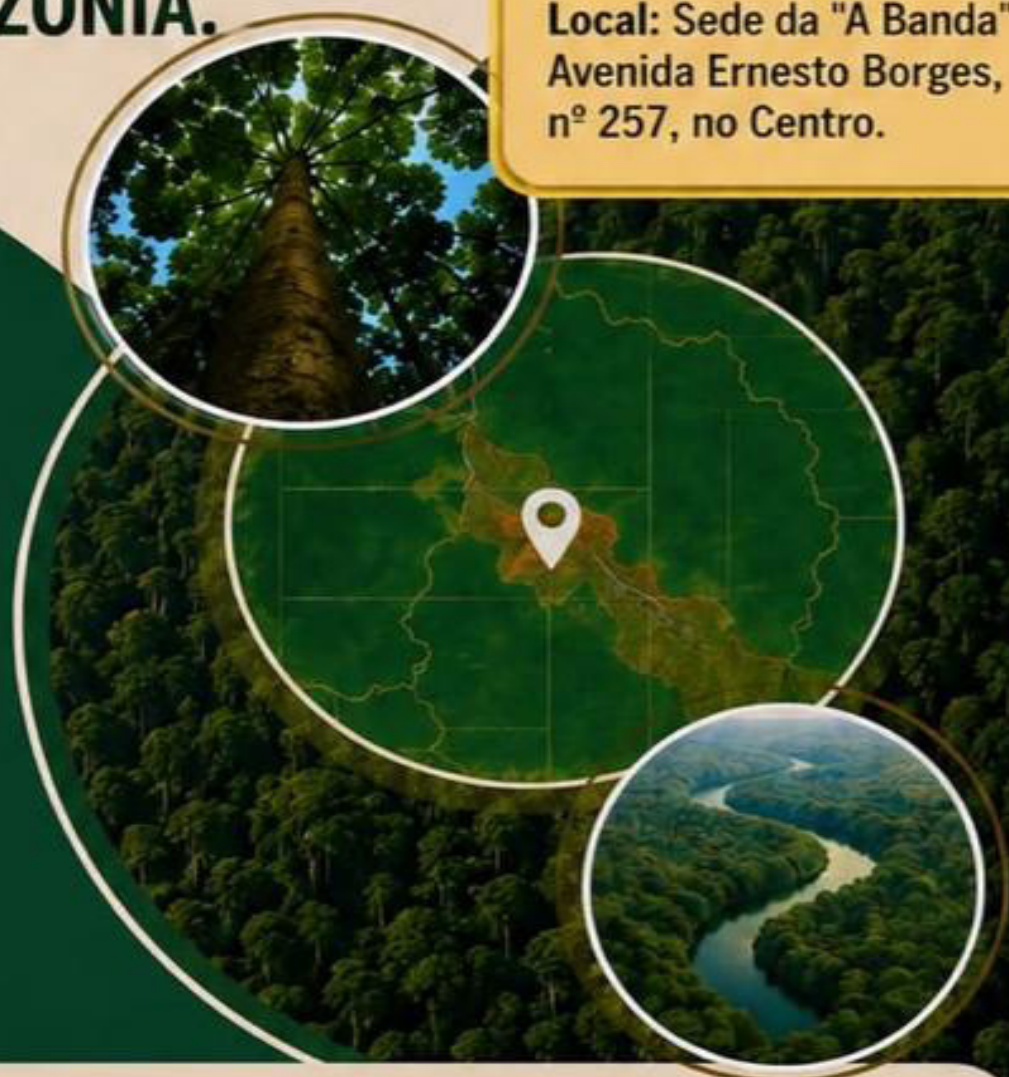
GESTÃO TERRITORIAL

Estratégias para governança, organização a uso do território.



REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA

Caminhos para segurança jurídica e desenvolvimento sustentável na Amazônia.



MINISTRANTE DO CURSO

Profª Drª Cintia da Cunha Soares

Doutorado em biodiversidade e biotecnologia



PERÍODO

31/08 A 04/09/2026

Apoiadores:

FIEAP**CREA-AP**
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Amapá**CRU**
AP

CACHORRO DESAPARECIDO!



**DESAPARECIDO NO
BAIRRO SANTA RITA**



NOME DO CACHORRO:

CHICLETE



**CASO ALGUÉM ACHE
ENTRAR EM CONTATO:**



96 991471468

FALAR COM O GABRIEL

Venha conhecer o novo e maior COWORKING de Macapá!

workcenter.mcp

@workcenter
969810719

Segurança,
Produtividade,
Networking e
Conforto

30 Estações de trabalho

24 Salas exclusivas

4 Salas de reunião

1 Auditório para 50 pessoas

Visite nosso espaço



Av. Duque de Caxias, 931 - Centro. Macapá-AP



O Work Center chegou para transformar a sua forma de trabalhar! Espaços modernos, salas privativas, estações fixas e flexíveis, salas para reuniões e palestras além de escritório virtual para sua empresa.

Tudo isso em um ambiente produtivo e colaborativo!

Entre em
contato agora!
(96) 98107-1919



campanha solidária

PRECISAMOS DA SUA AJUDA!

para a compra do
terreno e construção da

**Igreja da Divina
Misericórdia**

Contas para Transferência:

Banco do Brasil



Agencia: 3851-2

C Corrente: 65.698-4

DOE ATRAVÉS DO PIX:

Escaneie o QR CODE e faça seu
PIX, ou através da Chave:

pp.matias@uol.com.br



Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e
Sangue, a Alma e Divindade de Vosso
diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus
Cristo, em expiação dos nossos
pecados e do mundo inteiro.





Assistência Técnica especializada

CELULAR E TABLET

- TROCA DE FRONTAL
- TROCA DE BATERIA
- TROCA DE CONECTOR
- TROCA DE BOTÕES
- TROCA DE TAMPA
- LIMPEZA
- RESET
- REMOÇÃO DE VÍRUS
- RECOLAGEM DE TELA

NOTEBOOK E COMPUTADOR

- INSTALAÇÃO DE SISTEMA
- INSTALAÇÃO DE PACOTE OFFICE
- INSTALAÇÃO DE MEMÓRIA RAM
- LIMPEZA
- TROCA DE TECLADO
- TROCA DE TELA
- TROCA DE BATERIA
- REMOÇÃO DE SENHA
- FIBRAGEM



9699150-9443



PROFISSIONAIS
QUALIFICADOS



PEÇAS DE
QUALIDADE



SEGURANÇA E
CONFIANÇA



CONSÓRCIO NACIONAL CHEVROLET

O CAMINHO MAIS INTELIGENTE
ATÉ O SEU NOVO CARRO!



VALOR DE CRÉDITO

PARCELA

R\$ 61.074 > R\$ 720,63

R\$ 66.164 > R\$ 769,47

R\$ 76.343 > R\$ 887,85

R\$ 81.432 > R\$ 947,03

R\$ 91.611 > R\$ 1.060,24

R\$ 101.790 > R\$ 1.178,04

R\$ 111.969 > R\$ 1.295,84

VANTAGENS EXCLUSIVAS:

- ✓ Planos flexíveis e acessíveis
- ✓ Crédito garantido para toda a linha Chevrolet
- ✓ Possibilidade de antecipar sua conquista por lance
- ✓ Segurança e confiança de quem é líder no mercado

RUMO AO HEXA
E AO CARRO NOVO!



Consultor

MACEDO



(96) 99149-3218





VENDE - SE

R\$ 830.00,00

GRANDE OPORTUNIDADE



Jardim Marco Zero
Av. Luiza Damasceno Soares
N.º 286 - Próx. ao Sambódromo

Marizete Assis

96 991441710





PODCAST 



Charles

P A N T O J A

Social

UM NOVO JEITO DE
FAZER COLUMISMO SOCIAL



TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS



DAS **17H** ÀS **18H**

— NO —
GRUPO GAZETA
DE COMUNICAÇÃO





LIVRE-SE DAS PRAGAS INDESEJADAS!



Bem-vindo!

Somos a empresa líder no mercado
de Controle de Pragas do Estado

POR QUE ESCOLHER NOSSOS SERVIÇOS?

Experiência Comprovada: 28 Anos de sucesso
no mercado de controle de pragas;

Abordagem Personalizada: Soluções
adaptadas às suas necessidades específicas;

Tecnologia Avançada: Utilizamos as últimas
inovações para resultados superiores;

Prevenção Sustentável: Tratamentos que
visam evitar infestações futuras;

Eficiência Profissional: Trabalhamos
rapidamente, com resultados duradouros.

Conheça Nossos Serviços ESPECIALIZADOS



TEMOS O QUE HÁ DE MELHOR NOS SERVIÇOS DE CONTROLE DE PRAGAS E LIMPEZA EM GERAL

- ✓ Desinsetização;
- ✓ Desratização;
- ✓ Descupinização;
- ✓ Deslocamento de pombos e morcegos;
- ✓ Ubv e Termo Nebulização;
- ✓ Controle de pragas endêmicas;
- ✓ Limpeza de forro com aspiração;
- ✓ Limpeza e desinfecção de caixas d'água e tubulações com análise bacteriológica;
- ✓ Limpeza de poço artesiano;
- ✓ Limpeza à seco;
- ✓ Limpeza de placas solares;
- ✓ Tratamento fitossanitários e quartenários;
- ✓ Expurgo de grãos contaminados;
- ✓ Sanitização de Ambientes;
- ✓ Desentupimentos.

CONTATOS



96 3225-6500
96 99149-0773



exterminio.ap@hotmail.com



Av. Coracy Nunes,
747 B - Centro

www.terminiodedetizacao.com.br

VENDE-SE

CASA EDIFICADA EM
LOTE **MEDINDO 12mX30m**,
COM 180 METROS
QUADRADOS DE ÁREA
CONSTRUÍDA!



Localizado ao lado do Hospital da UNIMED!

Casa com três quartos sendo uma suite, banheiro social, sala de estar e jantar, cozinha, área de serviço, garagem para dois veículos, depósito e um banheiro na área externa; semi mobiliada, com sistema solar incluso; totalmente documentada e apta para financiamento.

**Rua Samuel
Trajano de Souza, 439,
Bairro Jardim Marco Zero**



Tratar com: Rafael Oliveira
96 98120-9995 | 96 99177-9991

Imóvel no Condomínio Vila Tropical

 **QUEIROZ**
IMÓVEIS
CRECI - J - 01

GRANDE OPORTUNIDADE



Casa toda climatizada no condomínio vila tropical, com planejados todeschini, e piscina. Casa em alvenaria, cobertura com platibanda, revestimento cerâmico tipo porcelanato e forro em gesso, com moveis planejados todeschini, composta por: 03 (três) dormitórios sendo dois suítes; 01 (um) Escritorio (reversivel para dormitório); 02 (dois) banheiros sociais; 02 (duas) vagas de garagem; 01 (uma) sala de estar; 01 (uma) sala de jantar; 01 (uma) cozinha; 01 (uma) área de serviço; 01 (uma) área gourmet; 01 (uma) piscina.

Totalizando uma área construída de 196,00 m² (cento e noventa e seis metros quadrados).



LOCALIZAÇÃO DO IMÓVEL ENDEREÇO:

**SITUADO NA ROD. JOSMAR CHAVES PINTO, 4281 –
JARDIM EQUATORIAL, CONDOMÍNIO VILA TROPICAL,
NA RUA 01, CASA Nº 51, MACAPÁ/AP.**



**96 99105-9561 / 98141-2488
96 3225-1633**

Imóvel no Ramal São Francisco

 **QUEIROZ**
IMÓVEIS
CRECI - J - 01

GRANDE OPORTUNIDADE

R\$ 3.800,00



Casa residencial em alvenaria, de 01 (um) pavimento, coberta com telhas de barro, medindo 172,90 m² de área construída, contendo as seguintes dependências:

Garagem para dois carros, sala de estar, balcão, cozinha, área de serviço, 01 (um) dormitório, 01 (um) banheiro social, 02 (duas) suítes, 01 (um) lavabo e 01 (uma) área de lazer com churrasqueira e piscina.



LOCALIZAÇÃO DO IMÓVEL ENDEREÇO:

**LOCALIZADA NA CIDADE DE MACAPÁ/AP,
NA RODOVIA JK, RAMAL SÃO FRANCISCO,
Nº 208 – BAIRRO UNIVERSIDADE, EDIFICADA
EM TERRENO DE 300,00 M², SENDO 12,00 M
DE FRENTE POR 25,00 M DE FUNDOS.**

 **96 99105-9561 / 98141-2488
96 3225-1633**

VENDE-SE ÁREA AGRÍCOLA

R\$ 1.000,000 por
Hectar

JF IMÓVEIS
CRECI: 575 - 12º REGIÃO PA/AP



- Esta área mede 6.250 hectares, fica no município de Tartarugalzinho, distante da Capital Macapá 240, Km ; área ideal pra criação de búfalo ou arroz irrigado. Valor do hectar: RS: 1.000,00. Devidamente Documentado.

José Fontoura
Corretor de Imóveis

(96) 991435795

jfontouraimoveis@gmail.com



Vendo em vários Municípios de Macapá/AP. áreas para o agro negócio a partir de 300 a 49.800 Hectares. Bom pra criação de gado comum, búfalo, açaí e arroz irrigado. Informações com Sr. Fontoura (96)991435795

